

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

DALILA DA CRUZ SILVA

**O MÉTODO DOM BOSCO DE EDUCAÇÃO DE BASE EM
MACHADO:**

**MEMÓRIAS, USOS E APROPRIAÇÕES
(1960 – 1995)**

Itatiba
2013

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

DALILA DA CRUZ SILVA

**O MÉTODO DOM BOSCO DE EDUCAÇÃO DE BASE EM
MACHADO:**

**MEMÓRIAS, USOS E APROPRIAÇÕES
(1960 – 1995)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: História e historiografia

Orientadora: Prof.^a Dra Paula Leonardi

Itatiba
2013

374.7 Silva, Dalila da Cruz.

S579m O método Dom Bosco de educação de base em Machado:
memórias, usos e apropriações. -- Itatiba, 2013.
119 p.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco.
Orientação de: Paula Leonardi.

1. Manual do professor. 2. Alfabetização de jovens e adultos.
3. Memória. 4. Educação de base. I. Leonardi. Paula. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

DALILA DA CRUZ SILVA

**O MÉTODO DOM BOSCO DE EDUCAÇÃO DE BASE EM
MACHADO:**

**MEMÓRIAS, USOS E APROPRIAÇÕES
(1960 – 1995)**

Dissertação aprovada pelo Programa Pós-graduação
Stricto Sensu em Educação da Universidade São
Francisco, como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação

Data de aprovação: 30/01/2013

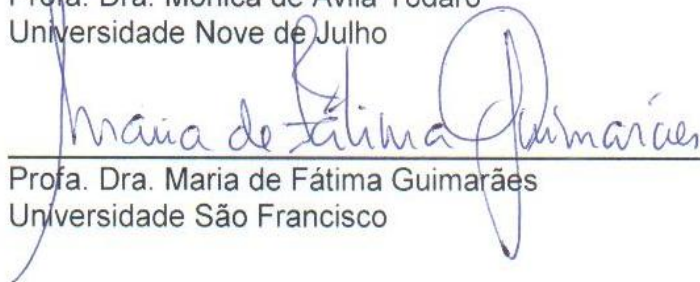
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Paula Leonardi – Orientadora e Presidente
Universidade São Francisco



Profa. Dra. Mônica de Ávila Todaro
Universidade Nove de Julho



Profa. Dra. Maria de Fátima Guimarães
Universidade São Francisco

Aos meus pais, José e Anésia, e aos meus irmãos, com toda a gratidão de quem sempre recebi apoio incondicional em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, presença e força em todos os momentos.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a execução desta Dissertação de Mestrado.

Aos meus familiares, que sempre me deram amor e força, valorizando meus potenciais, a vocês, dedico todas as minhas conquistas.

A todos os meus amigos e amigas que sempre estiveram presentes, aconselhando-me e incentivando com carinho e dedicação.

Aos meus colegas de turma, que tanto me ajudaram a vencer mais esta etapa.

À minha orientadora Paula Leonardi, pelas sábias e oportunas orientações, que tornaram possível a realização desta pesquisa.

Às minhas irmãs Jussara, Kátia, Maria José e Virgínia, pelo apoio incondicional, pela paciência, obrigada por tudo.

Ao meu irmão José Carlos, obrigada por tudo.

À minha prima Dirce, obrigada por tudo.

Às professoras e alunos da Educação de Jovens e Adultos as suas contribuições enriqueceram a pesquisa.

A todos os professores da Universidade São Francisco, obrigada pelos ensinamentos.

Aos funcionários da Universidade São Francisco, pelo carinho e dedicação.

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender o contexto de criação do Método Dom Bosco de Educação de Base, sua concepção de alfabetização bem como aquela dos sujeitos envolvidos neste processo (alunos e professoras), na cidade de Machado (MG), entre os anos 1960 e 1995. Para isso foi analisado o Manual do Professor, foram realizadas entrevistas e foi feita uma revisão bibliográfica pertinente ao tema. O Método Dom Bosco de Educação de Base, assumido e incentivado pela Inspetoria São João Bosco da Congregação Salesiana (Sistema Salesiano de Educação Popular) surgiu em Goiânia, nos anos 60, momento em que o país passava por uma grande crise social, política e educacional. O Método foi sistematizado pelos autores: Padre Tiago de Almeida, Lélío Avelino Barros, Anna Maria Mayrink e Olímpio G.M Ferreira. O Método Dom Bosco chegou a Machado no ano de 1995, por meio de um programa chamado Machado Alfabetizado que tinha como objetivo alfabetizar jovens e adultos. A presente pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo discorre sobre a história do método Dom Bosco de Educação de Base, apresenta alguns métodos de alfabetização no Brasil da década de 60 até hoje e a história da Congregação Salesiana no Brasil. O segundo capítulo discorre sobre a caracterização do método Dom Bosco de Educação de Base e, finalmente, o terceiro foca as memórias dos sujeitos que participaram do projeto Machado Alfabetizado.

Palavras-chave: Manual do Professor. Alfabetização de Jovens e Adultos. Memória. Educação de Base. Congregação Salesiana.

ABSTRACT

This research seeks to understand the context of creation of Don Bosco Method of Basic Education, his conception of literacy as well as one of the subjects involved in this process (students and teachers) in the city of Machado (MG), between 1960 and 1995. For this we analyzed the Teacher's Manual, interviews were conducted and was made a literature review relevant to the subject. The method of Don Bosco Education Base, assumed and encouraged by Inspector John Bosco Salesian Congregation (Salesian System of Popular Education), appeared in Goiânia, in the 60s, when the country was undergoing a major social crisis, education and policy. The method was systematized by the authors: Father James de Almeida, Lelio Avelino Barros, Anna Maria and Mayrink Olímpio GM Ferreira. Method Don Bosco reached Machado in 1995, through a program called Machado Literate which aimed literate youth and adults. This research is divided into three chapters. The first chapter discusses the history of Don Bosco's method of Basic Education, presents some methods of literacy in Brazil in the 60s today and the history of the Salesian Congregation in Brazil. The second chapter discusses the characterization of Don Bosco's method of Basic Education and finally the third focuses on the memories of the subjects that participated in the project Machado Literate.

Keywords: Teacher's Manual. Youth and Adult Literacy. Memory. Basic Education. Salesian Congregation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNBB - Confederação Nacional dos Bispos do Brasil

CPCs - Centros Populares de Culturas

CREFAL - Centro Regional de Educação Funcional par América Latina

CSDP - Centro Salesiano de Educação e Pesquisa

DNE- Departamento Nacional de Educação

EAD - Educação a Distância

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica

FSDB - Faculdade Salesiana Dom Bosco

FUNJOBI - Fundação São Bosco Para a Infância

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES - Instituições de Ensino Superior

ISJB - Instituto São João Bosco

LDBEN-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MCPs - Movimentos de Cultura Popular

MEB - Movimento de Educação de Base

MEC-Ministério da Educação e Cultura

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Educação de Base

ONU - Organização das Nações Unidas

PAJAMBO - Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos

PAS - Programa Alfabetização Solidária

PAV - Programa Acelerar Para Vencer

PNC - Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania

PROET- Programa Escola em Tempo Integral

PSD- Partido Social Progressista

PT-Partido Trabalhista

PTB- Partido Trabalhista Brasileiro

SDB - Sistema Dom Bosco

SEEA - Secretaria Extraordinária Nacional de Erradicação do Analfabetismo

SEMEC - Secretaria Municipal de Educação

SULFRAMA /IEL - Superintendência da Zona Franca de Manaus

UNE - União Nacional dos Estudantes

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Capa do livro: Manual do Professor, edição de 1993.....	49
FIGURA 2 - Imagem do cartaz referente à sílaba TA DO TATU.....	61
FIGURA 3- Imagem do cartaz referente à sílaba GA DE GATO	63
FIGURA 4 - Técnica de palavras cruzadas.....	65
FIGURA 5 – Imagem do cartaz referente à sílaba SA DE SAPATO	66
FIGURA 6 – Imagem do cartaz referente à sílaba DA DE DADO.....	69
FIGURA 7 - Imagem do de um jogo de DOMINÓ.....	70
FIGURA 8 - Imagem dos cartões de um jogo de DOMINÓ.....	70

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O CENÁRIO DOS MOVIMENTOS PELA ALFABETIZAÇÃO, A CONGREGAÇÃO SALESIANA E O MÉTODO DOM BOSCO DE EDUCAÇÃO DE BASE.....	17
2.1 Os movimentos pela alfabetização da década de 60 até Hoje.....	21
2.1.1 Os centros populares de cultura.....	26
2.1.2 Os movimentos da cultura popular.....	28
2.1.3 O MEB – Movimento de Educação de Base.....	29
2.1.4 A cruzada da Educação de Básica.....	31
2.1.5 O Mobral	33
2.1.6 Programas mais recentes de Alfabetização de Jovens e Adultos.....	36
2.2 O Método Dom Bosco.....	38
2.3 A Congregação Salesiana no Brasil:a educação e a criação do Manual do Método.....	40
3 O MANUAL DO MÉTODO DOM BOSCO DE EDUCAÇÃO DE BASE.....	48
3.1 O que o Manual diz de si mesmo: visão de mundo religioso no método Dom Bosco e a visão de mundo em Paulo Freire.....	68
4 MEMÓRIAS	77
4.1 As Professoras.....	78
4.2 Os alunos.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS....	100
ANEXOS	105

1 INTRODUÇÃO

Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre é uma tarefa, uma paciente reconstituição. Há no sujeito plena consciência de que está realizando uma tarefa (BOSI, 1994, p. 39).

Esta pesquisa tem como tema central o *Manual do Professor* do Método Dom Bosco de Educação de Base, edição do ano de 1993. Implantado na cidade de Machado, Minas Gerais, entre os anos de 1960 e 1995. O *Manual* descreve, de forma racionalizada, maneiras de alfabetizar jovens e adultos. Destinado ao professor que atua na alfabetização, apresenta orientações pedagógicas, expõe noções práticas a cerca do fazer docente, descrevendo minuciosamente maneiras apropriadas de ensinar. Segundo os autores, o *Manual* é destinado a todos que desejam alfabetizar jovens e adultos, tendo como referência o Método Dom Bosco de Educação de Base. Perpassa o tema central a questão da memória, pois como fui professora, trabalhei com o *Manual*, li e aprendi com o Método, interessa-me discutir os aspectos pedagógicos, mas também como seus autores constroem sua história, e como alunos e professores relembram essa experiência.

A ideia desta pesquisa está, portanto, imbricada em minha história pessoal, pelos processos de alfabetização vividos por minha família, por mim e pelo fato de que trabalhei como professora utilizando esse *Manual*. Meu primeiro contato com o material analisado aconteceu no ano de 1994, em um curso oferecido pela Prefeitura Municipal de Machado, que treinava monitores para alfabetizar jovens e adultos. A Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) tinha, como Secretária de Educação, a professora Maria José Gonçalves, que fez uma mobilização para difundir uma grande campanha de alfabetização para jovens e adultos na cidade de Machado.

Assim, por gostar de alfabetização, fui trabalhar nesse projeto, no qual estive envolvida por alguns anos. Ainda hoje tenho lembranças da maneira como os alunos eram alocados, das instruções recebidas no curso de formação de monitores para a alfabetização e da aula inaugural. Recordo-me, ainda, do treinamento que recebemos, no ano de 1994, das professoras: Ayrde Siqueira de Assis e Geralda Vieira de Paula, que passavam para o grupo ali presente, idealismo, vontade de ver o desenvolvimento do trabalho em que acreditavam

tanto. Repetiam palavras de Paulo Freire, e ainda o seguinte verso de Raul Seixas “Sonho que se sonha só é só um sonho. Sonho que se sonha junto é realidade”.

Nesse sentido, meu objeto de pesquisa está ligado ao meu percurso como professora da Educação de Jovens e Adultos. Iniciei meu trabalho na área da educação no momento em que o *Manual do Professor* do Método Dom Bosco de Educação de Base estava sendo implantado na cidade. Posso dizer que estudar e trabalhar com esse material foi um marco importante na minha história como educadora. Por esse motivo, resolvi transformar essa experiência em uma pesquisa.

Ao ler o texto de Eliane Marta Teixeira Lopes (2004), “O Aprendiz de feiticeiro e o mestre historiador: Quem faz a história?”, deparei-me comungando com as ideias de Ariès por ela citado. Com base nas ideias dela, a autora diz que existe um vínculo essencial entre a história e o historiador. Ariès mostra que a história é inseparável do historiador ao destacar a importância de sua própria infância nas suas escolhas de pesquisa. Quando fala de sua infância, de sua mãe e da morte de um irmão em um campo de batalha no final da guerra, das providências a serem tomadas para o traslado do corpo, o historiador mostra que o sujeito, mais do que o acontecimento, é quem faz a história.

Então, esta é a minha história, visto que fui professora no Projeto Machado Alfabetizado e esse *Manual* serviu de suporte para a preparação das aulas ministradas por mim.

O Projeto Machado Alfabetizado funcionou entre os anos de 1995 e 1998. A partir do ano de 1998, ele foi reorganizado e passou a se chamar Suplência Municipal Padre José de Souza Ribeiro. Recebeu esse nome em homenagem ao pároco, que trabalhou na paróquia Sagrada Família durante muitos anos. O intuito era criar uma escola de suplência para dar continuidade ao processo, pois o Programa Machado Alfabetizado só trabalhava a alfabetização inicial (jornal Folha Machadense 11/02/1995). Para atender a essa necessidade, a EJA (Educação de Jovens e Adultos) foi autorizada em 16/03/1998, por meio da portaria 59 de 11/03/1998, a fim de dar continuidade aos trabalhos de alfabetização desenvolvidos nos anos anteriores. A EJA funcionou até o ano de 2005, na Escola Estadual Dom Pedro I e, no ano seguinte, passou para o prédio da Escola Municipal Padre José de Souza Ribeiro¹, onde as aulas são ministradas até hoje.

Ao iniciar a pesquisa, pude perceber que, nos livros que registram a história da Congregação Salesiana, não existem registros que contam a história do *Manual* em questão,

¹ Padre José de Souza Ribeiro, pároco do município de Machado (MG), faleceu em 2000.

seus autores, o motivo de sua constituição, as pessoas envolvidas com o processo de alfabetização, as paróquias ou até mesmo os alfabetizados envolvidos no trabalho. Encontrei, apenas, exemplares do *Manual do Professor* dos anos de 1971, 1993, 1996, 1995 e 2001.

O *Manual*, objeto desta pesquisa, foi criado por padres da Congregação Salesiana² ou Pia Sociedade de São Francisco de Sales, em Goiânia, no colégio Ateneu Dom Bosco. Segundo o *Manual do Professor* (1993), o Método fora testado por alguns alunos do Colégio Ateneu Dom Bosco que, em trinta aulas, alfabetizaram sessenta pessoas.

Os registros que aparecem nos livros que retratam a trajetória da Congregação Salesiana, no Brasil, estão relacionados a estudos de cunho histórico sobre a obra de Dom Bosco no Brasil. A maioria dos trabalhos (monografias, dissertações, revistas e outros) tem como objeto de estudo as Inspetorias, as missões desenvolvidas por elas, as figuras influentes nas Inspetorias, o Sistema Preventivo na educação Salesiana, a vida e pedagogia de Dom Bosco e outros.

Analisando livros de autores como Damas (2004), Azzi (2000, 2002), Bittar (2010), Querido (2011), e outros autores que registram a história da Congregação Salesiana no país desde 1875 (momento em que os Salesianos passaram pelo Brasil com destino à Argentina) até hoje, concluí que a história do objeto desta pesquisa, - o *Manual do Professor* do Método Dom Bosco de Educação de Base - ainda não foi explorado.

Esta pesquisa se justifica por debruçar-se sobre um material inédito e tem como questões norteadoras as seguintes indagações:

1- Quais foram os motivos que levaram, na década de sessenta, os padres da Congregação Salesiana, em Goiás, a produzir o *Manual do Professor* do Método Dom Bosco de Educação de Base ?

2- Qual a relação entre os sujeitos envolvidos na pesquisa e o *Manual Dom Bosco de Educação de Base*?

3- Qual a concepção de alfabetização presente no método?

4- Qual a concepção de alfabetização dos envolvidos com o método?

² “É importante ter presente que os Salesianos constituem um grupo de religiosos com características bem típicas; mesmo sendo uma congregação marcadamente clerical, a marca específica de sua fundação era a educação da juventude. Os discípulos de Dom Bosco, portanto, se caracterizam como padres-educadores. Sua função não era o atendimento paroquial ou a cura de algumas, mas o exercício da educação e instrução dos jovens”. (AZZI,2002, p. 111).

Focar o estudo no *Manual* corresponde pensar a questão da educação quanto à formação dos professores envolvidos com esse método, à concepção de alfabetização que perpassa o método e aos sujeitos – professores e alunos - que com ele trabalharam. O *Manual* apresenta também uma memória da elaboração do Método, como os autores o conceberam e como pretendiam que fosse visto.

Para a realização dessa pesquisa, entrevistas foram feitas a fim de alcançar as representações de alfabetização dos sujeitos envolvidos com esse processo de alfabetização. Dessa forma, este estudo tem por objetivos:

- 1 - Compreender a emergência e a criação do *Manual* no cenário político, econômico e cultural do período em que foi criado;
- 2 - Identificar a concepção de alfabetização e o papel do professor presentes no *Manual do Professor*;
- 3 - Analisar as relações dos sujeitos (professoras e alunos) com este *Manual*;
- 4 - Analisar as concepções de alfabetização dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa (professoras, alunos).

Duas datas delimitam este estudo: o momento da criação do Manual em 1960, no colégio Ateneu de Goiás por Padres Salesianos, e sua implantação na cidade de Machado, em 1995, no Projeto de Alfabetização, nomeado Machado Alfabetizado.

Trata-se de uma pesquisa histórica, de caráter qualitativo, que utilizou os seguintes métodos de pesquisa: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas.

A pesquisa bibliográfica procurou abarcar os seguintes temas: a situação política, econômica e cultural do Brasil no período em que o objeto desta pesquisa foi constituído em Goiás; a história da educação na cidade de Machado, local onde o *Manual* foi implantado pela Prefeitura Municipal; os movimentos de educação de base a partir da década de 1960 até o momento atual; e ainda, o percurso dos Salesianos no Brasil.

O *Manual do Professor*, que serviu de base para esse estudo, foi o editado em 1993, produzido pelos padres salesianos Lélío Avelino de Barros, Tiago de Almeida e Olímpio Gabriel. M. Ferreira. A escolha por dessa edição ocorreu justamente por ter sido ela a primeira adotada pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de Machado (MG), local onde o Projeto Machado Alfabetizado foi desenvolvido.

É importante salientar, entretanto, que outras edições desse *Manual* e publicações relacionadas a ele serviram de subsídio para a análise da de 1993. Foram eles:

- Edição de 1970 - Reflexões sobre a Filosofia do Manual SDB (Sistema Dom Bosco de Educação de Base);

- Manual do Monitor, 4ª edição, ano 1971, edição especial da Campanha da Fraternidade. Editora Sonoviso do Brasil, Rio;

- Manual Dom Bosco de Educação de Base, alfabetização de jovens e adultos, autor Lélío Avelino de Barros, Belo Horizonte: Inspetoria São João Bosco – ISJB, 1996. 40p. Manual do telemonitor. Sistema Brasileiro de vídeo comunicação – SBV;

- Manual Dom Bosco de Educação de Base: alfabetização de jovens e adultos, 8ª edição, Belo Horizonte: Inspetoria São João Bosco (2001, p. 104).

Na percepção de Choppin (2004, p. 553), “[...] os livros didáticos exercem quatro funções essenciais, que podem variar consideravelmente segundo o ambiente sociocultural, a época, as disciplinas, os níveis de ensino, os métodos e as formas de utilização”. Em se tratando do *Manual do Professor* do Método Dom Bosco de Educação de Base (1993), objeto desta pesquisa, esse livro assume, então, a função referencial por servir de suporte privilegiado aos conteúdos educativos, por ser depositário dos conhecimentos, habilidades e técnicas que um grupo social acredita ser necessário transmitir às novas gerações.

O que difere o objeto desta pesquisa do livro didático é justamente o uso que é feito do material. O *Manual*, aqui referido, é destinado aos monitores de alfabetização e não aos alfabetizandos. Assim ele serve como instrumento valioso para a orientação do professor, pois se apresenta em uma perspectiva linear básica, prescrevendo como as aulas devem acontecer e até mesmo que tipo de exercícios deve ser aplicado, além de enfatizar as responsabilidades que devem assumir supervisores e professores (ALMEIDA et al. 1993, p. 20). É a partir das diretrizes desse *Manual* que as aulas acontecem. Já o livro didático, é destinado aos alfabetizandos. Entretanto, a função referencial é aqui mantida na medida em que indica procedimentos para o professor e/ou monitor.

O livro didático faz parte da cultura de muitas gerações e, mesmo ao longo das transformações sofridas pela sociedade, ele ainda continua atuando como mediador na construção do conhecimento. Sua origem está na cultura escolar, pois, mesmo antes da invenção da imprensa, os estudantes europeus já produziam seus cadernos de textos. Com a chegada da imprensa, os livros tornaram-se os primeiros produtos a serem feitos em série. O livro didático apresenta vários aspectos, tais como: o pedagógico, o político, o econômico e o cultural. É como um produto cultural composto, híbrido, que se encontra no cruzamento da cultura, da pedagogia, da produção editorial e da sociedade.

Conforme afirma Choppin (2002, p. 69), “os livros didáticos não são apenas instrumentos pedagógicos: são produtos de grupos sociais que procuram, por intermédio deles, perpetuar suas identidades, seus valores, suas tradições e suas culturas.” O *Manual do*

Professor (1993) apesar de não ser um livro didático, apresenta características pertinentes ao livro didático tais como o ideal de pessoa a ser construída, e valores pertinentes a uma sociedade ou grupo. Elaborado por padres da Congregação Salesiana, esse Manual tem como ideal orientar a formação de sujeitos bons, cristãos e responsáveis, apresentando prescrições religiosas a fim de perpetuar costumes e evitar a transgressão das normas de conduta . É por essa perspectiva que o material será estudado.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo discorre sobre o cenário dos movimentos pela alfabetização no Brasil desde a década de 1960 até o momento atual e sobre a história da Congregação Salesiana no Brasil. Mostra ainda a diferença entre a prática pedagógica do Método Dom Bosco de Educação de Base - prescrita no *Manual do Professor* (1993) -, e o Método Paulo Freire. Enquanto em Paulo Freire, a educação é compreendida como prática de liberdade; em Dom Bosco, a prática pedagógica aparece prescrita e racionalizada pronta para ser aplicada.

O segundo capítulo conta a história do *Manual do Professor* (1993), do Método Dom Bosco de Educação de Base. Por quê? Quem? Quando e com qual finalidade esse método foi constituído? Nesse capítulo, ainda aparecem as discussões sobre o conceito de *Manual* e de livro didático. O *Manual*, como sendo um material didático de uso restrito do professor e o livro didático como suporte para a perpetuação de uma prática pedagógica, para criação de identidades, de valores, para conhecimento de culturas, de tradições.

O terceiro capítulo discorre sobre a memória que cerca o uso do *Manual do Professor* (1993). O Método Dom Bosco de Educação de Base e a memória dos sujeitos que participaram do Projeto Machado Alfabetizado.

2 O CENÁRIO DOS MOVIMENTOS PELA ALFABETIZAÇÃO, A CONGREGAÇÃO SALESIANA E O MÉTODO DOM BOSCO DE EDUCAÇÃO DE BASE

Este capítulo faz referência aos movimentos pela alfabetização da década de 1960 até o momento atual, e versa, ainda, sobre a história da Congregação Salesiana no Brasil e do Método Dom Bosco de Educação de Base a partir do *Manual do Professor*. O objetivo deste capítulo é mostrar como esses movimentos surgiram, como atuaram e como a Congregação Salesiana chegou ao Brasil.

Os autores do Método Dom Bosco de Educação de Base procuraram construir um método próprio, que figura na edição de 1993 do *Manual do Professor*. Afirmam que o Método surgiu em Goiânia, nos anos 1960, período em que o estado de Goiás tinha, como bispo, D. Abel Ribeiro Camelo. Naquele momento, o país passava por uma grande crise social, política e educacional, tendo aproximadamente 26 milhões de analfabetos (ALMEIDA et al. 1993). Como o Brasil começou a viver um momento de modernização da indústria, supunha-se que os analfabetos, por falta de instrução, impediam o país de crescer, por não servirem de mão de obra às indústrias que aqui se instalavam. Era necessário preparar o cidadão brasileiro, por meio da educação, para ocupar as vagas nas empresas que aqui chegavam. Assim, por iniciativa de intelectuais, de profissionais liberais e da Igreja Católica, surgiram os movimentos de educação e cultura popular. Todos se uniram em torno de um mesmo objetivo: erradicar o analfabetismo. Segundo Pinto (1986, p. 35),

A educação é necessariamente intencional. Não se pode pretender formar um homem sem um prévio conceito ideal de homem. Este modelo, contudo, é um dado de consciência e, portanto pertence a consciência de alguém, concretamente alguém; concretamente, de alguém que está em um dado tempo, num espaço, em definida posição social.

A sociedade tende a exigir da instituição escolar uma força de trabalho estruturada na sua totalidade e que atenda as demandas sociais em seus vários aspectos. A escola é um espaço cheio de contradições, tendo as mais diversas origens com fins políticos e ideológicos. De acordo com Enguita (1993, p. 197),

A educação formal serve para muitas outras coisas além da qualificação da força do trabalho: é um estacionamento onde deixar as crianças, oculta o desemprego real, forma bons cidadãos, educa futuros consumidores, adentra trabalhadores dóceis, facilita a justificação meritocrática da divisão em classes da sociedade capitalista, permite que a propriedade se esconda atrás do emaranhado da administração, oferece uma oportunidade a capitais improdutivos, satisfaz a demanda popular de cultura e distrai a população de outros problemas mais importantes etc.

O objeto desta pesquisa, - o *Manual do Professor* do Método Dom Bosco de Educação de Base, edição de 1993 e os vinte e sete cartazes que o acompanham- , tiveram como autor o padre salesiano Tiago de Almeida, orientador pastoral dos alunos do Colégio Salesiano Ateneu de Goiás, localizado na cidade de Goiás. Destaca-se que a criação de desenhos, a elaboração da filosofia social e da pedagogia do *Manual* contaram com a participação do padre Lélvio Avelino Barros, da professora Anna Maria Mayrink e do padre Olímpio Gabriel Martins e, ainda, do padre Tiago de Almeida que são referenciados como coautores na capa do *Manual* (ALMEIDA et al. 1993, p. 2).

O próprio *Manual*, na edição de 1993, conforme mencionado na introdução, constrói uma história do Método. Nela se informa que ele foi assumido e incentivado pela Inspeção São João Bosco da Congregação Salesiana (Sistema Salesiano de Educação Popular). De acordo com informações fornecidas pelo padre salesiano Jairo Fonseca de Matos³ (Inspeção São João Bosco para a Infância de Belo Horizonte), a ideia desse *Manual* partiu do padre Tiago de Almeida, falecido em 1985, salesiano da Inspeção São João Bosco. Por isso a Inspeção é a detentora dos direitos autorais do *Manual do Professor*,consequentemente do Método Dom Bosco de Educação de Base. Um de seus maiores divulgadores foi o padre Olímpio Gabriel Martins Ferreira.

Ainda segundo o *Manual do Professor* (1993, p. 12), “O método foi experimentado pela primeira vez pelos alunos do colégio Ateneu Dom Bosco em Goiânia no ano de 1963.” Entre os anos de 1971 e 1972, o Método foi adotado em diversas turmas do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) nas cidades de Barretos e de Belo Horizonte. Contudo, a direção do Mobral proibiu que o Método Dom Bosco fosse utilizado nas turmas de alfabetização, pois se tratava de uma época de arbitrariedade e autoritarismo devido ao governo militar (ALMEIDA et al. 1993, p. 12).

Segundo narrativa construída no *Manual*, foram obrigados a abandonar seus trabalhos por imposição do governo militar. Padre Tiago de Almeida faleceu no ano de 1985 e os demais autores foram trabalhar na CREFAL (Centro Regional de Educação Funcional para a América Latina) a convite da ONU (Organização das Nações Unidas), sediada no México; o padre Olímpio Gabriel Martins Ferreira assumiu a direção do colégio Dom Bosco em Campos (RJ).

De acordo com informações contidas no *Manual do Professor* (1996, p. 13), cidades de diferentes estados e universidades utilizaram este Método durante campanhas de

³ A conversa informal com o padre Jairo Fonseca de Matos aconteceu no dia 25 de agosto de 2011.

alfabetização de jovens e adultos, tais como: Belo Horizonte, Paraguaçu, São Tiago, São João Del Rei, Niterói, Uberlândia, Campanha, Itajubá, Jaciguá, Resende, Três Corações, Damolândia, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Campo Grande, Uberlândia, Campos, Raul Soares, Distrito Federal. Afirma-se que mais de cem mil adultos foram alfabetizados por esse Método dentre os anos de 1967 a 1970. Nos anos seguintes, 1971 e 1972, esses números alcançaram proporções bem maiores (ALMEIDA et al. 1993, p. 12).

Na capital mineira, cerca de dez mil adultos foram alfabetizados de uma só vez por influência da Campanha da Fraternidade de 1971. Esses números atingiram proporções bem maiores nas Campanhas da Fraternidade de 1972 e de 1973, lançadas pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), envolvendo inúmeras dioceses brasileiras.

Conforme o *Manual do Professor* (1996, p. 5), [...] “a Universidade Católica de Brasília utilizou o *Manual* em questão entre os anos de 1993 e 1995, em um grande programa de alfabetização de jovens e adultos por iniciativa do reitor padre Décio Batista Teixeira com apoio da UNESCO.”

Segundo o *Manual do Orientador de Aprendizagem* (1996), no ano de 1996, esse mesmo *Manual* também foi utilizado no projeto Amazônia Ocidental de EAD (Educação a Distância) apoiado pela SUFRAMA/IEL (Superintendência da Zona Franca de Manaus). Essa é uma Autarquia vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior, que administra a Zona Franca de Manaus (ZEM), com a responsabilidade de construir um modelo de desenvolvimento regional, que utilize de forma sustentável os recursos naturais, assegurando viabilidade econômica e melhoria da qualidade de vida das populações locais, e articulada pelo Instituto Euvaldo Lodi, órgão da Confederação Nacional da Indústria (ALMEIDA et al. 1996).

Adotaram também o Método como suporte para a alfabetização a Universidade Federal de Rondônia, a Universidade Federal de Uberlândia e a Universidade Federal do Mato Grosso (ALMEIDA et al. 1993, p. 13).

No ano de 1968, a TV TUPI do Rio de Janeiro, e mais quatorze emissoras, difundiram este Método através de um programa de televisão apresentado por Bibi Ferreira, sob a direção de Paulo Pontes. Esse programa foi reprisado como suporte pedagógico durante as Campanhas da Fraternidade dos anos de 1971 e 1972, com financiamento dos católicos da Alemanha.

Em consulta informal por telefone e por e-mail a Ayrde⁴ da Luz Siqueira Assis, hoje consultora técnica da FUNJOBI (Fundação São João Bosco para a Infância), e ao Padre Jairo de Matos Fonseca, obtive a informação de que o Método, hoje reformulado, é utilizado em programas destinados a ressocialização de detentos na capital mineira. Segundo Ayrde, no ano de 2000, esse material passou a ser utilizado também pelo Instituto Airton Senna no Programa de Aceleração de Aprendizagem, corrigindo a distorção de idade e série no Ensino Fundamental. Também em Angola, na África, o Método é utilizado até hoje, em projetos de alfabetização de jovens e adultos.

O Projeto Machado Alfabetizado, que tem como suporte pedagógico o Método Dom Bosco de Educação de Base, apresenta um modelo de educação não formal. Segundo Gohn (2006, p.6), a educação não formal “[...] é utilizada para atender a necessidade de um determinado grupo social”. No caso da cidade de Machado (MG), a necessidade era alfabetizar jovens e adultos tanto na zona rural quanto na zona urbana.

O mesmo autor (2006, p.6) enfatiza ainda que

[...] a educação não-formal tem outros atributos: ela não é organizada por séries/idade/ conteúdos; por atuar sob aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não formal na atualidade) ela pode colaborar para o desenvolvimento da autoestima e do empoderamento do grupo, criando o que alguns analistas denominam o capital social do grupo. Funda-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte da construção da cidadania coletiva de um grupo.

Assim, a educação não formal tem como objetivos: educar para a cidadania e para a justiça social, educar para liberdade e igualdade, educar para os direitos sociais, humanos, culturais e políticos, educar contra a discriminação, educar pela cultura e para as diferentes manifestações culturais (GOHN, 2006). Ao contrário da educação formal que acontece na escola, a educação não formal não tem local definido para acontecer. A participação dos sujeitos é optativa.

O Projeto Machado Alfabetizado foi desenvolvido em etapas. Cada uma com duração de seis meses. Na primeira etapa, foram atendidos alunos da zona urbana; na etapa, os alunos da zona rural da cidade de Machado. Para que fosse possível atender a todos os interessados, foi preciso montar 35 postos de alfabetização, espalhados por toda cidade, envolvendo nessa

⁴ A conversa informal com Ayrde da Luz Siqueira Assis, consultora técnica da Funjobi, aconteceu no dia 10 de agosto de 2011.

ação 28 monitoras e 4 supervisoras pedagógicas. Teve como locais de funcionamento igrejas, salas emprestadas em cooperativas, escolas isoladas, pátios de fazendas, retiros e outros lugares. A alfabetização era o objetivo desse Projeto e todas as pessoas que desejassem aprender a ler e a escrever podiam participar das aulas sem qualquer tipo de exclusão por raça, credo, opção sexual ou gênero.

2.1 Os Movimentos pela Educação da década de 60 até hoje

Faz-se necessário, neste momento, trazer para a pesquisa um pouco da história das campanhas de alfabetização que existiam no momento em que o Método Dom Bosco de Educação de Base foi elaborado em Goiânia, nos anos 1960 por padres da Congregação Salesiana. Segundo Fausto (2001, p. 446), “[...] mudanças importantes no comportamento da Igreja Católica aconteceram a partir de 1950, muitos de seus integrantes começaram a se preocupar antes de tudo com as camadas populares que constituíam sua base social”. Nesse período, combatia-se o comunismo, mas ao mesmo tempo, sabia-se que os males do capitalismo causavam grandes revoltas.

É importante frisar que alguns seguimentos da Igreja Católica tiveram um papel marcante nas lutas, em prol das questões sociais. As Encíclicas Papais *Rerum Novarum*⁵, *Quadragesimo Anno*, e *Mater et Magistra*⁶ divulgaram a doutrina social da Igreja Católica.

⁵ “O significado da *Rerum Novarum* : sobre a condição dos operários (em latim *Rerum Novarum* significa "Das Coisas Novas") é uma encíclica escrita pelo Papa Leão XIII a 15 de Maio de 1891. Era uma carta aberta a todos os bispos, debatendo as condições das classes trabalhadoras. Wilhelm Emmanuel von Ketteler e Edward Manning tiveram grande influência na sua composição. A encíclica trata de questões levantadas durante a revolução industrial e as sociedades democráticas no final do século XIX. Leão XIII apoiava o direito dos trabalhadores formarem sindicatos, mas rejeitava o socialismo e defendia os direitos à propriedade privada. Discutia as relações entre o governo, os negócios, o trabalho e a Igreja. A encíclica critica fortemente a falta de princípios éticos e valores morais na sociedade de seu tempo e laica, uma das grandes causas dos problemas sociais. O documento papal refere alguns princípios que deveriam ser usados na procura de justiça na vida industrial e socioeconômica, como por exemplo a melhor distribuição de riqueza, a intervenção do Estado na economia a favor dos mais pobres e desprotegidos” .(www.jurassicos.com.br/leao_XIII/rerum_novarum.html)

⁶ “[...] A *Rerum Novarum*, bem como outros trabalhos de Leão XIII e a sua ação no longo cargo como Papa (1878–1903), deu início a uma nova forma de relacionamento entre a Igreja Católica e o mundo moderno, que consiste na abertura da própria Igreja. A Igreja começou a empenhar-se a procurar soluções, à luz do evangelho e dos ensinamentos cristãos, para os problemas sociais vividos pela humanidade.” “[...] Muitas das posições da *Rerum Novarum* foram suplementadas por encíclicas posteriores, em especial a *Quadragesimo Anno* de Pio XI em 1931, e a *Mater et Magistra* de João XXIII em 1961, e por Papa João Paulo II em 1991 com *Centesimus annus*. Estes documentos importantes vieram a constituir o corpo da moderna Doutrina Social da Igreja. Esta

Doutrina, que estabelece políticas e novas formas de ação social. A *Rerum Novarum* aponta que religião e Igreja podem encontrar uma solução para a questão social. Segundo os ensinamentos da Igreja Católica, por todos serem filhos de um mesmo pai, não pode haver diferença entre as classes sociais, assim ela orienta para uma solução da justiça, da solidariedade e de colaboração, mas não para a mudança de posição social. Segundo Oliveira (2005, p. 3),

Para propor soluções eficazes para a questão social é lançada a *Mater et Magistra* do papa João XXIII de 15 de Maio de 1961, relata os novos aspectos da questão social, enfatizando a relação entre os setores produtivos, as relações entre os países de diferentes progressos econômicos, a socialização e a colaboração mundial. Entende que o desenvolvimento social deve acompanhar o desenvolvimento econômico para que os desequilíbrios econômicos e sociais não cresçam e propõe a colaboração e a fraternidade entre as nações para diminuir as desigualdades sociais produzidas pela expansão capitalista.

Assim sendo, a Igreja dividiu-se em diversos seguimentos, que iam do ultraconservadorismo dos bispos Dom Geraldo Sigaud e Dom Castro Meyer às aberturas à esquerda típica da Juventude Universitária Católica (JUC), totalmente voltada às ideias do movimento estudantil. A JUC, aos poucos, foi assumindo posições socialistas e acabou entrando em choque com a hierarquia eclesiástica. Da Juventude Universitária Católica nasceu a AP (Ação Popular), que participou ativamente das lutas políticas desse período e foi reprimida pelo governo militar. Segundo Fausto (2001, p. 446), “[...] a Igreja Católica promoveu a sindicalização rural no nordeste e no mesmo período se opôs as ideias das Ligas Camponesas”. Ainda, segundo este autor, (2001, p. 444),

O movimento rural mais importante deste período foi o das Ligas Camponesas, tendo como líder ostensivo uma figura da classe média urbana - o advogado e político pernambucano Francisco Julião. Julião promoveu as ligas à margem dos sindicatos e tratou de organizar os camponeses, isto é, aquela parcela da população rural proprietária de um pedaço de terra ou com algum controle sobre ela como arrendatário, meeiro, etc.

As ligas começaram a surgir em 1955 e tinham como proposta defender os camponeses contra a expulsão da terra, contra a elevação do preço dos arrendamentos e contra

encíclica também influenciou fortemente na formação de um novo pensamento e movimento político, a Democracia cristã. Este pensamento defende a implantação de uma democracia baseada nos princípios cristãos.” (www.jurassicos.com.br/leao_XIII/rerum_novarum.html)

a prática do cambão. A prática do cambão significava que o morador da terra, ou seja, o colono, deveria trabalhar um dia de graça para o patrão. As ligas, sob o comando de Julião, funcionavam de forma organizada e foram estabelecidas nas capitais dos estados onde estavam os grupos aliados aos camponeses, operários, estudantes, intelectuais revolucionários e uma pequena burguesia, espalhando-se, assim por todo o país. A luta mais importante aconteceu em Pernambuco, pela posse do desativado engenho da Galileia, localizado no município de Vitória de Santo Antão. Na época, o local, cujo dono pretendia transformá-lo em pastagem para a criação de gado, foi desapropriado pelo governo federal e arrendado pelos camponeses sob forma de pequenas propriedades. De acordo com Fausto (2001, p. 445),

Um avanço importante na esfera legislativa em março de 1963, quando Jango sancionou uma lei que dispunha sobre o Estatuto do Trabalhador Rural. A lei instituiu a carteira profissional para o trabalhador do campo, regulou a duração do trabalho e a observância do salário mínimo e previu direitos como o repouso semanal e as férias remuneradas.

Na década de 1960, o Brasil deixou de ser um país agrícola. A população urbana começou a ultrapassar a população rural em números. O país passou a contar com um parque industrial diferenciado e produtivo, entrando em jogo a disputa pelo controle da divisão de lucros proporcionados pelo desenvolvimento industrial. Segundo Ghiraldelli (1991, p. 119),

A contradição entre ideologia nacionalista-desenvolvimentista e a forma de industrialização efetivada manteve-se latente durante todo o período. Em meados dos anos 60 tal contradição se explicitou de forma drástica à sociedade brasileira reclamando uma solução.

Uma vez industrializado o país, tratava de colocar na pauta das discussões a questão da divisão de lucros e os rumos do futuro controle de continuidade do processo de desenvolvimento.

Tal contradição ideológica causou uma discórdia entre a burguesia e as forças de esquerda. A burguesia buscava se firmar no poder e as forças de esquerda iam contra a ideologia nacionalista desenvolvimentista. Bayce (1976, *apud* Carvalho 2009, p. 29) afirma que:

A educação para o desenvolvimento não é, como a referência às transformações econômicas pode deixar parecer, uma educação puramente técnica, sem objetivo ético e conteúdo humanístico. No que diz respeito ao objetivo ético, cumpre notar que a educação para o desenvolvimento requer tanto o processo intelectual do indivíduo como a sua formação moral, o domínio de si próprio, o senso de bem-estar coletivo, a austeridade ao

consumir, a formação da gama de virtudes cristãs, a que a educação de hoje, completamente intelectualizada voltou às costas inteiramente.

As forças de esquerda agitavam a bandeira das reformas de base (reformas tributárias, educacional, agrária e econômica), que tinham como premissa democratizar os lucros do desenvolvimento conseguido. Ainda segundo Ghiraldelli (1991, p. 120),

A radicalização das teses nacionalistas agravou a contradição entre o plano ideológico e a realidade da industrialização. A velha coligação PSD⁷-PTB começou a dar sinais de cansaço. O PSD, sempre hegemônico no governo, perdeu terreno para o PTB. Nos anos 60 com Jango, na presidência, o PTB tomou as rédeas e deu espaço para as forças de esquerda irem as últimas consequências com o nacionalismo. Por esta época, dentro das correntes mais progressistas do PTB falava-se em nacionalização das empresas estrangeiras, no controle da remessa de lucros para o exterior etc. tais teses, mais ousadas, indicavam as possibilidades de abertura de caminhos para algum tipo de socialismo ou de democracia popular, o que assustou a burguesia e deslocou o PSDB para junto da UDN, rompendo a coligação que dava relativa estabilidade àquela democracia liberal, instaurada em 1945. As forças populares e democráticas, as vanguardas de esquerda, os socialistas de diversas matizes (social, democratas, marxistas, socialistas cristãos e etc), uns mais, outros menos, apostavam no PTB como um partido de massas, e se apegavam na figura do presidente Jango, como alguém que poderia conduzir a chamada burguesia progressista a aceitar as Reformas de Base. O janguismo, como uma corrente herdeira do getulismo, ganhou razoável apoio popular nos sindicatos, nas escolas, no seio dos partidos de esquerda legais e ilegais. Daí a razão pela qual esperava-se que o presidente sancionasse o projeto da LDBEN. Mas o presidente preferiu não se contrapor ao Congresso Nacional e acabou aprovando o projeto.

A aprovação da LDBEN abalou as forças progressistas ligadas à educação. Desenganados das possibilidades de a escola pública desempenhar um papel progressista na resolução dos problemas nacionais, os estudantes universitários lançaram-se nas campanhas de educação popular.

Brandão (1984, p.73) afirma que a educação popular pode ser definida como “[...] a possibilidade da prática regida pela diferença, desde que a sua razão tenha uma mesma direção: o fortalecimento do poder popular através da construção de um saber de classe.” Ainda segundo o autor (1984, p.74), “[...] a educação popular é uma prática social. Melhor, é um domínio de convergência de práticas sociais que tem haver, especificamente com a

⁷ PSD- Partido Social Democrático
 PTB- Partido Trabalhista Brasileiro
 PSDB- Partido da Social Democracia Brasileira
 UDN- União Democrática Nacional
 LDBN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

questão do conhecimento. Com a questão da possibilidade da construção de um saber popular. Da apropriação, pelas classes populares do seu próprio saber”.

Nessa efervescência dos anos 1960, multiplicaram-se movimentos, organizações que tinham como objetivo promover a cultura popular, a erradicação do analfabetismo, e a conscientização da população sobre a realidade dos problemas nacionais. Os CPC (Centros de Cultura Popular), os MCP (Movimentos de Cultura Popular) e o MEB (Movimento de Educação de Base) foram responsáveis pelas ações de vários grupos de esquerda que trabalhavam com a cultura das classes trabalhadoras. O objeto desta pesquisa é um método pertencente à Igreja Católica mas foram encontrados registros de ligação com o MEB.

Esses movimentos, que surgiram na primeira metade da década de 1960, tinham como objetivo conscientizar as grandes massas populares por meio da alfabetização e da cultura.

Conforme ressalta Paiva (2003, p. 258),

Os diversos grupos lançam-se ao campo da atuação educativa com objetivos políticos claros e mesmo convergentes, embora cada um deles enfocasse o problema à sua maneira e mesmo lutasse entre si. Pretendiam todos a transformação das estruturas sociais, econômicas e políticas do país, sua recomposição fora dos supostos da ordem vigente; buscavam criar a oportunidade de construção de uma sociedade mais justa e mais humana. Além disso, fortemente influidos pelo nacionalismo, pretendiam o rompimento dos laços de dependência do país com o exterior e a valorização da cultura autenticamente nacional, a cultura do povo. Para tanto, a educação parecia um instrumento de fundamental importância.

A alfabetização de jovens e adultos na década de 1960 foi implementada por vários movimentos que visavam à educação e à cultura popular, mas vale ressaltar que muitos programas destinados à erradicação do analfabetismo acabaram sendo excluídos, após o golpe militar de 31 de março de 1964, por serem considerados de caráter comunista, e alguns de seus membros foram perseguidos ou exilados. (ALMEIDA et al. 1993. p. 12).

A partir do trabalho dos autores Vanilda Paiva e Luíz Eduardo W. Wanderley, serão apresentados os movimentos de alfabetização, que ocorreram entre os anos de 1960 e o momento presente.

São eles: CPC (Centros Populares de Cultura); MCP (Movimentos de Cultura Popular); MEB (Movimento de Educação de Base, fundado em 1961, pela Confederação dos Bispos do Brasil – CNBB); MOBREAL (1961, Movimento Brasileiro de Educação de Base, Governo Militar); Cruzada do ABC (1962, Cruzada da Ação Básica Cristã); Fundação Nacional de Jovens e Adultos: Fundação Educar (1985, governo José Sarney), Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania, MOVA (1989, Movimento de Alfabetização da

cidade de São Paulo); PNC – Plano Nacional de Educação e Cultura (1990, governo Fernando Collor de Mello); Plano Nacional de Educação Para Todos (1993, governo Itamar Franco); Programa Alfabetização Solidária (1997, governo Fernando Henrique); Programa Brasil Alfabetizado (2003, governo de Luiz Inácio Lula da Silva).

2.1.1 Os Centros Populares de Cultura

Os Centros Populares de Cultura surgiram em todo o país, entre os anos de 1962 e 1964. Com uma forte ligação com a UNE (União Nacional dos Estudantes), eles tiveram como ponto de partida o primeiro Centro surgido, em 1961, em Santo André (SP), no sindicato dos metalúrgicos. Logo em seguida, a 1ª UNE volante difundiu iniciativas similares por mais 12 estados. Depois, resultado de grandes debates entre jovens intelectuais e artistas pertencentes ao Teatro de Arena, foram organizados centros semelhantes que contribuíram para a disseminação do movimento que trabalhava a cultura popular e para a propagação do teatro político social, destinado às classes populares.

Nesse momento, esses jovens estudantes, intelectuais e artistas começaram a discutir o problema da marginalização do artista em relação à vida social e política do país e a necessidade de atingir um público mais amplo. Entretanto, o grupo não conseguia atingir o público, ao qual as peças teatrais eram dirigidas, pois elas giravam em torno de posições estéticas, culturais e usavam uma linguagem que a população das camadas populares não entendia. O que movia o CPC (Centro Popular de Cultura) era o teatro de rua, por ser questionador.

Como explica Paiva (2003, p. 261),

[...] as atividades do CPC não se restringiam ao teatro. O próprio CPC da UNE promoveu cursos variados (de teatro, cinema, artes plástica, filosofia), realizou o filme “Cinco Vezes Favela” e o documentário “Isto é Brasil”, promoveu exposições gráficas e fotográficas sobre a reforma agrária, remessa de lucros, política externa independente, voto do analfabeto e Petrobrás em praças públicas e outros pontos de concentração popular, realizou o primeiro Festival de Cultura Popular (quando foram lançados os Cadernos do Povo) e a 1ª noite de Música Popular Brasileira, patrocinou a gravação dos discos “O Povo Canta” e “Cantigas de Eleição”.

Ainda segundo Paiva (2003, p. 261), “[...] somente no final de 1963, o CPC da UNE pensou em cuidar também do problema da alfabetização”. Já outros CPCs, como o de Belo Horizonte, enfatizaram o programa da alfabetização, chegando a elaborar um material didático. Embora houvesse, entre os centros populares de cultura, uma certa divergência para conceituar o que seria cultura popular, eles se uniam em torno de um objetivo principal que era contribuir para o processo de transformação da realidade brasileira. O Centro Popular de Cultura tinha como proposta a alfabetização e a cultura. Paiva salienta que (2003, p. 262)

[...] a cultura popular diria respeito à consciência que imediatamente deságua na ação política e cujo propósito último é a educação revolucionária das massas; seria uma forma de trabalho revolucionário que tem como objetivo acelerar a velocidade com que se transformam os suportes materiais da sociedade num processo que unifica cultura e revolução. A cultura popular era portanto, a cultura produzida para o povo.

A partir de debates ocorridos nos centros populares de cultura, surgiu um movimento de renovação artística no qual despontou um grande número de compositores comprometidos com um novo olhar para a música popular brasileira. Conforme a autora observa, “[...] paralelamente aos CPCs e com influências recíprocas – desenvolviam-se os Movimentos de Cultura Popular” (PAIVA, 2003, p. 264). O CPC (Centro Popular de Cultura) partia da arte para despertar na sociedade a consciência política.

2.1.2 Os Movimentos de Cultura Popular

Em maio de 1960, ligados à prefeitura de Recife, foram criados os Movimentos de Cultura Popular, em menor quantidade que os Centros Populares de Cultura. Esse movimentos nasceram da iniciativa de estudantes universitários, de artistas e de intelectuais pernambucanos que se aliaram ao esforço da prefeitura da capital a fim de combater o analfabetismo e de elevar o nível cultural do povo, aproximando, assim, a juventude intelectual e o povo sob a influência de ideias socialistas e cristãs.

Esse movimento de cultura popular passou a atuar por meio do teatro e da divulgação das diversas formas de arte, além das atividades destinadas à alfabetização e à educação de base, realizadas em associações de cultura popular. As atividades visavam valorizar a produção cultural das massas; buscar a valorização do homem brasileiro e a desalienação de

nossa cultura; e ampliar a discussão dos problemas nacionais para a formação de uma consciência política e social.

Nesse sentido, Paiva (2003, p. 265) assinala que a cultura popular e seu estímulo eram uma atuação política revolucionária:

Partia-se da arte para chegar à análise e à crítica da realidade social. A intelectualidade participante devia libertar-se de todo espírito assistencialista e filantrópico e, sem querer impor seus padrões culturais, procurar aprender com o povo através do diálogo. Buscava-se, assim, a autenticidade da cultura nacional, a valorização do homem brasileiro, a desalienação da nossa cultura; pretendia-se fazer arte com o povo, ampliar a discussão dos problemas nacionais, dinamizar a forma comunitária de vida através do incentivo às manifestações coletivas de arte.

Tais princípios também faziam parte das ações do Movimento de Cultura Popular do Rio Grande do Norte, onde o movimento chamado "De pé no chão também se aprende a ler", foi criado pela prefeitura de Natal, em 1961, e resultou na ampliação da rede municipal de ensino.

Em Pernambuco, o Movimento trabalhava com o apoio de comitês criados nos bairros, para discutir as necessidades locais, o que resultou, por exemplo, na construção, em diversos bairros do Recife, de galpões que serviam de sala de aula. Com escassos recursos, nasceram os "Acampamentos", lugares localizados em pontos estratégicos da cidade nos quais funcionavam classes primárias comuns durante o dia e classes para adultos à noite. Além de cursos profissionalizantes, possuíam pequenas bibliotecas e ofereciam, ainda, a alimentação. Para atender ao problema da qualificação dos professores, a prefeitura de Recife criou, em dezembro de 1962, um Centro de Formação de Professores, o qual se encarregava também da coordenação técnico-pedagógica da Campanha de Alfabetização. A Campanha, que defendia a ideia de que a tarefa fundamental da cultura popular era sobrepor a nossa cultura às estrangeiras, organizou Praças de Cultura, Galerias de Arte, danças populares, além de atividades educativas ligadas à alfabetização e à Educação de Base.

Entre setembro de 1961 e fevereiro de 1963, o Movimento de Cultura Popular de Pernambuco, realizou uma experiência de educação pelo rádio, que foi organizada em escolas experimentais, e para a qual foi preparado o Livro de Leitura do Movimento de Cultura Popular (MCP). Esse livro expunha ao educando uma perspectiva de melhoria de vida por meio de programas de formação profissional. Eram essenciais ao trabalho educativo do movimento os meios informais de educação como: parques, praças e núcleos culturais criados pelo Movimento de Cultura Popular (MCP) em diversos bairros do Recife, para todas as

faixas etárias, caracterizando-se como "[...] uma experiência nova de Universidade Popular." (PAIVA, 2003. p.266).

Os Movimentos de Cultura Popular tiveram grande influência sobre o movimento educativo do período. Suas ideias e sua prática difundiram-se pelo país e influenciaram os Centros Populares de Cultura. (PAIVA, 2003. p. 266).

Os Movimentos de Cultura Popular foram importantes para o desenvolvimento das ideias presentes na metodologia de Paulo Freire, colaborador desse projeto. Outras iniciativas também tiveram grande comprometimento com a promoção da cultura popular, dentre estes podemos citar o Movimento de Educação de Base (MEB), e o Movimento de Desenvolvimento Comunitário de Ijuí no município do Rio Grande do Sul.

2.1.3 O MEB – Movimento de Educação de Base

O Movimento de Educação de Base (MEB) surgiu em março 1961, pelo decreto 50.370, que previa que o governo federal iria colaborar com a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) no processo de alfabetização de jovens e adultos. O Movimento de Educação de Base foi uma iniciativa da Igreja Católica, por meio de convênios consolidados com o MEC, com outros ministérios e com órgãos federais que passariam o dinheiro para a CNBB. A alfabetização aconteceria por meio do MEB, que atuaria no interior dos estados com altos índices de subdesenvolvimento, nas regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste do país. Ampliado depois para todo Brasil, o MEB utilizava a rede de emissoras católicas com a finalidade de difundir a educação de base, além de autorizar a requisição de funcionários federais e autárquicos para prestar serviços no movimento.

Sobre essa questão Wanderley (1984, p. 78) considera que:

[...] o MEB é criação da CNBB e deve pautar dentro de princípios cristãos: que a ação apostólica se fará através da ação educativa... que o MEB enquanto se dirige a uma determinada população, pretende promover o homem em função de sua dignidade de filho de Deus, membro da igreja e não pode aprovar, por isso mesmo, a presente estrutura social, que abrange todo contexto do Brasil. [...] A inspiração do MEB é inegavelmente cristã, pretende que os homens cheguem a uma fé adulta, assumida livre e consciente. Mas a ação educativa do MEB é distinta de uma missão evangelizadora, embora ligada a ela. Evangelização é todo trabalho que ao mesmo tempo, procura promover o homem e revelar-lhe o cristo. Desta forma, nosso trabalho educativo se distingue, mas não se separa do que compreendemos por evangelização; separa-se, na verdade, de uma missão que seja puramente catequética. Por outro lado a evangelização não se constitui nunca em fator de inibição para o trabalho do MEB, embora não

seja motivo próximo imediato... Nosso trabalho educacional, porque se dirige a uma população que na sua maioria, é católica, mas não o é em sua totalidade, nem o é em toda a sua autenticidade, tem que ser colocada nessa linha de respeito profundo aos passos intermediários que, necessariamente levam ao fim último: ao reconhecimento de Deus e da Igreja.

O Movimento de Educação de Base teve o patrocínio da Igreja Católica em sua representatividade oficial - a CNBB - como parte conveniada. Seu conselho diretor, órgão máximo normativo e responsável dentro de uma estrutura, era composto em sua maioria por bispos e de membros advindos da Ação Católica com um número expressivo da Juventude Universitária Católica – JUC.

Ainda segundo Wanderley (1984, p. 64), “[...] o conteúdo do pensamento e as práticas do movimento tinham suas raízes e desenvolvimento marcados decisivamente por reflexões mediadas por leituras cristãs e por práticas consideradas como resultantes de um compromisso cristão”.

No início do ano de 1964, os bispos brasileiros pensaram no desligamento do MEB da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A intenção era a entrega do movimento aos leigos. Entretanto a orientação dada ao movimento pelos leigos não agradava a alguns setores da hierarquia católica. A partir de meados de 1964, o vínculo com a CNBB mostrou-se fundamental para a sobrevivência do movimento, surgido nos anos 1960, como um projeto socioeducativo da Igreja para a sociedade brasileira. O conselho diretor, formado pelos bispos e membros da Ação Católica, até então pouco influentes, passou a ocupar realmente o movimento.

Assim, os movimentos de educação, liderados por pessoas ligadas à Igreja, lançaram-se na tarefa de eliminar as ambiguidades dos seus objetivos e de reestruturá-los assumindo muitos dos papéis ligados à educação, até então desempenhados pelos leigos. A igreja passou a atuar junto aos movimentos de Educação de Base. Conforme aponta Paiva (2003, p. 270),

[...] uma educação autêntica, para o MEB, seria aquela que ‘deixa de ser meramente integrativa, para ser criadora,’ situando o educando na ‘plenitude de seu papel de sujeito da cultura’. Uma educação, portanto, que visa a ação que prepara para a interferência. O trabalho educativo deveria, por isso, visar a conscientização, a mudança de atitudes e a instrumentação das comunidades; a educação de base precisava transcender a mera escola radiofônica e atuar mais profundamente sobre as comunidades rurais. Além de desenvolver uma pedagogia radiofônica própria – considerando as características da cultura popular no meio rural e respeitando essa cultura do homem do interior - o MEB integrou e desenvolveu uma metodologia de Animação Popular nas comunidades, baseando-se na experiência do Senegal.

Essa retomada, essa reestruturação da igreja levou seus membros a atuarem diretamente com as camadas mais populares. Era o início do processo que levaria a profundas mudanças no Movimento de Educação de Base, na segunda metade da década de 1960. A partir de agosto de 1964, novas diretrizes foram tomadas, caracterizando o MEB como um programa evangelizador. Os objetivos de catequese e de instrução religiosa, rejeitados desde os primeiros momentos do MEB, foram nele introduzidos. Definia-se, então, o movimento como uma entidade católica, com propósitos sociais e educacionais, visando colaborar na educação do homem, para que ele se tornasse consciente de sua dignidade de ser humano.

2.1.4 A Cruzada da Ação Básica

A Cruzada da Ação Básica Cristã (ABC) nasceu, em 1962, no Recife, por iniciativa de professores protestantes do colégio evangélico Agnes Erskine. Foi realizado um trabalho de alfabetização com sentido apostólico nos bairros de Recife, com uma perspectiva política que diferia totalmente da perspectiva dos movimentos inspirados no Movimento de Cultura Popular (MCP) ou no Método Paulo Freire. Sua maneira de interpretar, seus fenômenos educativos e seus métodos seguiam linhas diferenciadas.

A atuação da Cruzada partia de iniciativas da Igreja Protestante, mas buscava ligar-se a órgãos estaduais por meio de convênios e recebia também doações de outros países como: Holanda, Alemanha e ainda da fundação Reynold Tobacco Company, sempre por meio das igrejas evangélicas (PAIVA 2003, p. 301).

Conforme a autora observa,

A Cruzada do ABC apresenta características que permitem caracterizá-la como um programa comprometido com a sedimentação do poder político e das estruturas socioeconômicas. Ela é compreendida como um esforço no sentido de anular os efeitos ideológicos dos movimentos anteriores [...] a Cruzada do ABC havia sido planejada com a finalidade de ajudar o homem analfabeto nordestino a acompanhar o desenvolvimento da região. O entusiasmo pela educação pretendia lograr a extinção do analfabetismo entre os adultos e a integração visava capacitar o homem analfabeto a ser participante na sua sociedade como um contribuinte do desenvolvimento socioeconômico e, também receptor de seus bens. (PAIVA, 2003, p. 296)

Ainda segundo Paiva (2003, p. 297),

A luta contra o analfabetismo teria como objetivo eliminar um ponto de estrangulamento dos processos de desenvolvimento enfrentado pelos povos do mundo moderno. Essas afirmações se refletem em influências dos estudos da economia da educação. Afirmava a Cruzada ser o único órgão no Brasil que, embora de caráter particular, possuía uma máquina totalmente montada e com suas engrenagens ajustadas para o trabalho de alfabetização de adultos, campo de ação inteiramente novo no país.

A partir disso, constata-se que Paulo Freire pregava a alfabetização a partir dos saberes da população, das experiências do cotidiano e pensava na valorização dos sujeitos; já a Cruzada, enxergava, no homem analfabeto, o atraso. A Cruzada da Ação Básica, ou seja, a Cruzada do ABC parece contestar os movimentos inspirados no Movimento de Cultura Popular (MCP) ou no método Paulo Freire.

A Cruzada do ABC foi alvo de críticas por seu caráter assistencialista, por não ensinar o homem a se autopromover por meio do trabalho, mas por distribuir cestas básicas. Vale ressaltar que, no que concerne à sua origem evangélica, o movimento sempre deixou claro que era livre de qualquer preconceito quanto ao campo religioso e que seu objetivo era a educação.

O material didático utilizado pela Cruzada da Ação Básica foi elaborado pela Universidade Mackenzie em São Paulo, sob o patrocínio da Confederação Evangélica no Brasil. Entretanto, o seu conteúdo era distante da realidade dos nordestinos. Em decorrência disso, o material era alvo de críticas constantes o que resultou em sua reformulação no ano de 1966. A partir desse ano, passou-se a adotar a cartilha ABC. Esse material didático foi impresso pela Cruzada do ABC e distribuído gratuitamente nas regiões nordestinas onde esse programa desenvolvia suas atividades. Contudo, a Cruzada do ABC, em face de suas dificuldades financeiras, extinguiu-se progressivamente entre os anos de 1970 e 1971.

2.1.5 O Mobral

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), criado pela lei 5.379, no dia 12 de dezembro de 1967, tinha como proposta a alfabetização funcional destinada a jovens e a adultos, com a intenção de conduzir a pessoa a adquirir técnicas de leitura escrita e cálculo, como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida. O objetivo do Mobral era ensinar a ler, a escrever e a contar. Esse movimento pode ser considerado uma continuação das demais campanhas desenvolvidas por Lourenço Filho⁸, mas

⁸ “Manuel Bergstrom Lourenço Filho nasceu 10 de março de 1897, isto é, alguns anos após a Proclamação da República, na vila Porto Ferreira, interior de São Paulo. Educador brasileiro conhecido sobretudo por sua participação no Movimento dos Pioneiros da Nova Escola. No campo da educação, sua colaboração, abrange

com uma ideologia diferente, ou seja, a diferença entre o Mobral e os outros movimentos destinados à alfabetização está no referencial ideológico. Enquanto Paulo Freire propunha a educação como prática de liberdade, o Mobral propunha o condicionamento do indivíduo.

Gadotti (1985, p. 102) afirma que

[...] o interesse maior do Mobral não é “erradicar o analfabetismo” como declaram seus fervorosos defensores. Ele visa (na prática) o “treinamento” para o exercício de uma função no mercado de trabalho, notadamente industrial. Se esse objetivo fosse atingido e o trabalho fosse bem remunerado já seria um passo decisivo para a alfabetização. Mas isso também não ocorre. A “erradicação do analfabetismo” só poderá vir realmente no momento em que sua causa principal for atacada, garantindo a escolarização fundamental para todos. O funcionamento de uma escola discriminatória garante uma clientela permanente ao Mobral e, ao setor industrial, um exercício de mão - de - obra de baixo custo, sempre pronto para substituir trabalhadores que incomodam (doentes, gestantes, grevistas etc.).

O analfabetismo, ainda segundo Gadotti (2002, p. 279), “[...] é a expressão da pobreza, consequência inevitável de uma estrutura social injusta. Seria ingênuo combatê-lo sem combater suas causas”.

Nesse sentido, Paiva (2003, p. 337) afirma que “[...] a Fundação Mobral foi organizada como organismo financiador de programas de alfabetização, devendo funcionar junto com o Departamento Nacional de educação e com o MEC”.

O Mobral foi organizado a partir de uma logística militar, de maneira a chegar a quase todos os municípios do país, ele deveria atestar às classes populares o interesse do governo pela educação do povo, devendo contribuir não apenas para o fortalecimento eleitoral do partido governista, mas também para neutralizar eventual apoio da população aos movimentos de contestação do regime armados ou não. [...] O interesse do governo militar a partir das ações do Mobral era mostrar as classes populares que este se interessava pela educação do povo e ainda atrair populares para o seu curral eleitoral. Os militares ainda nutriam o desejo de afastar os populares de

temas como educação primária, alfabetização infantil e de adultos, ensino secundário, ensino técnico rural, universidade, didática, metodologia do ensino, administração escolar, avaliação educacional, educação física e literatura infanto juvenil” (MONARCHA, 2010, p. 22).

“A CEAA nasceu da regularização do FNEP e seu lançamento se fez em meio ao desejo de atender aos apelos da Unesco em favor da educação popular. No plano interno, ela acenava com a possibilidade de preparar mão-de-obra alfabetizada nas cidades, de penetrar no campo e de integrar os imigrantes e seus descendentes nos Estados do Sul, além de se construir num instrumento para melhorar a situação do Brasil nas estatísticas mundiais de analfabetismo” (PAIVA, 2003, p. 206). CEAA – “Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes. A CEAA teve grande penetração em praticamente todos os estados da federação. Com firme coordenação de Lourenço Filho, estabeleceu convênios com muitas secretarias dos estados em unicípios. Não se limitou a atuar nas capitais, atingiu muitas cidades do interior. Significou, ao mesmo tempo um movimento de alfabetização de adultos e um movimento de extensão da escolarização no meio rural”. (FÁVERO, 2011.p.5)).

eventual apoio a movimentos de contestação ao regime militar. (PAIVA 2003, p. 337)

Acrescenta-se, ainda, como salienta Paiva (2003, p. 346) que

[...] o Mobral é o sucessor nacional da Cruzada do ABC, tendo assumido não apenas as suas dívidas, mas também a sua estratégia de ação e muitos de seus objetivos. As linhas mestras presentes na atuação da Cruzada predominaram nitidamente sobre aquelas propostas pelo DNE: a motivação político-ideológica do programa determinou sua orientação, descartando os critérios estabelecidos pelo MEC. A Cruzada do ABC, na verdade, funcionou na região Nordeste como a contrapartida conservadora dos movimentos de educação popular do início dos anos 60, desencadeando na área uma ação ideológica que visava legitimar a nova ordem junto a população. Através de seu programa, buscava a ABC difundir uma imagem positiva dos militares e dos norte-americanos, demonstrar o interesse do governo brasileiro e norte-americano, “sorte do povo”, inculcar nos participantes a convicção de que a Ascensão social é possível e que ela depende fundamentalmente do esforço individual supondo que isso contribuiria para minimizar as tensões sociais na região.

Gadotti (2000, p.104) aponta em seus estudos que “[...] o Mobral é um programa de massificação social. Veja-se por exemplo, o seu método partindo de um universo vocabular abstrato e elaborado sem distinção para todo o Brasil”.

A impossibilidade do Mobral de desenvolver um trabalho efetivo de alfabetização acontece por seu caráter de isolamento. Só um projeto escolar que integre todas as forças poderia atingir grandes massas, como as massas de analfabetos no Brasil, pois o analfabetismo atinge um território inteiro e pode ser entendido, então, como um problema político, fazendo com que sua superação dependa de uma mudança social e política.

A pedagogia do Movimento Brasileiro de Alfabetização é colonizadora, na medida em que todo o trabalho já chegava prescrito para o professor. A palavra geradora para este tornava-se a descoberta do que foi descoberto pelos programadores do Mobral. Ainda segundo Gadotti (1985, p. 103), é colonizadora “[...] por permitir que os alfabetizados sejam expectadores de uma metodologia que não leva em conta a cultura do alfabetizando, seu regionalismo”. Afirma esse autor (1985, p. 104) que “[...] o Mobral faz parte de uma trama da burguesia para impor valores de uma política dominante”. Gadotti (1985) considera, ainda, que “[...] o Mobral é um exemplo de dominação cultural que humilha o próprio alfabetizando. Ele traduz a concepção da pedagogia do colonizador”.

Salienta-se que esse movimento foi extinto em 1985, depois de mais de dez anos de existência, sendo substituído pela Fundação Educar. Diante disso, Paiva (2003, p. 337) destaca que

[...] o Mobral pode ser apontado como sucessor dos programas pós-64 em matéria de educação de adultos, ou seja, sucessor simultaneamente da Cruzada do ABC como programa alfabetizador, e do Projeto Rondon como “Programa de ação comunitária”, mantendo ao longo da sua existência uma orientação análoga àquela que predominou nesses programas nos anos 60 e que foram – desde o início – intensamente criticados pelos profissionais da educação.

O Mobral adotou o método Dom Bosco na cidade de Barretos, interior de São Paulo, nos anos de 1971 e 1972⁹ (ALMEIDA et al. 1993, p. 12).

Ainda segundo o *Manual do Professor* (1993, p. 12),

[...] devido a sua grande difusão, o método foi adotado em muitas turmas do Mobral no início deste movimento com ótimos resultados haja vista as primeiras turmas de Barretos cuja conclusão do curso contou com a presença do Presidente da República e com ampla cobertura da imprensa. Contudo, a alta direção do Mobral resolveu proibir o Método Dom Bosco dentro e mesmo fora do Mobral: era uma época de arbitrariedade e autoritarismo.

Segundo Carvalho (2010, p. 45), “[...] a Fundação Educar surgiu no país em 1985, no governo de José Sarney como substituta do Mobral e funcionou até o ano de 1990”. Tinha objetivos mais democráticos e não utilizava dos mesmos recursos de que o Mobral dispunha. Foi estabelecida pelo Decreto nº 92.374, de 6 de fevereiro de 1986. Todos os bens do Mobral foram transferidos para a Educar. As diferenças mais marcantes entre o Mobral e a Fundação Educar é que essa última estava de acordo com as competências do Ministério da Educação (MEC), tinha como especialidade a educação básica e as verbas para a execução dos programas iam para as prefeituras municipais por intermédio da Comissão Estadual, responsável por estabelecer as metas da filosofia de trabalho do programa (COEST). A Fundação Educar foi extinta em 1990 e substituída pelo Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), criado em 1961, mas somente apresentado no ano de 1990, porém extinto

⁹ Emílio Garrastazu Médice era o presidente do Brasil nos anos de 1971 e 1972, momento em que o Mobral adotou o Método Dom Bosco de Educação de Base. Em meados de 1969, Costa e Silva ainda vivia, mas sem possibilidade de recuperação. Diante disso, a junta militar declarou vagos os cargos de presidente e vice-presidente da República, marcando eleições, pelo congresso nacional, para o dia 25 de outubro. Determinou ainda que o mandato do futuro presidente começaria a 30 de outubro e terminaria a 15 de março de 1974. (FAUSTO, 2001, p. 482).

no ano seguinte, sem qualquer explicação para a sociedade civil que o apoiou. Carvalho (2010, p. 46) afirma que “este programa consistia em distribuir recursos para projetos destinados à educação de crianças, adultos ou à formação de alfabetizadores treinados pelas universidades”.

2.1.6 Programas mais recentes de alfabetização de jovens e adultos

O Movimento de Alfabetização da cidade de São Paulo (MOVA) foi implantado na cidade de São Paulo, durante a gestão da prefeita Luiza Erundina, no ano de 1989. Nesse momento, São Paulo tinha à frente da Secretaria Municipal de Educação o educador Paulo Freire, que apresentava como proposta principal lutar por um programa de escolarização básica de jovens e adultos. Essa proposta reunia o Estado e as organizações da sociedade civil. O programa foi interrompido durante oito anos, de 1993 a 1999, e novamente, instituído em 2000.

Segundo Gadotti (2000, p. 105), “Inicialmente o projeto Mova foi coordenado por Jorge Pontual, sendo estruturado em colaboração com movimentos sociais e populares da capital, que criaram o Fórum dos movimentos populares e de alfabetização de jovens e adultos de São Paulo”.

Na cidade de São Paulo esse programa de alfabetização era permanente e funcionava em três turnos: manhã, tarde e noite. As aulas são ministradas em salas instaladas em igrejas, creches, empresas, enfim, em lugares onde há necessidade de educação básica é grande.

Ainda segundo Gadotti (2000, p. 105) “Este projeto teve repercussão na cidade de São Paulo e em outros estados, pela proposta de fortalecimento dos movimentos populares. Foi um dos raros exemplos de parceria entre sociedade Civil e Estado”.

Saliente-se ainda, que o programa Mova foi avaliado positivamente por seus organizadores, pesquisadores e observadores estrangeiros. Serviu de referência para outras experiências e se constituiu em um programa que fez parte de uma estratégia de ação cultural voltada para o resgate da cidadania com o intuito de formar governantes, pessoas com autonomia, enfim, multiplicadores de uma ação social libertadora.

O Mova foi extinto, em 1993, na cidade de São Paulo, pela administração de Paulo Maluf, tendo continuidade somente em outros municípios do Estado em espaços de formação

como a PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), sindicatos (CUT - Central Única dos Trabalhadores) e organizações não governamentais como o Instituto Paulo Freire¹⁰.

No ano de 1990, foi criada, no Brasil, a Comissão Nacional de Alfabetização com o objetivo de elaborar diretrizes para a formulação de políticas de alfabetização em longo prazo, as quais, entretanto, não foram assumidas pelo governo federal.

Mais tarde, em janeiro de 1997, surgiu no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, o Programa Alfabetização Solidária (PAS). Segundo Carvalho (2010, p. 46), “[...] este tinha como proposta inicial atuar na alfabetização de jovens e adultos nas regiões Norte e Nordeste do país, mas conseguiu abranger as regiões Centro-Oeste e Sudeste, e outros países da África de língua portuguesa”. A inserção das pessoas não alfabetizadas na Educação de Jovens e Adultos e a continuidade dos estudos foram alguns dos principais objetivos do Programa Alfabetização Solidária. Esse programa inovou com as parcerias formadas entre os poderes públicos federal e municipal, as Instituições de Ensino Superior (IES), as pessoas físicas, as empresas, as instituições, as organizações e o Ministério da Educação (MEC).

O Programa Alfabetização Solidária (PAS) foi dividido em módulos, que duravam seis meses. Durante o primeiro módulo, no primeiro mês, acontecia a preparação dos alfabetizadores, ou seja, um processo de capacitação que variava conforme cada instituição de Ensino Superior. Após a formação dos alfabetizadores, eles começavam o processo de alfabetização. Cada alfabetizador ficava encarregado de uma turma, a qual poderia ter no mínimo de 12 a 15 alunos e, no máximo, 25 alunos. As associações de bairros, escolas, cediam as salas para a alfabetização. Estado e sociedade civil eram parceiras responsáveis pelo apoio financeiro necessário.

Os livros utilizados no Programa Alfabetização Solidária são fornecidos pelo MEC. É importante destacar que algumas das Instituições de Ensino Superior (IES) do Centro-Oeste e do Sudeste além de trabalharem no próprio estado e/ou município, atuam também nos municípios do Norte e do Nordeste. Durante o segundo semestre de 2002, o PAS passou a se chamar AlfaSol e passou a ser uma Organização Não Governamental – ONG. A Alfabetização Solidária (AlfaSol) é uma entidade da sociedade civil criada em 1996 com a missão de disseminar e fortalecer o desenvolvimento social por meio de práticas educativas sustentáveis. Com um modelo simples de

¹⁰ “O Instituto Paulo Freire surgiu a partir da ideia do próprio educador na cidade de São Paulo. Ele desejava reunir pessoas e instituições que, movidos pelos mesmos sonhos de uma educação humanizadora pudessem aprofundar suas reflexões, melhorar suas práticas e fortalecer na luta pela construção de um outro mundo possível. Atualmente, considerando-se cátedras, Institutos Paulo Freire pelo mundo e Conselhos Internacionais de Assesores, o IPF constitui-se numa rede internacional que possui membros distribuídos em mais de 90 países em todos os continentes, com o objetivo principal de dar continuidade ao legado de Paulo Freire e de reinventá-lo”. (Disponível em: <www.paulofreire.org/oinstitutopaulofreire.org.br>)

alfabetização inicial, inovador e de baixo custo, baseado no sistema de parcerias com os diversos setores da sociedade, a Organização trabalha pela redução dos altos índices de analfabetismo no país (da ordem de 13,6 % segundo o censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE). Sua missão contempla ainda a ampliação da oferta pública de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil.¹¹

Em janeiro de 2003, foi criado o Programa Brasil Alfabetizado pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que apresentava como proposta a erradicação do analfabetismo no Brasil. A Secretaria Extraordinária Nacional de Erradicação do Analfabetismo (SEEA) era a encarregada de organizar e de coordenar o programa. O objetivo do programa não era só a alfabetização, mas também a inclusão social de pessoas analfabetas. O programa contava com a participação do governo, de empresas, de IES, de ONGs, de associações e de outras organizações de sociedade civil.

2.2 O Método Dom Bosco

O Método Dom Bosco¹² de Educação de Base, objeto desta pesquisa, constituído na década 1960 por padres salesianos, no colégio Ateneu de Goiás, foi implantado em diversos estados do país e estava atrelado às ações do Movimento de Educação de Base (MEB), criado pela Igreja Católica.

A Educação de Base era destinada às crianças, aos adolescentes, aos jovens e aos adultos que não tiveram chance de se alfabetizar na idade própria, e compreendia o mesmo conteúdo da escola primária: ler, escrever, contar, oferecer noções de higiene e nutrição, de prevenção de doenças endêmicas e transmissíveis, cuidados pré e pós-natal, práticas agrícolas e economia doméstica, civismo, ao qual a Igreja acrescentava a catequese.

É importante ressaltar que o Método Dom Bosco de Educação de Base utilizava uma série de palavras-chave, escolhidas pelo seu valor fonético, isto é, por sua pronúncia. Ensinavam-se apenas 27 sílabas básicas, sendo duas sílabas em cada aula. (ALMEIDA et al. 1993, p. 14). A representação gráfica da sílaba nasce de um desenho gerador. Na escolha das

¹¹ Disponível em: <www.alfasol.org.br/site/alfasol>.

¹²“São João Bosco (1815-1888). Natural de Castelo Novo d’Asti na Itália foi Dom Bosco ordenado sacerdote em 1841. Nesse mesmo ano, deu início a seu apostolado em favor das crianças pobres e abandonadas. Apesar das grandes dificuldades que teve que enfrentar, sua obra tornou logo grande desenvolvimento. Em 1851, começou a construção do oratório de Valdocco, fundado em seguida a “Sociedade Salesiana” e a congregação das religiosas de “Nossa Senhora Auxiliadora”. Essas duas sociedades religiosas se irradiaram pelo mundo inteiro, criando escolas, orfanatos, oratórios, missões etc”. (ORDEM FRANCISCANA SECULAR, 2012); Disponível em: <http://ofsabaete.blogspot.com.br/2012_01_01_archive.html> .

palavras-chave, analisou-se também a maior ou menor frequência com que as sílabas aparecem em nossa língua corrente (ALMEIDA et al. 1993, p. 15).

“O Método Dom Bosco baseia-se na associação de sílabas, e não parte de uma sílaba isolada, como um "ta" solto no espaço, mas parte de um "ta do tatu". Antes é apresentado o tatu, em desenho, por escrito e em conversa; só depois é que a palavra é dividida” (ALMEIDA et al. 1993, p. 14).

Segundo o *Manual do Professor* (1993), o Método compreende, além da leitura, da escrita e da conversação sobre a realidade dos alunos a partir das necessidades básicas do homem, as quatro operações matemáticas fundamentais e algumas noções práticas sobre medidas, dinheiro, bancos etc. Para Beisiegel (1974, *apud* FÁVERO, 2011, p. 2),

[...] a Educação de Base seria, então, esse mínimo fundamental de conhecimentos, em termos das necessidades individuais, mas levando em conta os problemas da coletividade, e promovendo a busca de soluções para essas necessidades e esses problemas, através de métodos ativos. Definindo como objetivo da educação de base o conjunto das atividades humanas e recomendando que cada programa deveria ser elaborado a partir das necessidades e problemas mais prementes da coletividade interessada ou a ser motivada, a Unesco abria um abrangente leque de conteúdos visando à formação de atitudes e transmissão de conhecimentos. (BEISEGEL, 1974, p.81-82)

O objetivo do Método Dom Bosco, de acordo com o *Manual do Professor* (1993), é colaborar para que o adulto aprofunde a consciência crítica de si mesmo e de sua realidade, e adquira as capacidades de ler, de escrever e de efetuar as quatro operações matemáticas fundamentais, como base e instrumento para melhor desempenho e valorização pessoal, familiar, profissional cívico-social. Tal processo é que constitui, para a UNESCO, a “Alfabetização Funcional” ou “Educação de Base” (ALMEIDA et al. 1993).

Nesse sentido, considerando que o Método Dom Bosco liga-se ao Movimento de Educação de Base, Paiva (2003, p. 259) afirma que

[...] embora muitos movimentos tenham se caracterizado “como voltados para a promoção da cultura popular” tanto em relação aos seus objetivos políticos quanto em sua metodologia, os principais movimentos deste gênero foram os Centros Populares de Cultura e os Movimentos de Cultura Popular. Além deles, também o MEB a partir do seu segundo ano de atuação – passou a caracterizar-se como um movimento dessa natureza.

É importante ressaltar que, dentre os muitos movimentos que surgiram da década de 1960 até hoje, os que conseguiram resultados significativos foram aqueles ligados ao

pensamento de Paulo Freire, educador que dizia que a educação deveria propiciar aos homens uma reflexão de si mesmos, e que eles poderiam ser agentes de sua própria transformação. Tal reflexão partiria da análise da sociedade em que eles vivem, ao contrário de movimentos como o Mobral e a Cruzada do ABC, que pregavam uma educação alienada, massificadora.

Nessa perspectiva, o *Manual* em questão se distancia da proposta de Paulo Freire, visto que prescreve a prática educativa tendo como pano de fundo um intento religioso, que aparece no diálogo entre a apresentação de uma sílaba e outra.

A aula de nº 13, por exemplo, do *Manual do Professor* (1993, p. 42), traz as seguintes prescrições: para o estudo da sílaba Da de DADO, o tema da conversa é o jogo, a sorte, o fatalismo, a aventura (dado, varinha mágica) que nada constroem. A necessidade do trabalho (luta do trabalhador), qualquer que seja ele, constrói o homem e o mundo (ALMEIDA et al. 1993, p. 42). Nessa prescrição, podemos notar um discurso ligado à religiosidade e a evangelização. A Igreja é contra o jogo do azar. O homem vai se constituindo como sujeito a partir de muitas lutas e não à custa da desgraça alheia. Segundo Pinto (1986, p. 37), “[...] o analfabeto não é um ignorante, não é um inculto, mas apenas um portador de formas pré-letradas de cultura (as quais coexistem às vezes com uma nascente consciência crítica de seu estado, de seu papel social, de seu trabalho)”.

2.3 A Congregação Salesiana no Brasil, a educação e a criação do Manual e do Método

Para realizar esta pesquisa, foi necessário entrar em contato com pessoas da Congregação Salesiana visto que o objeto desta pesquisa, - o *Manual Dom Bosco de Educação de Base* - foi criado por seus padres, que, aliás, nunca estiveram na cidade de Machado (MG), local onde o *Manual* foi lido e o Método aplicado.

O motivo desses contatos foi a procura por fontes de pesquisa, uma vez que somente as fontes secundárias não são suficientes para responder aos questionamentos que foram surgindo no trajeto da pesquisa.

O autor Riolando Azzi, em seu livro *A obra de Dom Bosco no Brasil*, publicado em três volumes, relata o trabalho dessa congregação em períodos diferentes. O volume I, publicado no ano 2000, relata a implantação da Obra Salesiana em um período que vai de 1883, momento em que chegaram ao Brasil, até 1908. O volume II, publicado no ano 2002, relata a consolidação da Obra Salesiana no período de 1908 até 1933. O volume III discorre sobre a expansão da Obra Salesiana no período de 1933 até 1958. O quarto volume dessa

obra, que ainda se encontra no prelo, intitula-se *Novos Rumos da Obra Salesiana* e retrata o período que vai de 1958 até 1983, sendo que o objeto desta pesquisa, o Manual Dom Bosco de Educação de Base, foi elaborado na década de 1960.

Riolando Azzi¹³ faz um registro da obra de Dom Bosco no Brasil, mas não traz relatos dos trabalhos relacionados à educação de base desenvolvida por padres salesianos em Goiás. Nas pesquisas, até então realizadas em livros, revistas impressas pela Congregação Salesiana, e nas universidades¹⁴ que se apropriaram do Manual para alfabetizar jovens e adultos em grandes campanhas de alfabetização, também não aparecem relatos sobre o Manual nem sobre seus autores.

No decorrer dessa pesquisa, foram feitos contatos com padres de diversas Inspetorias da Congregação Salesiana. Em Minas Gerais, procurei o Padre Jairo Fonseca de Matos, na Inspetoria São João Bosco na cidade de Belo Horizonte, que logo de início mostrou-se disposto a ajudar, indicando fontes e doando livros relativos ao tema da pesquisa.

Outra Inspetoria procurada foi a de Goiás, no colégio Ateneu, local onde segundo o *Manual do Professor* (1993, p. 11), esse foi elaborado. Na cidade de Goiás, na Paróquia São João Bosco, tive a informação, por intermédio do padre Fernando Ferruci, sobre outro pároco que poderia dar informações precisas sobre o objeto desta pesquisa. Entrei em contato com o padre Roberto Modesto, da cidade de Pará de Minas, que trabalhou com este Manual na cidade de Belo Horizonte em pastorais¹⁵ da Igreja Católica ligadas à educação e à alfabetização. Nessas buscas por fontes de pesquisa, localizei também o Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa (CSDP), na cidade de Barbacena (MG), local onde ficam arquivados os documentos de todas as Congregações Salesianas do país.

Os registros que aparecem nos livros encontrados estão relacionados a estudos de cunho histórico sobre a obra de Dom Bosco produzida no Brasil. Então, se por um lado há uma vasta bibliografia produzida sobre as Inspetorias, missões desenvolvidas por elas, figuras

¹³ AZZI, Riolando. A obra de Dom Bosco no Brasil. Barbacena: Centro de Documentação e Pesquisa, 2000, Vol.1
AZZI, Riolando. A obra de Dom Bosco no Brasil. Barbacena: Centro de Documentação e Pesquisa, 2000, Vol.2

¹⁴ “A Universidade Católica por exemplo, vem utilizando o método Dom Bosco desde 1993 num grande programa de alfabetização de jovens e adultos no Distrito Federal, por iniciativa direta do Reitor Pe. Décio Batista Teixeira. Em 1995 o método foi adotado nas gravações em vídeo de um novo curso de alfabetização de jovens e adultos a ser desenvolvido através de centenas de telepostos em diversas regiões do país, dentro do Programa Educação de Qualidade. Este programa envolve grandes e numerosas instituições públicas e privadas,. Entre as quais vários ministérios, muitas secretarias estaduais e especialmente, a SUFRAMA e o Instituto Euvaldo Lodi, órgão da Confederação Nacional das Indústrias”(ALMEIDA et al. 1996. p.4).

¹⁵ “Ação da pastoral Católica ou apenas pastoral é ação da Igreja Católica no mundo, ou conjunto de atividades pelas quais a Igreja realiza sua missão, evangeliza, proclama o evangelho, transmite suas ideias valores e ideologias” (MOURA, 2000, p.212).

influentes nas Inspetorias, o sistema preventivo na educação salesiana, a vida de Dom Bosco, a pedagogia de Dom Bosco; a produção sobre o Manual, em si, é incipiente.

Entretanto, conhecer um pouco sobre a história da Congregação Salesiana pode auxiliar a compreender a concepção de educação e de alfabetização contidas no Manual.

A Pia Sociedade de São Francisco de Sales, ou Congregação Salesiana, chegou ao Brasil no ano de 1883, mais precisamente no dia 10 de julho, momento em que Dom Bosco, fundador da obra educacional, ainda estava vivo.

Os primeiros salesianos vinham do Uruguai, quando foram recebidos por Dom Pedro II, que logo de início, demonstrava grande interesse pelas obras Salesianas, visto que elas possuíam caráter social e filantrópico. Segundo Azzi (2000), os padres salesianos não sabiam que o apoio político recebido do Regime Imperial os vincularia à própria sorte dos monárquicos, que sofriam grandes críticas por parte dos republicanos e liberais. Os liberais, que tinham como premissa separar as ações da Igreja do Estado para garantir a formação de um Estado moderno e laico, eram contra a permanência dos padres salesianos na província do Rio de Janeiro. Os padres salesianos não se envolveram com a política, pois eram fieis às determinações do mestre Dom Bosco.

De modo geral, pode-se afirmar que o trabalho dos padres salesianos se orientava na perspectiva da reforma católica. A implantação da obra de Dom Bosco esteve vinculada ao movimento dos bispos reformadores¹⁶.

Conforme afirma Azzi (2000, p. 56), “[...] os discípulos de Dom Bosco, embora fieis à doutrina da igreja, sabiam adaptar as diversas orientações do governo, desde que as autoridades facilitassem ou não atrapalhassem o ritmo do progresso da obra salesiana”. Por esse posicionamento, não chegaram a se envolver com os grandes problemas que envolviam o país no final do século XIX, tais como: a abolição da escravatura e a Proclamação da República, que aconteceu no ano de 1889 e marcou um novo momento político no país.

Azzi (2000, p. 291) ainda ressalta que

[...] ao aportarem no Rio de Janeiro, os missionários das primeiras expedições destinadas à Argentina assustavam-se com essa realidade brasileira. A 14 de dezembro de 1877, em carta escrita a Dom Bosco, da Ilha das Flores, o padre Tiago Costamagna, chefe do segundo grupo, fazia a

¹⁶ -O movimento dos bispos reformadores, iniciados em meados do século XIX teve como marca registrada a espiritualidade ultramontana, difundida sobretudo pelos padres lazaristas franceses. Uma parte significativa dos bispos brasileiros desse período recebeu sua formação nos seminários dirigidos por esses religiosos, e diversos deles foram membros da congregação da missão. No esforço de axaltar o sacerdócio e o episcopado, os promotores dessa orientação espiritual apregoavam uma atitude de retraimento diante do mundo e da vida social. AZZI (2002,p.41).

seguinte descrição, dramática, sobre os estivadores negros: “da acolhida recebida no porto e em algumas ruas da cidade não nos sentimos com coragem de fazer-lhe a descrição. Que coisas! Que coisas! São coisas do outro mundo! Basta dizer que nos consideramos muito felizes por não nos ter a chusma do porto colocado as mãos em cima. Houve um momento em que nos julgávamos em meio a um bando de diabos. Por felicidade tínhamos deixado as irmãs rezando no navio. Haverá sem dúvida almas boas no Rio de Janeiro, mas certamente lá deve ser o covil de Satanás”.

Segundo Damas (2004, p. 129) “[...] o trabalho com os ingênuos filhos da lei do Ventre Livre, trouxe a estes religiosos dificuldades particulares por não estarem habituados com a realidade escravista”.

Azzi (2000, p. 35), lembra, ainda, que “[...] os liberais acham a Igreja uma instituição antiquada e reacionária”. Eles queriam o fim do ensino católico no país mantido pelo governo monárquico, no qual o catolicismo era a religião oficial. Ainda segundo Azzi (2000, p. 48), “[...] na ótica dos liberais o ensino católico era considerado como um instrumento utilizado pelo clero para garantir o domínio sobre a sociedade brasileira”. Os liberais consideravam o ensino como uma possível força de transformação da sociedade e não como uma forma de manutenção da ordem. Os salesianos procuraram captar a ajuda dos novos líderes políticos para dar continuidade as suas atividades educacionais.

A primeira obra salesiana instalada no país foi o colégio Santa Rosa de Niterói¹⁷. Dois anos mais tarde, fundou-se, em São Paulo, o Liceu Coração de Jesus. Em 1890, instalou-se em Lorena, interior de São Paulo, o Colégio São Joaquim. Logo, no ano de 1892, as irmãs salesianas Maria Auxiliadora, chegaram e se espalharam por todo país. Em 1894, a Congregação instalou-se nos estados de Pernambuco e de Mato Grosso.

É importante destacar que a Congregação Salesiana no Brasil divide-se em seis inspetorias¹⁸ que iniciaram seus trabalhos em momentos completamente diferentes.

A primeira Inspeção a ser formada foi a Inspeção São João Bosco, que iniciou suas atividades no ano de 1883, justamente com a fundação do Colégio Santa Rosa, responsável

¹⁷ Colégio Santa Rosa – Durante quatro anos, de 1878 a 1881, o bispo do Rio de Janeiro pressionou Dom Bosco para que enviasse alguns de seus religiosos para sua diocese. Finalmente, cedendo às insistências, o Superior dos Salesianos designou o padre Luiz Lasagna para ser o fundador da obra no Brasil, após um estudo de viabilidade. Em meados de 1882, Lasagna fez sua primeira viagem ao Brasil, para verificar as possibilidades concretas da mesma fundação. No ano seguinte, a 14 de junho de 1883, a obra foi iniciada no bairro de Santa Rosa em Niterói” (AZZI, 2000, p. 180).

¹⁸ As inspetorias Salesianas são unidades administrativas regionais que coordenam as atividades de um conjunto de obras salesianas. Cada uma se caracteriza por ser uma sociedade civil e religiosa, sem fins lucrativos, de assistência social e de caráter educativo e cultural, cujos objetivos principais são a educação e o amparo à juventude. (www.inspetoriasalesiana.com.br/site/index/quemsomos).

pelas unidades salesianas dos seguintes estados: Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás e Rio de Janeiro.

Logo em seguida, no ano de 1894, a segunda Inspeção iniciou seus trabalhos nos estados do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, e no oeste de São Paulo. A terceira Inspeção Salesiana – Nossa Senhora Auxiliadora – entrou em funcionamento no ano de 1886 e é responsável pelas unidades do estado de São Paulo.

A quarta Inspeção, a de São Pio X, entrou em exercício em 1910 e tem sob sua responsabilidade as unidades dos estados do Rio Grande do Sul, do Paraná e de Santa Catarina.

Já a quinta inspeção salesiana, a de São Luiz Gonzaga, começou suas atividades em 1921 e estão sob sua responsabilidade as unidades dos seguintes estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe.

A sexta e última Inspeção fundada pelos salesianos está localizada no Amazonas, Inspeção Salesiana do Amazonas, e é responsável pelas unidades do Pará, do Amazonas e de Rondônia. É importante salientar que as seis inspeções espalhadas pelo país desenvolvem trabalhos envolvendo crianças, jovens e adultos.

Conforme Azzi (2000, p. 45),

[...] sendo a finalidade da obra de Bom Bosco marcadamente educativa, seus discípulos não tiveram dificuldade em promover no País um ensino católico, através dos colégios por eles fundados. Embora a característica específica da congregação fosse a educação popular, a peculiar situação brasileira levou os salesianos a se dedicarem também a formação das elites do país, mediante a tradicional educação de caráter humanista.

Os salesianos não restringiram seus trabalhos ao campo missionário catequético, Eles tinham como premissa ganhar espaço no campo da educação¹⁹. Tanto os salesianos quanto os jesuítas, encontraram no Brasil um espaço promissor na educação, já que o governo não conseguia suprir a demanda educacional no país. De acordo com Bittar (2010, p. 125), apoiada nas ideias de Manacorda,

[...] o final dos anos oitocentos, e início dos anos novecentos, do século. XX são marcados por relações delicadas entre estado e Igreja Católica, sobretudo no que se refere ao problema da educação da juventude, que a igreja

¹⁹“Sem dúvida Dom Bosco foi sempre um educador que procurou associar a formação cristã, aos direitos e deveres do cidadão. Sua meta era bem definida: Fazer o pouco de bem que puder aos meninos abandonados, empregando todas as minhas forças a fim de que se tornem bons cristãos em face de religião, honestos cidadãos na sociedade civil” (AZZI, 2002, p. 234).

considerava função única e exclusiva sua. Porém afirma o autor, com a publicação da encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, a igreja começa a assumir concretamente alguns princípios do mundo moderno, objetivando talvez uma aproximação com correntes liberais, mas concretamente para evitar um avanço terrível do socialismo. Manacorda enfatiza o surgimento naquele período, da obra educativa de Dom Bosco, que iniciada modestamente, impôs, através da Congregação Salesiana, a presença Católica no panorama educacional do mundo moderno. Sua obra destaca-se tanto pela reflexão pedagógica, como pela iniciativa da educação profissional. Refletindo sobre o sucesso da escola de Dom Bosco, o autor sugere que o motivo estaria na crença de dois sistemas utilizados para a educação da juventude: o preventivo e o repressivo. O sistema preventivo fundamenta-se na prevenção por meio da razão, e da *amaravolleza* (bondade), portanto seu método representava um misto de antigo e novo, isto é, de intransigência teológica e de bondade subjugada com a severidade religiosa.

Diante disso, considera-se que o sistema de Dom Bosco é baseado na caridade, na razão e na religião, as quais devem ser passadas pelo mestre a seus alunos. O mestre deve estar sempre ao lado do aluno, não o deixando nunca sem ocupação.

Nesse sistema, a Educação Física e Artística merecem atenção especial. Ginástica, música, declamação, teatro, passeios, excursões são importantes para a saúde do corpo e da alma. Tudo deve acontecer num ambiente acolhedor com o mestre sempre junto com seus alunos. A identidade intelectual visa preparar a criança para as necessidades práticas da vida, mas, acima de tudo, está a formação moral: a religião e a disciplina. A religião será aprendida por meio da prática do bem, da comunhão frequente e da missa diária.

De acordo com Querido (2011, p. 34) “[...] essa educação foi regularizada como o Sistema Preventivo Salesiano de Dom Bosco com a Finalidade de orientar a ação educativa e pastoral exercida por seus seguidores”. Dom Bosco orientou, por meio de textos em forma de avisos, a maneira de seus seguidores agirem com os jovens. Essas ações tinham por base a razão, a religião e o afeto.

A razão estaria, então, intimamente ligada ao bom senso, à naturalidade. A disciplina, portanto, parece ligada à razão, a um modo de viver de acordo com as regras da instituição. A correção dos erros cometidos aparece como forma de prevenir a má índole, o distanciamento da razão. Os recursos religiosos tornam-se procedimentos educativos. Já a formação religiosa passa a guiar uma formação intelectual criando uma pedagogia centrada em Deus. O afeto significa, em italiano, a *amaravolezza*, a bondade que transforma o “Oratório Festivo” em uma família.

Além dos internatos, das escolas agrícolas, das escolas profissionais, Dom Bosco e seus seguidores, com o objetivo de educar crianças e jovens de classes desfavorecidas como

forma de prevenir infrações e marginalização, fundaram os oratórios que, juntamente com a catequese, possibilitavam uma ação educativa para além das escolas.

Praticamente todas as fundações salesianas no Brasil foram iniciadas mediante o ensino de artes e ofícios. Não por ser essa uma característica fundamental da obra de Dom Bosco, mas por essa atividade educacional ser bem aceita.

Azzi (2000, p. 225) alerta ainda que, “[...] em carta escrita de Niterói ao Padre Miguel Rua, em 30 de agosto de 1890, o inspetor padre Lasagna enfatizava este aspecto, afirmando: [...] aqui cada casa deverá ter sempre algumas oficinas, embora os estudos também devam ser cultivados; pois a ideia de ensinar artes e ofícios nos faz populares e aceitos por todos”.

Os Oratórios Festivos são centros recreativos, nos quais meninos e jovens passam os dias afastando-se dos perigos que encontram na rua, e instruindo-se na prática da religião. Nessas reuniões deve-se dar liberdade aos meninos de correr, de saltar, de divertir-se, longe dos perigos físicos e morais. Nos oratórios, a parte religiosa ocupava posição de destaque, quando o catecismo, os sermões e a benção do Santo Sacramento são práticas essenciais, alternadas com divertimentos, passeios, distribuição de rifas, prêmios, teatrinhos. Outros elementos importantes são a instrução elementar a as aulas de educação artística, a música instrumental para os maiores. A partir dos oratórios festivos os meninos vão se formando de acordo com um modelo de religiosidade e de civilidade. Segundo Querido (2011 *apud* Braidó, 2004, p. 214),

[...] o projeto educativo de Dom Bosco fez uso da forma de internatos e através dele sistematizou ações que disciplinassem seus jovens em valores morais e religiosos, representado pelo lema Bons Cristãos e Honestos cidadãos. A piedade e a moralidade, a ciência e a civilização foram colocadas como as finalidades educativas de suas ações e empreendimentos, visando à razão e a religião.

Conforme Azzi (2000, p. 309), “[...] o oratório constitui muito mais um espaço de amparo aos meninos pobres, preservando-os de eventuais perigos morais, do que um local destinado à regeneração social da juventude abandonada e transviada”.

Nesse sentido, Damas (2004, p. 53) aponta que “[...] a religião era entendida como o sentido da vida, refinava os costumes e era o ponto de chegada do Método Dom Bosco, que considerava educar sinônimo de evangelizar”.

Dentre os movimentos para alfabetização da década de 1960, no meu ponto de vista, o Manual (1993), que apresenta o Método Dom Bosco de Educação de Base, elaborado por padres salesianos, de acordo com a filosofia desta Congregação Salesiana, também colaborou

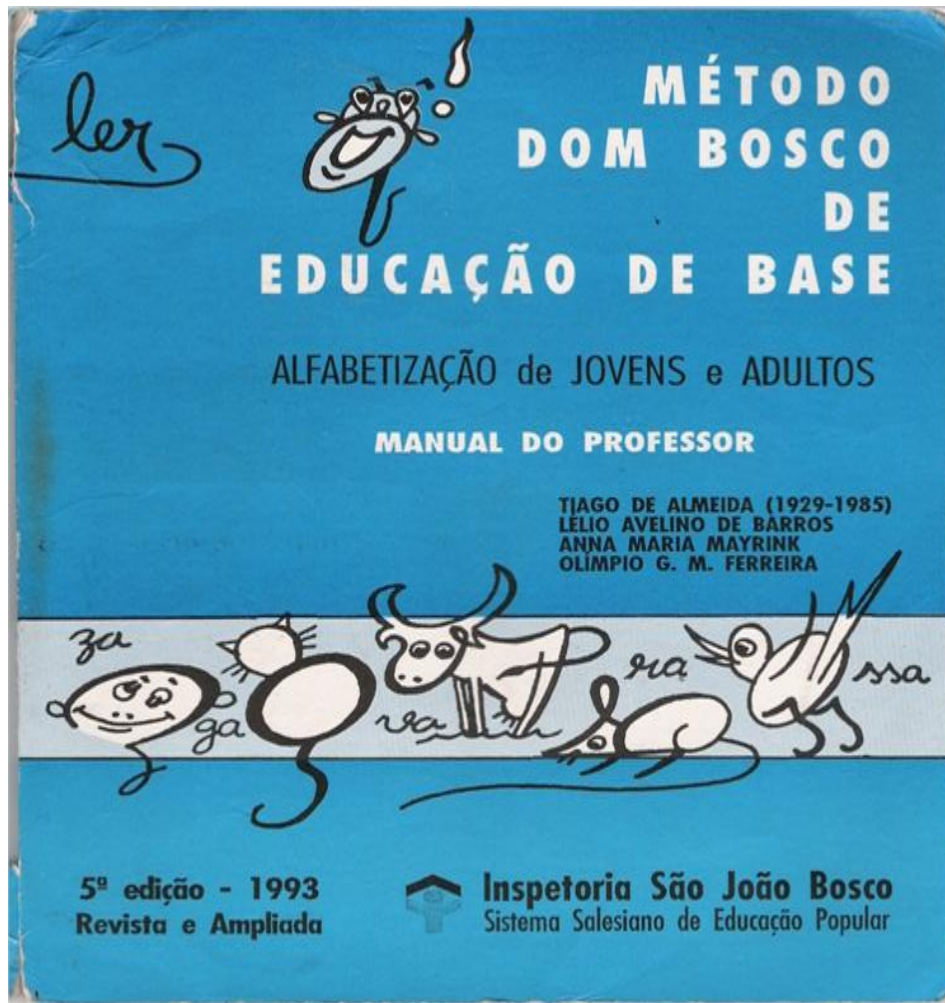
para que as pessoas aprendessem a ler e a escrever, a partir de uma prática prescrita com intento religioso. Assim como o Movimento de Cultura Popular (MCP) e o Centro de Cultura Popular (CPC) que tiveram como intento a libertação dos sujeitos a partir do despertar de uma consciência política e social, o Manual Dom Bosco de Educação de Base, também mantinha em seu discurso, como premissa, a desalienação²⁰ do homem, o reconhecimento de uma cultura nacionalista, a necessidade de saber lutar por seus direitos, apesar de ser uma prática prescrita que parte de um universo vocabular abstrato.

3 O MANUAL DO MÉTODO DOM BOSCO DE EDUCAÇÃO DE BASE

FIGURA 1- Capa do livro Manual do Professor, edição de 1993.

Formato: 15x21cm, 111 páginas.

²⁰ “A alienação é um fato social objetivo e se refere à consciência toda (por isso é fenômeno total). O indivíduo alienado repele totalmente sua inserção em seus fundamentos histórico-nacionais e pretende resolver os problemas de sua sociedade, de mundo (em particular o problema da educação) por meio de critérios e métodos que não foram extraídos de sua realidade, e sim recebidos de fora, venerados justamente por ter esta origem. Vê-se assim que a consciência alienada se impermeabiliza a sua realidade objetiva . Entre os dados de sua alienação figura evidentemente o desconhecimento da mesma alienação e a repulsa a aceitar esta acusação” (PINTO, 1986, p. 53).



Fonte: Manual do Professor (1993).

Os livros didáticos não são apenas instrumentos pedagógicos: são produtos de grupos sociais que procuram, por intermédio deles, perpetuar suas identidades, seus valores, suas tradições, suas culturas (CHOPPIN, 2002).

Este capítulo é composto pela caracterização do objeto desta pesquisa, o *Manual do Professor* (1993), do Método Dom Bosco de Educação de Base²¹ e por discussões a respeito

²¹ “**Educação de base** Desde sua criação em 1947, a UNESCO promoveu a realização de programas de educação de adultos. Entendia que, nas regiões “atrasadas”, as dificuldades de organização da família e as deficiências dos serviços comunitários dificultavam ou mesmo impediam que as populações pobres adquirissem o mínimo de conhecimentos, hábitos e atitudes que lhes permitissem caminhar na direção de “uma vida mais plena e mais feliz, assim como desenvolver os melhores elementos de sua cultura nacional e facilitar o acesso a um nível econômico e social superior” (BEISIEGEL 1974,p. 81).

do livro didático e do *Manual do Professor*. Como afirma Choppin (2004), os livros didáticos não são apenas instrumentos pedagógicos, eles propagam a cultura de um determinado grupo social. Em se tratando do objeto desta pesquisa, apesar de ser um *Manual* destinado aos alfabetizadores, ele é um instrumento didático e, ao mesmo tempo, propaga uma cultura. Propaga o ideal de homem a ser formado a partir da cultura católica, visto que foi elaborado por padres da Congregação Salesiana.

O material didático impresso analisado, nesta pesquisa, consta de um *Manual do Professor*, com 111 páginas no formato de 15x21 cm, e ainda 27 cartazes didáticos com formato de 27x35 cm, que contêm as palavras-chave que devem ser utilizadas pelos professores para contextualizar com os alfabetizandos a sílaba estudada, relacionando-a com suas vivências. A 5ª edição foi editada em preto e branco, pela gráfica do Colégio Salesiano Santa Rosa, em janeiro no ano de 1993.

É importante ressaltar, como aponta o próprio *Manual* (1993), que o material teve sua 1ª edição no período de 1965 a 1968, com uma tiragem de 10.000 exemplares mecanografados:

Justamente em 1963, em Goiânia, GO, como Orientador pastoral dos alunos do Colégio Salesiano, imaginou empenhá-lo na promoção dos empobrecidos, através da Alfabetização de Jovens e Adultos. Com a colaboração de uma professora local, com muita criatividade e amor, criou um instrumento fácil, prático e rápido: para os “professores” e para os “alfabetizandos adultos”. Nascia o Método DOM BOSCO DE EDUCAÇÃO DE BASE. (ALMEIDA et al. 1993, p. 3)

Observa-se que um *Manual*, como o objeto desta pesquisa, apresenta saberes que visam orientar práticas pedagógicas. O exemplar aqui analisado se peculiariza por expor noções práticas acerca do fazer do professor, descrevendo minuciosamente maneiras apropriadas de ensinar.

Na perspectiva de Choppin (2004, p. 553), “Esse tipo de livro escolar exerce função referencial (explicita ou interpreta programas de ensino e seleções culturais), instrumental

A educação de base seria, então, esse mínimo fundamental de conhecimentos, em termos das necessidades individuais, mas levando em conta os problemas da coletividade, e promovendo a busca de soluções para essas necessidades e esses problemas, através de métodos ativos.

Definindo como objeto da educação de base o conjunto das atividades humanas e recomendando que cada programa deveria ser elaborado a partir das necessidades e problemas mais prementes da coletividade interessada ou a ser motivada, a UNESCO abria um abrangente leque de conteúdos visando à formação de atitudes e transmissão de conhecimentos (BEISIEGEL, 1974, p. 81-82):

(propõe método de ensino, exercícios e atividades) e ideológica (atua como instrumento de construção de identidade e aculturação)”.

Sendo o objeto desta pesquisa um manual didático, ele assume função instrumental, ao colocar em prática um método de aprendizagem que propõe exercícios que visam a facilitar a aprendizagem, a favorecer a aquisição de competências disciplinares, a apropriação de habilidades, de métodos de análise ou de resolução de problemas.

O objeto desta pesquisa assume, também de acordo com Choppin (2004), a função ideológica e cultural por servir de instrumento de grande importância para a construção da identidade de um grupo de pessoas ou até mesmo de uma população, por exercer um importante papel político, por doutrinar gerações inteiras, por transmitir a cultura de determinado grupo, no caso, o católico. O livro didático, por sua vez, assume também outras funções como a função documental e a referencial. Quando assume a função referencial, tem como finalidade a tradução de um programa de ensino. Serve como suporte privilegiado dos conteúdos educativos, funciona como depósito de técnicas e habilidades que um determinado grupo social acredita ser importante transmitir para as gerações futuras. Outra função importante é servir de fonte histórica. Embora o livro didático não seja produzido com esta função, também pode servir como fonte histórica. Nessa perspectiva é visto como um conjunto de documentos, textuais ou icônicos, assim sendo assume a função documental.

Ainda segundo Choppin (2004, p. 557),

[...] o livro didático não é um simples espelho; ele modifica a realidade para educar as novas gerações, fornecendo uma imagem deformada, esquematizada, modelada, frequentemente de forma favorável: as ações contrárias à moral são quase sempre punidas exemplarmente; os conflitos sociais, atos delituosos ou violência cotidiana são sistematicamente silenciados. Os historiadores se interessam justamente pela análise dessa ruptura entre a ficção e o real, ou seja pelas intenções dos autores. [...] Não é suficiente, no entanto, deter-se nas questões que se referem aos autores e ao que eles escrevem; é necessário também prestar atenção àquilo que eles silenciam, pois, se o livro didático é um espelho, pode também ser uma tela.

O *Manual do Professor* abrange o conteúdo a ser desenvolvido nas classes de alfabetização, de forma hierárquica, deixando informado o que o educador deve utilizar para alfabetizar.

Assim, o *Manual do Professor* (1993) assume algumas características do livro didático por servir como suporte para as prescrições descritas para o desenvolvimento das aulas que contemplam a racionalidade produtiva da sociedade na modernidade; é, ainda, portador de uma ideologia religiosa e pode servir de documento histórico para todos que

desejam estudá-lo. Difere do livro didático por não circular entre educandos e, sim, entre educadores e por contribuir para a organização das aulas a serem ministradas nas classes de alfabetização.

Seu conteúdo está dividido em duas disciplinas: língua portuguesa e matemática. Ao todo, são cinquenta aulas. Até a aula de número trinta e três, o alfabetizador deve dedicar-se ao ensino da leitura e da escrita, tendo como base a palavra-chave. Da aula 34 em diante, as aulas serão dedicadas ao ensino da matemática. As aulas de matemática assim como as de língua portuguesa também aparecem prescritas e racionalizadas. Segundo consta no *Manual* (1993, p. 85), “No estudo na Matemática, o método Dom Bosco não apresenta características especiais”. Os conteúdos propostos ali são: conceito de comparação; contagem de elementos; escrita de numerais de 1 a 9; o zero; ordem crescente e decrescente; números pares e ímpares; números cardinais e ordinais; adição e subtração sem dezenas; unidade; dezena e centena, adição e subtração com dezenas; multiplicação; divisão; sistema romano de numeração; geometria e sistema monetário. As aulas de matemática foram racionalizadas segundo o *Manual* (1993, p. 103) da seguinte maneira: “[...] o conteúdo da aula 34 deverá ser desenvolvido em 1 aula. O conteúdo das aulas 35 e 36 deverá ser desenvolvido em 2 aulas” e assim sucessivamente, até chegar à aula de número 50. O material sugere ainda que “As aulas restantes devem ser dedicadas a numerosos exercícios sobre as quatro operações, versando problemas da vida prática dos alunos, incluindo o dinheiro e as medidas. Criar também problemas sem sentenças matemáticas, onde o aluno observa quadros, tabelas, gráficos etc”.

O *Manual* indica que as aulas devem acontecer três vezes por semana com duração de duas ou três horas. O conteúdo das aulas está intimamente aliado à forma de ensiná-lo. Os roteiros das aulas aparecem completos, ou seja, partem da preparação da aula até a maneira como esta deve ser desenvolvida, quais exercícios devem ser aplicados, quais perguntas devem ser feitas para a exploração dos cartazes. Os modos de agir dos alunos são enfatizados a partir da utilização de diversos tipos de exercícios prescritos para cada aula. Nos exemplos de atividades abordadas, observa-se a proposição de atividades que o aluno deve desenvolver, bem como uma minuciosa descrição passo a passo do trabalho docente.

O *Manual do Professor* (1993, p. 9), enfatiza que, “Antes de iniciar a primeira aula, é necessário que os coordenadores, supervisores e/ou professores façam um trabalho de nivelamento dos alunos de cada classe buscando, na medida do possível, uma razoável homogeneidade de cada turma, de modo a permitir um ritmo de aprendizagem suficientemente uniforme e regular”.

Ele aborda normas a serem desenvolvidas pelos educadores como: número de aulas destinadas ao ensino de cada sílaba, momento exato em que se devem introduzir as vogais ou até mesmo quando iniciar as aulas de matemática. Percebe-se assim que *Manual* tem papel norteador da prática pedagógica.

Como explica Valdemarim (2007, p. 249),

[...] nessas prescrições a perspectiva racionalizadora acerca do fazer docente se manifesta nos mínimos detalhes, orientando e formatando o trabalho com vistas à máxima eficiência das situações propostas, as quais terão êxito mediante a consecução de determinadas condições. Neste sentido, o autor chega a listar as condições ideais para as quais o professor deve atentar com vistas à formação do leitor.

Comenius, no século XVII, já fazia afirmações a respeito de livros-roteiro. Segundo Comenius (2001, p. 5), “[...] os livros didáticos serão, portanto, de dois gêneros: verdadeiros livros de texto para os alunos, e livros – roteiro (informatórios) para professores para que aprendam a servir-se bem daquele.” Entende-se, então, que o objeto desta pesquisa, na designação de Comenius, enquadra-se na categoria livros-roteiro.

Ainda segundo Comenius (2001, p. 7),

Também o método didático deve necessariamente prescrever períodos de trabalho e períodos de repouso, de determinada duração, para recreações honestas. Efetivamente, esse método prescreve programas para serem desenvolvidos em um ano, em um mês, em um dia, em uma hora... E se observarem bem estas prescrições, é impossível que cada classe não percorra todo seu programa, e assim, em cada ano, não atinja a sua meta.

O *Manual do Professor* (1993) afirma que, por seu intermédio, é possível formar rapidamente alfabetizadores, ou seja, nessa perspectiva, basta seguir as suas indicações para tornar-se um alfabetizador.

Quem recebeu a luz, é para acender a chama apagada do irmão ao lado. Vontade de colaborar não falta certamente a muitos brasileiros. Mas, além da boa vontade, é necessário dispor de um método rápido, eficiente, adaptado aos adultos e que uma pessoa alfabetizada possa aplicar, sem grandes exigências de preparo técnico, de material didático e de tempo. (ALMEIDA et al. 1993, p. 11)

Ainda sobre o método de ensino, o *Manual do Professor* (1993, p.12) alerta: “Insistimos que especialmente nas primeiras vezes que vocês utilizarem este método – PROCUREM SEGUI-LO AO PÉ DA LETRA, COMO ESTÁ AQUI TRANSMITIDO”. (grifos do autor). Os autores do *Manual*(1993, p. 34), prescrevem que: “Não é aconselhável

substituir as palavras-chave deste método (adotando, por exemplo, pata, moça, zazá, queijo, garrafa etc.) porque provavelmente haverá redução de seu valor de conteúdo ou de seu valor figurativo”.

Para cada desenho gerador, o alfabetizando deve abrir uma página nova do lado esquerdo do caderno. O desenho será feito nas linhas de cima e as outras linhas dessa página e a página da direita serão utilizadas para a repetição.

Como observa Choppin (2004, p. 249), o livro didático coloca em prática métodos de aprendizagem, propõe exercícios ou atividades que, segundo o contexto, visam facilitar a memorização dos conhecimentos, favorecer a aquisição de competências disciplinares ou transversais, a apropriação de habilidades, de métodos de análise ou de resolução de problemas. O *Manual* (1993, p. 34), assim como o livro didático descrito por Choppin (2004), também propõe exercícios e atividades a serem desenvolvidas pelo professor. Conforme o *Manual* (1993), “[...] em toda aula, conforme o ritmo de aprendizagem da turma deverá haver bastantes exercícios: formação pelos alunos de novas palavras e frases, com leitura e cópia das mesmas por toda a turma; ditado, escrita de bilhetes, leitura de trechos de jornais e revistas trazidas pelos alunos, construção de jornal mural e etc”. De acordo com o contexto acima, o *Manual* (1993) apresenta características próprias do livro didático. O diferencial entre eles, entretanto é o uso feito, pois enquanto o *Manual* é destinado aos professores, o livro didático serve de suporte para o professor não só para o planejamento das aulas, mas também como suporte pedagógico, utilizado diretamente pelos alunos.

É importante salientar que o *Manual* (1993), selecionado para esta pesquisa, é um *Manual* didático, com característica de livro didático, classificado como instrumental, prático, utilizado na cidade de Machado (MG), no curso Básico da Leitura e da Escrita desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Machado. É um livro prático, destinado ao professor, mas que assume características do livro didático ao propor exercícios e atividades que o educador pode reproduzir e utilizar diretamente com seus alunos.

Segundo informações do próprio *Manual*, ele foi concebido com base na cartilha *Caminho Suave* que teve sua primeira edição no ano de 1948, de autoria de Branca Alves de Lima, e na *Cartilha Sodré*, de autoria de Benedita Stat Sodré, publicada nos anos 1940 e ainda no Método CIMA, surgido também em Goiania em 1950. O Método CIMA surgiu da junção dos dois métodos citados (*Caminho Suave e Cartilha Sodré*), partindo das sílabas-chave para formar palavras. São métodos silábicos. A principal unidade a ser analisada pelo aluno é a sílaba; o trabalho inicial centra-se nas vogais e em seus encontros, como uma das

condições para a sistematização das sílabas. Assim como o *Manual Dom Bosco*, tais métodos pregam a alfabetização pela imagem. Chervel (1990, p. 203) afirma que:

[...] em cada época, o ensino dispensado pelos professores é, grosso modo, idêntico para a mesma disciplina e para o mesmo nível. Todos os manuais ou quase todos dizem a mesma coisa, ou quase isso. Os ensinamentos, a terminologia adotada, a coleção de rubricas e capítulos, a organização do corpus de conhecimento, mesmo os exemplos utilizados ou os tipos de exercícios praticados são idênticos, com variações aproximadas, denominando este tipo de fenômeno de vulgata.

Segundo Adler e Van Doren (1974, p. 66),

[...] o livro prático revela seu tipo pela recorrência frequente das expressões deve e é necessário, bem e mal, fins e meios. A afirmação característica de um livro prático é que alguma coisa deve ser feita (ou fabricada); ou que este é o modo certo de fazer (ou fabricar) alguma coisa, ou que determinada coisa é melhor do que outro como objetivo ou como meio. O livro teórico, ao contrário, diz “é”, e não “deve” ou “é necessário”. Tenta demonstrar uma verdade, fatos, não que as coisas seriam melhores se fossem diferentes, nem ensina como fazer para que sejam melhores.

Neste caso, o *Manual* apresenta-se como uma ferramenta que pretende demonstrar o melhor caminho para a alfabetização.

Para Boto (2004, p.505), “[...] o livro didático vinha agregado a todo um roteiro prescritivo de normas e de protocolos de leitura que deveriam ser apreendidos pelo professor; e dos quais em longa medida, dependeria o êxito do processo ensino-aprendizagem”. Esse é, também, o caso do *Manual*.

Para Choppin (2004, p. 557),

[...] conclui-se que a imagem da sociedade apresentada pelos livros didáticos corresponde a uma reconstrução que obedece a motivações diversas, segundo época e local, e possui como característica comum apresentar a sociedade mais do modo como aqueles que, em seu sentido amplo, conceberam o livro didático gostariam que ela fosse, do que como ela realmente é. Os autores de livros didáticos não são simples espectadores de seu tempo: eles reivindicam outro status, o do agente.

Este *Manual* se enquadra entre os livros destinados a prescrever uma prática pedagógica a ser desenvolvida na educação de jovens e adultos. Segundo Waldemarim (2007, p. 344),

[...] embora as atividades compiladas nos manuais não devam ser tomadas como efetivamente realizadas, sua prescrição é legitimada pelos próprios autores como o registro e a síntese de práticas bem sucedidas e avalizadas pela experiência docente: os autores desse tipo de impressos amparam-se em sua própria experiência de magistério e na ocupação de cargos na hierarquia burocrática escolar. Além disso, demonstram familiaridade e domínio da literatura pedagógica sendo capazes de nelas discriminar os aspectos que podem ser transformados em orientações para a prática, além de conhecerem a legislação educacional e buscarem alternativas para introdução de inovações. Ao serem configuradas como manual didático, as prescrições passam a compor um discurso racionalizado do que deve ser a prática pedagógica e, portanto, registro documental do pensamento pedagógico de um período que tem como objetivo constituir-se como ação docente.

O *Manual* divide-se da seguinte maneira: apresentação da obra e três capítulos que trazem a descrição de como as aulas devem acontecer.

Logo na apresentação, os autores justificam o nome do Método e fazem referências à organização de classes ou centros de alfabetização. Em seguida, aparece a justificativa do nome do Método em questão e de seus centros de difusão. O nome *Manual do Professor do Método Dom Bosco de Educação de Base* (1993), justifica-se pelo fato de ter sido elaborado por padres da Congregação Salesiana, que escolheram o nome do fundador dessa Congregação para nomeá-lo. As partes referentes aos centros de difusão trazem informações de como organizar classes ou centros de alfabetização, como preparar cursos para professores e, ainda, onde adquirir os livros.

No capítulo I, os autores discorrem sobre o histórico do Método, suas características e o papel a ser desenvolvido por professores e supervisores. Já o capítulo II, apresenta as aulas de língua portuguesa em consonância com os cartazes didáticos que acompanham o *Manual*. Finalmente, o capítulo III apresenta as prescrições para o desenvolvimento das aulas de matemática.

Segundo os seus autores “[...] é essencial que o aluno resolva numerosos e valiosos exercícios, trabalhando com os dados de sua realidade cotidiana” (ALMEIDA et al. 1993, p. 85). A participação do aluno na aprendizagem é enfatizada com a proposição de diferentes materiais e de atividades que pretendem valorizar a compreensão do conteúdo trabalhado, deixando clara a necessidade de estimulá-lo para as atividades propostas.

Além das orientações sobre as atividades, também prescreve que o aluno deve estar descontraído, otimista, disposto a participar das atividades e a lutar pela própria sobrevivência e crescimento. Salienta, ainda, que o educando deve estar disposto a adquirir hábitos de postura física e de coordenação motora.

Toda aula parte da contextualização das sílabas. É possível perceber que, tanto nos temas propostos para contextualização das aulas, quanto na organização das atividades, nos jogos e cânticos, existe um ideário ligado à formação do bom homem, honesto e cristão, na perspectiva do catolicismo. Percebe-se, ainda, no *Manual do Professor* (1993), um intento civilizatório nítido. Boto (2004, p. 56) salienta que “[...] o processo civilizador, por definição abranda costumes, com vistas a interagir com hábitos sociais existentes e recomendados ou prescritos e desejados. Evidentemente, trata-se de um percurso inventado que, no limite, evoca usos e costumes de determinadas camadas sociais em situação de poder”.

É característica da pedagogia de Dom Bosco tratar da relação da fé com a vida, na qual o bom cristão corresponde ao honesto cidadão, Damas (2004). Esses pressupostos são transferidos para o *Manual do Professor* (1993), que apresenta saberes com vistas a orientar as práticas pedagógicas.

Na lição da guitarra e da harpa, por exemplo, os autores do método discutem a religiosidade. Percebe-se isso logo de início no tema prescrito para a conversa. Tema da conversa: “A música. A necessidade de aprimoramento e elevação do espírito. A música nos atos sociais civis e religiosos. A necessidade de religião. [...] Mas há uma coisa: muita gente fica querendo forçar Deus a fazer a vontade deles; e forçar a religião para isso, a superstição, por exemplo. É isso?” (ALMEIDA et al. 1993. p. 70).

Ainda segundo o *Manual* (1993), os cânticos prescritos para as aulas devem ser cantos de ocasião, cantos atuais, cantos cívicos, cantos religiosos, cantos tradicionais: “[...] há muitos cantos religiosos ricos de mensagens e com dimensão ecumênica (podem ser usados por todos os credos), como por exemplo: Oração de São Francisco; Irmão sol, Irmão lua; Quando o dia da paz renascer, Somos gente nova vivendo a união; A praia; Tu me conheces (Salmo 138)” (ALMEIDA et al. 1993, p. 81).

Seguem alguns exemplos de cantos:

Bandeira do divino, de Ivan Lins
 Os devotos do divino/ vão abrir sua morada
 Dando água a quem tem sede/ dando pão a quem tem fome. REFRÃO
 A bandeira acredita/ que a semente seja tanta.
 Que esta mesa seja farta/ que esta casa seja santa. REFRÃO
 Que o perdão seja sagrado/ que a fé seja infinita/
 Que o homem seja livre/ que a justiça sobreviva. REFRÃO
 Assim como os três Reis Magos/ que seguiram a estrela guia/
 A bandeira segue em frente,/ atrás de melhores dias. REFRÃO
 No estandarte vai escrito/ que ele voltará de novo./
 Que o rei será bendito/ ele nascerá de novo! Refrão
 (Manual do Professor 1993. p. 80).

Seu nome é Jesus Cristo
 Seu nome é Jesus Cristo e passa fome/ e grita pele boca dos famintos,
 A gente quando o vê, passa adiante/ às vezes pra chegar depressa à igreja...
 Seu nome é Jesus Cristo e está sem casa/ e dorme pela beira das calçadas,
 A gente quando vê, apressa o passo,/ e diz que ele dormiu embriagado...
 REFRÃO: Entre nós está e não conhecemos
 Entre nós está e nós desprezamos!
 Se nome é Jesus Cristo é analfabeto/ e vive mendigando subemprego,
 E a gente quando o vê diz: é um à-toa/ melhor que trabalhasse e não
 pedisse...
 Seu nome é Jesus Cristo e é todo homem,/ que vive neste mundo e quer
 viver;
 Por ele não existem mais fronteiras,? Só quer fazer de nós todos irmãos.
 (ALMEIDA et al. 1993, p. 82).

Esse intento religioso apresenta-se nitidamente tanto nas lições prescritas, como a da harpa, a do dado, a da casa como também nos cantos. A lição da harpa tem como tema para dialogar, a sílaba-chave, a necessidade da religião. “Amarás ao senhor teu Deus de todo coração, e ao teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12, 30-31). Assim, seguem algumas das ideias prescritas nesta lição para a animação da aula:

Deus é bom pai. “A prova é que neste mundo há muita gente boa de verdade, gente leal que vive lutando, trabalhando, sempre pronta a ajudar os outros: refletem a vontade de Deus, como o espelho reflete o sol.”
 Mas há também tanta gente errada neste mundo!...É que diante de Deus, todo mundo é criança, aprendendo a andar, tropeça e cai, o Pai deixa para poder, aprender sem forçar.
 Cada um com o seu quinhão, o seu tijolo, cumprindo a sua missão pessoal. Executando assim a vontade de Deus, trabalhando para que venha o quanto antes o reino de Deus: reino da paz, justiça, fraternidade, amor e comunhão entre todos os homens! Você acha que a vida é para isso mesmo?
 Amarás ao senhor teu Deus de todo coração, e ao teu próximo como a ti mesmo (MC 12,30-31). (ALMEIDA et al. 1993, p. 70)

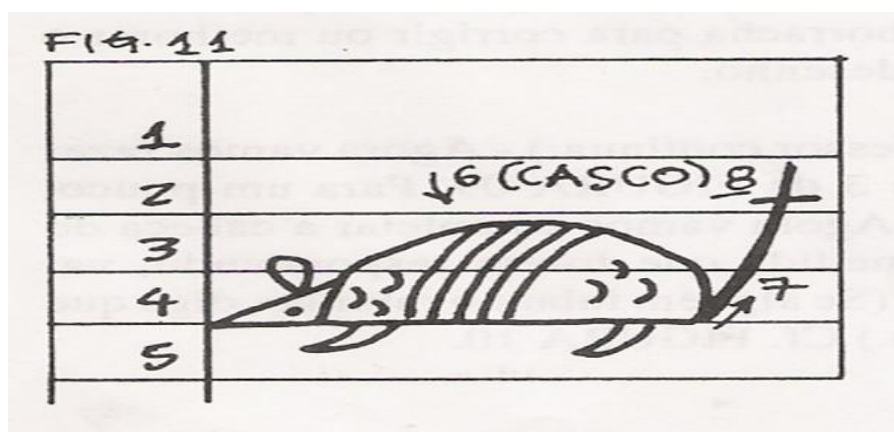
Outros exemplos são a lição do Zarolho e a lição da Nhanhá, em que o intento religioso está implícito logo no tema prescrito a ser discutido na aula.

A igualdade fundamental de todas as pessoas. Os vários tipos de discriminação. A necessidade do respeito à pessoa humana. Direitos e deveres. Deficiências físicas e mentais. Para Deus, todos nascem do mesmo jeito. Diante de Deus, todos são iguais. Todos são filhos de um mesmo pai. De acordo com as leis de Deus, todos deveriam ter as mesmas oportunidades. Então, mesmo se uma pessoa, por exemplo, não estudou, ou se não aprendeu mais cedo isso foi por quê? Geralmente foi por sua culpa? Ou foi falta de ocasião? Todos deveriam ter as mesmas oportunidades de estudar, de trabalhar, de progredir na vida? Todas as pessoas têm os mesmos direitos e a mesma dignidade? Mas será que todo mundo é igual mesmo? E

os aleijados? E os doidos? E essa gente que não quer saber de nada, só quer malandragem, droga, assalto e violência? Por que será que eles são assim? Culpa deles? Culpa dos pais? Da companheirada? Culpa da sociedade, da fome, do desemprego? Como é que a gente poderia melhorar tudo isso? [...] Afinal de contas, os homens são ou não são iguais? Todos nascem do mesmo jeito, peladinhos, chorando... e, no fim, todos vão acabar do mesmo jeito. Para Deus os homens são diferentes? (ALMEIDA et al. 1993, p. 62)

De acordo com o contexto acima, alfabetizava-se e, ao mesmo tempo, discutia-se questões de cunho religioso como o respeito ao próximo, a igualdade e o direito à vida digna. É importante ressaltar que o *Manual*, em questão, era utilizado nas ações da pastoral da Igreja Católica. Segundo Moura (2000, p. 209), “A ação pastoral da Igreja é fundamentada na pedagogia da fé e na metodologia dinâmica e criativa que provoca comunhão e participação (113)”. Ainda segundo Moura (2000, p. 210), “[...] a pastoral da Igreja deve colaborar para uma educação como processo de abertura da pessoa ao Deus da vida, ao mistério da salvação plena em Jesus Cristo”. No trecho acima, o aspecto religioso atrelado à alfabetização fica nítido. Insta-se o educando a aceitar o “seu quinhão” e a cumprir a missão que lhe foi reservada nesta vida, aguardando a recompensa após a morte, não prevendo qualquer mudança na passagem terrena. Esse intento religioso apresenta-se claramente também nos exemplos de aulas a seguir.

FIGURA 2 - Cartaz 27x35 referente à sílaba TA do TATU (Aula de nº 1: TA de TATU - 1ª AULA)



Fonte: Manual do Professor (1993, p. 30).

A aula de nº 1 é de extrema importância para todas as pessoas que desejam trabalhar com este material, pois é nela que estão prescrições importantes para o desenvolvimento das

demais aulas, uma vez que o que muda de uma aula para a outra é somente o diálogo em torno da sílaba ou da palavra-chave.

As prescrições para o desenvolvimento da primeira aula são bem específicas, pois ela é apresentada pelos autores como um marco importante nessa trajetória. Segundo o *Manual do Professor* (1993, p. 24), “[...] é essencial que o professor prepare cuidadosamente a primeira aula”. Nessa preparação, fica claro que o professor não deve se esquecer de definir com clareza os resultados que se quer alcançar e enfatiza-se o planejamento do tempo (um mínimo de 2 horas), pois os alunos devem sair dessa aula já escrevendo a sílaba TA de TATU, primeira palavra geradora utilizada pelo *Manual* em questão. Além dessa prescrição, aparecem outras: como o professor deve agir durante as aulas; que material didático deve levar para a aula e como a aula deve ser organizada; como deve ser confeccionado o cartaz a ser utilizado na primeira aula; a lista de presença com o nome dos alunos; os objetivos a serem alcançados.

Preparação da aula - É essencial que o professor prepare cuidadosamente a primeira aula. Definir com clareza os objetivos e resultados que quer alcançar, e planejar bem o seu tempo (um mínimo de 2 horas), pois os alunos têm que sair dessa aula já escrevendo a sílaba **ta**. (grifos do autor).

Entre os objetivos desta primeira aula, devem estar incluídos os seguintes:

- que cada aluno, já no decorrer da aula, esteja progressivamente descontraído, otimista e também disposto a participar das atividades e a lutar pela própria sobrevivência e crescimento (item A e item C);
- que esteja disposto a adquirir bons hábitos de postura física e de coordenação motora (item B);
- que, no final da aula, seja capaz de ler e escrever a sílaba ta em letra minúscula (item F) e em maiúscula (item G);
- que, no caso de deficiência visual, esteja disposto a buscar, junto com o professor, uma solução adequada (item B).

O professor precisa levar para a aula todo o seu material didático:

- o presente manual e o caderno com o plano de aula;
- o cartaz para a conversação, com a primeira sílaba colorida de vermelho ou outra cor de destaque;
- o cartaz contendo o desenho gerador para deixá-lo depois exposto em classe; ou o professor deve prepará-lo fazendo a lápis o desenho gerador conforme a letra D do presente nº 9, a fim de recobri-lo com pincel atômico na hora da aula; o cartaz precisa ser de tamanho ofício ou duplo-ofício para permitir boa visibilidade de acordo com o número de alunos da turma;
- giz, preferentemente de cor, e apagador (ou pincéis atômicos com folhas grandes de papel);
- a lista de presença dos alunos;
- fita adesiva e, se possível, uma régua grande para traçar as pautas no quadro da sala.

É preciso verificar também quem levará o material dos alunos:

- caderno pautado comum (para a etapa de alfabetização, cada aluno precisa de 2 ou 3 cadernos com um total de pelo menos 100 páginas);
- lápis (pelo menos 3 lápis para cada aluno);

- borracha (pelo menos 2 para cada aluno) [...].

Nessa primeira aula, discutem-se os direitos fundamentais do homem, a luta pela vida. Estuda-se a TA do TATU que, segundo o (ALMEIDA et al. 1993, p. 17), “[...] não parte sumariamente de uma sílaba isolada, de um ‘ta’ solto no espaço. Mas parte de um ‘ta’ de tatu”. O tatu é um animal que luta pela sobrevivência. Segundo os autores Barros, Almeida e Mayrink (1971, p. 5), “Tudo o que é vivo tem que lutar para viver. É tatu, é urubu, é cobra, é vira-lata, é gente, e é milho, e capim, e laranjeira, e mandacaru também. Cada um como pode”. “Por isto mesmo que a Bíblia diz: A vida do homem sobre a terra é uma luta” (BARROS; ALMEIDA ; MAYRINK, 1971, p.5).

Na aula de nº 6, por exemplo, discute-se a convivência humana. O gato e o rato. O tema trata também da luta pela vida. Gato e rato não combinam, então se sugere discutir a questão. Segundo os ensinamentos da Igreja, a união faz a força. A Igreja Católica prega a paz e a união entre os povos, desde que cada um permaneça com seu “quinhão”, como afirmado na aula n. 1. “É conversando que a gente se entende” (ALMEIDA et al. 1993. p. 48).

Tema da conversa: A luta pela vida, a competição, as rivalidades. Relações humanas. A necessidade de paz, tranquilidade, harmonia, boa convivência e boa vizinhança. A comunidade, a democracia. A união dos fracos para resolverem seus problemas.

Algumas ideias para a animação da conversa: O que estão vendo no cartaz do gato? No mundo dos bichos, a luta pela vida é sem piedade: é a violência, o maltrato, a manha! E no mundo dos homens, é diferente? “Peixe grande come peixe pequeno. Olho por olho, dente por dente. Não sou pai do pançudo para tratar de barrigudo. Cada um para si e Deus para todos. Cada um é que se vire: o mundo é dos espertos. O que seria dos espertos se não houvesse os bobos?”

- **Você concorda com esses provérbios?** Ou você acha que “quando um não quer dois não brigam, e é conversando que a gente se entende?” qual é mais fácil: amarrar a cara ou dar um sorriso? Qual vale mais e tem mais efeito? Você gosta de ter amigos? Dependente do tipo deles? Os outros acham você bacana, boa praça? E você ajuda mesmo os desconhecidos? Aí no seu lugar, a turma é ordeira e tranqüila? Ou há algum grupo suspeito? Algum policial? Guardas de trânsito, quartel do exército? Que fazer para promover a ordem e a paz aí no lugar?

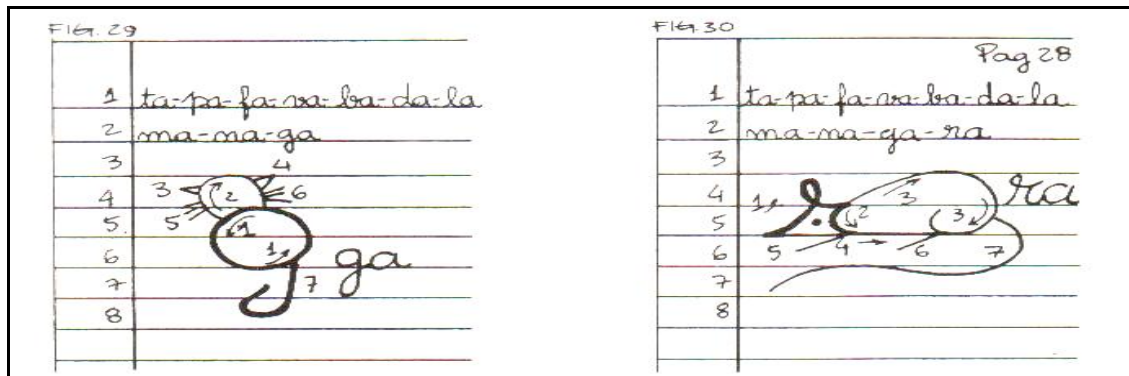
- **E no cartaz do rato, o que estão vendo?** A rataria se reuniu para estudar como se livrarem do gato. Apareceu uma ideia: amarrar um guizo no pescoço do gato. Todos aplaudiram, mas não apareceu nenhum rato para amarrar o guizo no pescoço do gato... A gente tem que se reunir na luta pela vida: “a união faz a força”. Quebrar uma vara é fácil, mas quebrar um feixe é dureza. É preciso se reunir para discutir os problemas; mas depois, o principal é agir! Se todos os homens são irmãos, para ir para frente, não era melhor a gente se dar as mãos? Já pensaram se todo mundo pensasse assim, se todo mundo se unisse, se ajudasse, se ao menos não se atrapalhasse uns aos outros...Como é aí no seu lugar? É como gato e rato? Muita briga entre famílias? Entre grupos? ou o pessoal gosta de colaborar, de ajudar uns aos

outros? Há um grupo que se reúne para resolver problemas do lugar? Seria bom, ou isto não dá certo? Há clubes, associações de bairro, cooperativas, sindicatos, partidos políticos, mutirão etc.? Como funcionam? Vocês participam? Por quê? O que fazer para aumentar a união da comunidade? O pessoal aí já forma uma comunidade? (Grifos do autor).

FIGURA 3

D- Desenho gerador

FIGURA 3 - Cartaz referente à sílaba GA de GATO e cartaz referente à sílaba RA do RATO



Fonte: Manual do Professor (1993, p. 49).

Palavras novas: mala (baga), barata, garapa, paga, para, parada, rabada, rabanada, (rama), (ramada), rara, rata, (tara), tarada, vaga, vara.

Nomes próprios: Lara, Nara. Verbos: apagar, afagar, alagar, (gabar), pagar, ralar, rapar, (tramar), (vagar) (Cf. Anexo I pag. 104).

- **Exercícios** - Nesta aula pode-se **construir a primeira oração**, tendo por base as palavras aprendidas. Notar o artigo, ensinando o seu nome; e o ponto final, dizendo para que serve. Procurar que os alunos é que unam as palavras para formar orações que, é claro, tenham significado (ver o Anexo I, pág. 104.)

Nesta aula e nas seguintes, ir pedindo aos alunos que construam novas frases em casa; e utilizá-las como material de leitura para a classe. Antes da leitura oral, o professor faça perguntas que provoquem a descoberta do significado da frase. Depois, todos copiem essas frases. Elas podem ser utilizadas como material didático; neste ditado, o professor pode ir deixando as muletas das figuras mnemônicas das primeiras sílabas (por ex: ao ditar o ta, o PA, o fa, não falar mais o ta do tatu, mas simplesmente ta) o professor deve também respeitar o talhe individual da escrita de cada aluno; exigir apenas que a letra seja legível.

A título de exemplo, apresentamos algumas ORAÇÕES POSSÍVEIS: Ana lava a gata.

Fafá leva a batata na lata. Ada dava tapa na gata. Nana mata a gata. A gata matava a rata. Ana fala da Ada. Nada apagava a chama da fachada. Nada abafa a fama da Naná. A pata nadava. Nara pagava a bananada. Dada rapava a bananada da lata. A lama alagava a vala. Nara apagava a data da ata. A vaca dava patada na lata. A barata nadava na vala. Lara matava na vala. A mala da Vavá. Ana paga a rabanada da Tatá. Dadá abafa bananada da Ana, etc.

Técnicas das PALAVRAS CRUZADAS.

O monitor faz no quadro-de-giz o quadro, a grelha com os números necessários.

Explica o que é horizontal e o que é vertical. Faz o 1º exercício, mostrando aos alunos como descobrir a palavra certa. Em vez de letra em cada quadrinho, são escritos os pedacinhos (sílabas) Se eles tiverem dificuldades em descobrir as palavras, lembrar que isto é comum para todos que fazem PALAVRAS CRUZADAS; com exercícios vai ficando mais fácil. É comum escrever com letras maiúsculas. (grifos do autor)

FIGURA 4 - PALAVRA CRUZADA

Fig. 31

1	2
3	

HORIZONTAIS: 1 - Voz de gente (FALA)
3 - Buraco feito pela chuva (VALA)

VERTICAIS: 1 - Semente grande (FAVA)
2 - Nome de mulher (LALA)

Depois de preenchido o quadro, solicitar aos alunos que leiam as palavras formadas. Pedir que algum as escreva ao lado do desenho. E todos as escrevam em seus cadernos.

FIGURA 32

Fig. 32

1 LA	2 PA
3 VA	LA

HORIZONTAIS: 1 - Nome de gruta (LAPA)
2 - Ferramenta comum (PÁ)
3 - Buraco comprido (VALA)

VERTICAIS: 1 - Tira a sujeira (LAVA)
2 - Parte de vestido (PALA)

FIGURA 33

Fig. 33

1 PA	2 TA
3 PA	LA

HORIZONTAIS: 1 - Fêmea do pato (PATA)
3 - Parte da blusa (PALA)

VERTICAIS: 1 - Alimento do bebê (PAPA)
2 - Serve para firmar osso (TALA)

FIGURA 34

Fig. 34

			1 A
2 LA	3 VA		DA
4 MA	LA		

HORIZONTAIS: 1 - 1ª letra do alfabeto (A)
2 - Vasilha limpa (LAVADA)
4 - Usamos na viagem (MALA)

VERTICAIS: 1 - Nome de mulher (ADA)
2 - Acontece quando chove (LAMA)
3 - Buraco feito pela chuva (VALA)

FIGURA 35

Fig. 35

				1 DA
	2 BA	TA	TA	
	3 BA			
4 DA	VA			

HORIZONTAIS: 1 - Liga duas palavras (DA)
2 - É gostosa frita (BATATA)
3 - Metade de bala (BA)
4 - Ela distribuía (DAVA)

VERTICAIS: 1 - Qualquer dia (DATA)
2 - O bebê soltava saliva (BABAVA)

Fonte: Manual do Professor (1993, p. 61).

Na aula a seguir de nº 18 (sa de sapato, gua de guarda-chuva), discute-se o vestuário e o clima. A aula afirma que muitas pessoas só se importam em andar na moda, não importa o preço da roupa, não enxergam a necessidade do outro. Segundo os ensinamentos da Igreja e do *Manual*, o homem, antes de tudo, deve ser bonito por dentro. “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento” (ALMEIDA et al. 1993, p. 59).

Tema da conversa: o calçado, o vestuário. Proteção contra os rigores do clima. O asseio. A moda. A propaganda.

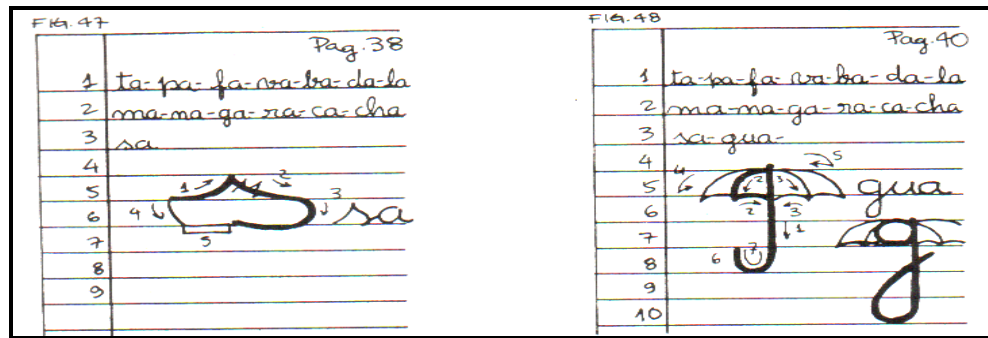
Ideias para animação da conversa: o que vocês estão vendo no **cartaz do sapato?**

Vocês acham que o hábito não faz o monge? Mas tem gente que pensa que fica valendo mais, só porque veste uma roupa bacana. As vezes por fora bela viola, “por dentro pão bolorento”. Afinal de contas, mulher não tem que se arrumar ficar bonita para o marido, os filhos, as visitas, os conhecidos? E o homem também? Basta vestir simples, decente, asseado e conforme o clima? Quem aí tem máquina de costura? Aí no lugar, onde aprender corte de costura? E quem sabe fabricar sandália em casa? Aí no lugar, como é que o povo se veste? Aí faz muito frio? O lugar é alto ou é baixo? É muito úmido ou é seco? Há muita gente passando frio, sem agasalho? Gente que vive suja e esfarrapada? Por quê? Como é que a gente pode ajudar a melhorar isso?

- **E no cartaz do guarda-chuva**, o que estão vendo? Aí chove muito? E vocês têm medo de chuva? Ou acham a chuva não quebra osso? Certo, mas na hora dum aguaceiro, ninguém rejeita um guarda-chuva ou uma capa. O homem se protege com a roupa, e assim consegue viver em qualquer parte da terra; seja dia, seja noite, faça frio, vento ou calor. Bicho não tem roupa para mudar. Será por isso que não dá foca nem pinguim no nordeste, nem macaco e nem onça no Polo Sul? Mas índio também não usa roupa... Então, por que mesmo essa mania de usar roupa? A roupa é só proteção contra variação do clima, para não pegar resfriado ou pneumonia à toa? Ou é só vaidade, para se ajeitar um pouco? Ou é por recato, por decência? Ou é invenção de esperto, para vender e ganhar dinheiro? O que vocês acham da propaganda? A propaganda mais bonita de um produto prova que ele é melhor que outro produto? O que custou mais numa garrafa de coca – cola: o líquido que você toma ou as propagandas na TV, no Rádio e nas revistas e jornais?

D. Desenho gerador

FIGURA 5 - Cartaz referente à sílaba SA de SAPATO e cartaz referente à sílaba GUA de GUARDA-CHUVA



Fonte: Manual do Professor (1993, p. 59)

F. Escrita da sílaba-chave - Ensinar gua de guarda – chuva, e não guar.

Palavras novas: água, aguada, asa, guará (= lobo), guaraná, rasa, saca, sacada. Safada, sala, salada, sapa, sapata, sapatada.

Nomes próprios: Sara.

Verbos: aguar, aguardar, casar, sacar, safar, vagar, vasar.

Obs: Conforme o nível da turma, a aula, seguinte deverá se dedicada aos estudos das outras vogais (número 16, na pág. 16), caso isso ainda não tenha ocorrido. Após a aprendizagem das vogais, os alunos irão completando o quadro das sílabas aos poucos, dia após dia, junto com o professor.

Não se esqueçam os monitores de utilizar **textos impressos**, como folhas de jornais, de revistas, de programas, convites, folhetos religiosos, propagandas comerciais, documentos pessoais (carteira de trabalho, carteira de identidade, título de eleitor), receitas caseiras, etc. (ALMEIDA et al. 1993, p. 59, grifos do autor)

Na aula de nº13 (DA de DADO, LA de LATA), discute-se o jogo do azar. A Igreja é contra o jogo. O jogo nada constrói, o homem constrói a sua vida à custa do trabalho digno. “Do céu não cai nada, não cai pão, não cai carne, não cai açúcar. Só cai a chuva e o sol para crescer a plantação” (ALMEIDA et al. 1993, p. 42).

Para a Igreja Católica, não há serviço melhor ou pior desde que feito com consciência, servindo os irmãos e ajudando Deus a construir um mundo melhor. O homem se constrói a partir da sua força de trabalho e não à custa da desgraça alheia. Entretanto, o texto não problematiza por que tantas pessoas vivem em desgraça, especialmente aquelas que são alfabetizadas por esse Método. Não considera que o enriquecimento de alguns se faz à custa de outros. Assim sendo, é possível perceber que tanto nos temas propostos para contextualização das aulas, quanto na organização das atividades, nos jogos e cânticos, existe um ideário ligado à formação do bom homem, honesto e cristão, na perspectiva do catolicismo. Isso significa que ele trabalha honestamente na condição social à qual foi ligado desde o seu nascimento. Cada um deve viver de acordo com o que merece, ou seja, de acordo com o que recebeu de Deus. Percebe-se, ainda, no *Manual* (1993), um intento civilizatório nítido de aceitação de sua posição, com decência, e de manutenção do *status quo*. Segundo Damas (2004, p. 50), “[...] a concepção de trabalho para Dom Bosco, remonta inicialmente à

experiência bíblica, em que o trabalho é o lugar em que o ser humano, após o pecado original, ganha de novo as condições para viver e prosperar com dignidade, com o suor e sacrifício (Gn3, 17-19)". Ainda segundo Damas (2004, p. 51), "Dom Bosco, mesmo não partindo de profundas análises estruturais do mundo do trabalho de então, tinha muito claro que educação e trabalho formavam o binômio preventivo²² por Excelência."

Tema da conversa: O jogo, a sorte, o fatalismo, a aventura (dado, varinha mágica) nada constroem. A necessidade do trabalho (lata do trabalhador): qualquer que seja ele, constrói o homem e o mundo.

Algumas idéias para a animação da conversa: o que vocês estão vendo no cartaz do dado? Vocês são pessoas de sorte? Ou são pé-frio? Então abram o olho, porque "urubu azarado atola até na pedra". E tem gente que gosta de bancar urubu azarado: só fala assim: "Não dá pé! Não dá jeito! É o destino! Quem nasceu pra tostão não dá para milhão". Só ficam chorando, mas não fazem nada. Outros acham que qualquer dia a sorte chega. E ficam aí esperando átoa, fazendo uma fezinha no bicho ou nas loterias. Esperam vencer na vida sem fazer força. Vale a pena gastar dinheiro com loteria? Também há muita gente parasita, que fica pregada aí, chupando o sangue do trabalho dos outros. Não fazem nada, só sabem exigir e explorar o trabalho dos outros.

- Para você o que vale mais: o destino ou o trabalho? Vocês trabalham muito? Quantas horas por dia? É, "Deus, ajuda quem cedo madruga". Quando o homem quis comer e viver, ele teve que caçar, domesticar, semear e colher. Arrancou da terra os minerais, produziu o ferro, o aço, as ferramentas, a roda. Utilizou a energia da água, do vapor, da eletricidade. Construiu cidades, pontes, carros, navios, aviões, telefone, rádio, televisão, satélites. O trabalho do homem vem transformando o mundo e melhorando a vida humana. É ou não é? Melhorou a vida de todos?

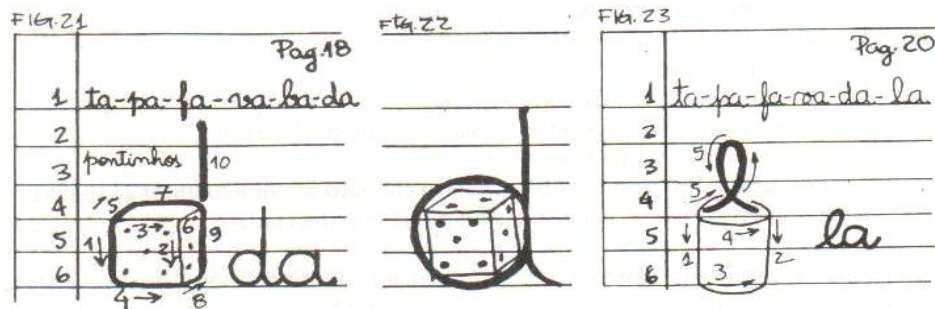
-Cada um carregando o seu tijolo, executando a sua tarefa. Descobrir aquilo para que tem mais jeito e mais gosto: escolher uma coisa, uma profissão, e mandar brasa, tocar para frente. Não existe trabalho mais bonito nem mais feio, desde que bem feito, com consciência, sabendo que está servindo aos irmãos, e ajudando Deus a construir um mundo melhor. Não é verdade? Trabalho é só para ganhar dinheiro e sustentar a família? Ou é também para melhorar a própria pessoa e para ajudar os outros?

-Qual é a profissão de vocês? Tem algum biscateiro? Tem alguém que está á toa? Por quê? Não tem saúde para trabalhar? Ou não sabe fazer nada? Então, por que não aprender? Dá para conseguir trabalho aí no lugar? Como? Onde? Aí há agências de emprego? Aí no lugar há muita gente sem trabalhar? Por quê? Todo mundo tem dever e também direito de trabalhar? Aí há indústrias, oficinas, fábricas, artesanato? Tem muita gente aí que não

²² "O Sistema Preventivo procura prevenir o mal por meio da educação, mas ao mesmo tempo ajuda os jovens a reconstruírem a própria identidade pessoal, revitalizarem os valores que não conseguiram desenvolver, elaborar justamente pela sua situação de marginalização, razões para viver com sentido, alegria, responsabilidade e competência. Tal Sistema crê também decididamente que a dimensão religiosa da pessoa é a sua riqueza mais profunda e mais significativa; por isso, procura orientar todo jovem à realização da vocação pessoal de filho de Deus como finalidade última de todas as suas propostas." (COLEÇÃO PROTAGONISTA, 2009, p. 25)

conseguiu ainda uma profissão fixa? Aí há muita gente que só quer emprego, mas não quer trabalho? Mas também há muita gente dando murro de sol a sol, mesmo quando não consegue melhores condições de trabalho? Vocês participam do sindicato? Participam de algum partido político? Como é que a gente pode ajudar a melhorar a situação aí do trabalhador? (ALMEIDA et al. 1993, p. 42, grifos do autor)

FIGURA 6 - Cartaz referente à sílaba DA de DADO e cartaz referente à sílaba LA de LATA



Fonte: Manual do Professor (1993, p. 42).

Em alguns desenhos, para reforçar os traços que correspondem ao formato de letra, será necessário “estragar” um pouco o desenho da figura; como acontece com o dado e a vareta do mágico, nas FIGURAS 21 e 22; assim acontecerá também como o “gua” do guarda-chuva; (cf. FIGURA 48, na página 59.)

H. Exercícios - nesta aula e nas seguintes, dedicar tempo ao exercício de formação de palavras. E também, através de exemplos e perguntas, ajudar os alunos a descobrir a vogal e sua utilização antes das palavras femininas como artigo definido, e como parte das palavras (ex. a+bafada).

Palavras formadas com ta, pa, fa, va, ba, da e la (entre parênteses as palavras difíceis): (aba), (alada), ata, bala, (balada), data, fada, fava, (lapa=gruta), lá (nota musical), lata, (pala=parte da roupa), patada, (tala=suporte para osso quebrado; chicote) tapa, vala, (Valada) Nomes próprios: Ada, Dadá, Lalá. Verbos: abalar, abafar, adaptar, atar, babar, badalar, dar (datar), falar, lavar. (Cf. ANEXO I, na página 104).

Técnica de COMPLEMENTAR PALAVRA com sílabas.

Por exemplo: fala+da= falada

Tapa+da= tapada

Fala+va= falava

Baba+va= babava

Pata+da= patada

Técnica do JOGO DE ADIVINHAÇÃO. Como explicado na aula anterior, fazer a pergunta e pedir aos alunos que escrevam as respostas em seus cadernos (na página da direita). Por exemplo:

- O que é que a criança gosta de comer bem frita? (batata)
- É doce e vem embrulhada em papel? (bala)
- Buraco feito pela chuva (vala).

- Voz da gente (fala).
- Vasilha que serve para carregar água (lata)
- Nome da gruta e bairro popular do Rio de Janeiro (Lapa)
- Coloca-se quando se quebra o braço (tala)
- O que é que se enxuga no bebê com o babadoiro ou uma toalhinha? (baba)
- Uma personagem que aparece nas historias infantis (fada)

Técnica do JOGO DO DOMINÓ, acrescentando outros "cartões" àqueles vistos na aula anterior; fazer várias "duplicatas" destas amostras:

FIGURA 7: Dominó de sílabas



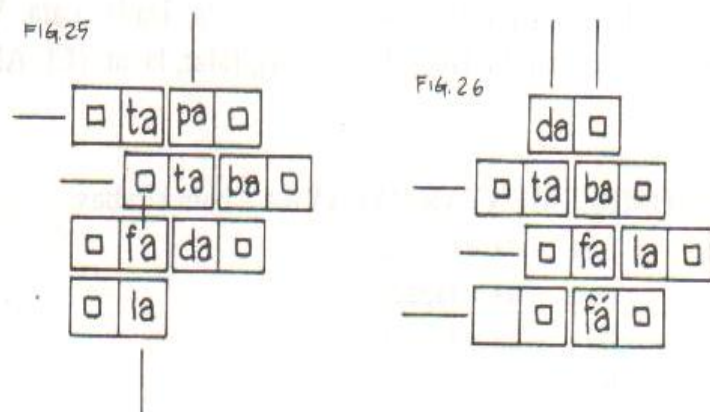
Fonte: Manual Professor (1993, p. 43).

Após a formação das palavras, o monitor pede para algum aluno para escrever no quadro-de-giz. Ele também pode escrevê-las com uma caligrafia melhor, e pedir que todos copiem em seus cadernos, nas páginas 19 e 21.

Técnica das PALAVRAS CRUZADINHAS. Aproveitando os "cartões" do JOGO DO DOMINÓ, o professor convida os alunos a formarem não só palavras HORIZONTAIS (como na aula anterior), mas, aproveitando do formato quadrado dos cartões, formarem palavras VERTICAIS. Não é ainda PALAVRAS CRUZADAS, porque o aluno vai utilizar "cartões" que têm sílabas escritas; nas palavras cruzadas a "grelha" está vazia e são apresentadas os significados das palavras. (grifos do autor).

Exemplos:

FIGURA 8: Cartões do Jogo do Dominó



Fonte: Manual do Professor (1993, p. 46).

É importante lembrar que o objeto desta pesquisa é um método de alfabetização, criado por padres da Congregação Salesiana na década de 1960, e tem como intento que o

homem chegue a uma fé adulta, assumida, livre e consciente. Segundo Wanderley (1984, p. 12), “[...] a ação educativa é distinta da ação evangelizadora embora ligada a ela.” O trabalho educativo separa-se de uma ação puramente catequética, embora o fundo de formação seja pautado na doutrina católica.

Nesse mesmo sentido, Paiva (2003, p.270), assinala que “[...] o trabalho educativo visa a conscientização, a mudança de atitudes, e a instrumentação das comunidades.” Analisando o *Manual do Professor* (1993), percebe-se que ele, além de prescrever as aulas de alfabetização, apresenta também um intento evangelizador. Segundo Damas (2004, p.53), “[...] para Dom Bosco evangelizar era sinônimo de educar”. Por isso, nada melhor do que o *Manual Professor* (1993), para difundir seu ideal, assim, dialogando, explicando a vontade de Deus, alfabetiza-se evangelizando. “Ao iniciar sua atividade educativa em prol da juventude, Dom Bosco havia colocado a formação religiosa como meta principal. Ele próprio definia que a finalidade de sua obra era a formação de bons cristãos para a Igreja e úteis cidadãos para a sociedade”. (AZZI, 2002, p.133).

A vontade de Deus, portanto, é de que cada um permaneça em seu lugar social. A religião é mostrada como uma forma de relacionamento direto com Deus, sem ritualismo. Assim sendo, procura-se acentuar as aspirações religiosas do homem com Deus, não discutindo mudanças na situação social.

3.1 O que o Manual diz de si mesmo: visão de mundo religioso no método Dom Bosco e a visão de mundo em Paulo Freire

Segundo consta no *Manual do Professor* (1993), o Método Dom Bosco de Educação de Base tem como objetivo colaborar para que o alfabetizando consiga formar uma consciência crítica de si e da realidade e, a partir daí, aprenda a ler, a escrever e a resolver cálculos. “Suas principais características são: eficácia e rapidez já que a leitura e a escrita são alcançados em trinta ou quarenta horas” (ALMEIDA et al. 1993, p. 14).

O *Manual* (1993), primeiramente, afasta-se do ideal de educação proposto por Paulo Freire por não permitir ao educando criar a palavra geradora. Parte de um universo vocabular abstrato.

As palavras geradoras prescritas no *Manual* (1993) são tatu, panela, faca, vaca, banana, dado, mala, navio, gato, rato, chave, sapato, guarda-chuva, jarra, sapato, quadro, casa,

zarolho, nuanhá, xarope, talha, taça, gangorra, passarinho, queixo, guitarra, harpa. Trata-se, conforme afirmado anteriormente, de um vocabulário abstrato.

Em Paulo Freire, o método não aponta regras, a palavra geradora parte do trabalho de construção do método, ou seja, ela é proposta pela comunidade a ser alfabetizada. As palavras geradoras contextualizam as necessidades básicas daquele grupo, enquanto em Dom Bosco são prescritas em um manual a partir de um fundo religioso.

Segundo os autores do *Manual* (1993, p. 16), “Para o professor, existe o presente “Manual” e um conjunto de 27 cartazes simples que contêm as palavras-chave e que são utilizadas para a conversação sobre as necessidades humanas básicas”.

Em Paulo Freire, nada é rígido, nada é prescrito, nada é lei. Há uma proposta de trabalho que se apoia no diálogo e há uma lógica no processo de ler e escrever. Em Dom Bosco, o trabalho diálogo também acontece, só que de forma racionalizada. Para cada palavra a ser contextualizada, apresenta-se uma prescrição, ou seja, um tema para a conversa como o exemplo a seguir. Tema da conversa: PA da Panela – Va da Vaca.

“Alimentação, ferramenta. O progresso do homem. (Se forem estudadas duas sílabas por aula, pode-se fazer uma só conversa enfocando ambos os cartazes, ou uma conversa distinta para cada cartaz)” (ALMEIDA et al. 1993, p. 36). O discurso do método é de aproximação ao método Paulo Freire. Isso pode ser notado nas referências citadas nas quais constam livros de Paulo Freire e no uso de expressões da palavra geradora. Entretanto ao observarmos de perto ambos os métodos, as diferenças e afastamentos são nítidos.

Assim como Paulo Freire, o *Manual* (1993) dispensa o uso de cartilha. “O método dispensa mesmo a cartilha: assim por dizer, o aluno é que constrói, aula por aula, a própria cartilha. E logo de início já parte para a leitura de manchetes e, depois, de anúncios e textos de jornais e revistas” (ALMEIDA et al. 1993, p. 16).

É importante afirmar que não existem pontos comuns entre a proposta educacional de Paulo Freire e a proposta impressa no *Manual* (1993), em Dom Bosco os educandos não são chamados a conhecer, o que ocorre é a memorização do conteúdo narrado pelo educador. Freire (2011, p. 95), afirma que

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente autoridade, se necessita estar sendo com as liberdades e não contra elas.

Para Freire, a educação deve ser problematizadora, não pode ser o ato de depositar. Segundo Freire (2011, p. 98), “A educação como prática de liberdade, ao contrário daquela que é prática de dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens”.

A ideia de traçar um paralelo entre o Método Paulo Freire e o Método Dom Bosco surgiu da necessidade de mostrar o quanto o Método Dom Bosco não permite ao educando criar situações de aprendizagens tendo como pano de fundo suas vivências, suas necessidades, seu cotidiano. O *Manual do Professor* (1993) do Método Dom Bosco de Educação de Base prescreve uma prática pedagógica e o Método Paulo Freire permite que o aluno aprenda a partir do seu entorno. O objetivo dessa comparação é mostrar a diferença entre educar como prática de liberdade a partir de situações significativas para o educando e alfabetizar tendo como pano de fundo, prescrições que apontam como deve ser o funcionamento das aulas pautadas no ideal cristão de alfabetização.

Entre o chamado Método Paulo Freire, e o *Manual do Professor* (1993), embora a palavra e a sílaba sejam utilizadas de forma semelhante, há diferenças de fundo que podem levar os educandos à reflexão e à consciência a partir de si mesmo, de seu mundo, de suas vivências e das pessoas a sua volta ou à reflexão e à consciência que se pautam na doutrina e nos valores católicos. Enquanto o Método Paulo Freire é constituído a partir de um diálogo entre educando e educador com o objetivo de conhecer o educando e as suas necessidades vivenciais, o *Manual do Professor* (1993), chega pronto para ser aplicado. Lembrando a passagem já indicada em outra parte deste texto, a ação do professor que trabalha com o *Manual* fica condicionada às prescrições descritas: “[...] Insistimos que especialmente nas primeiras vezes que vocês utilizarem este método-PROCUREM SEGUI-LO AO PÉ DA LETRA, COMO ESTÁ AQUI TRANSMITIDO” (ALMEIDA et al. 1993, p. 12, grifos do autor).

Assim como o *Manual* (1993) prescreve uma prática pedagógica, o material didático utilizado nas turmas de alfabetização do Mobral e da Cruzada da Ação Básica também prescreviam a prática pedagógica. O material utilizado pela Cruzada da Ação Básica (ABC) foi constituído na Universidade Mackenzie e o material utilizada na alfabetização das turmas do Mobral foi idealizado pelos técnicos do Mobral. Ambas são propostas pedagógicas prescritas. Essas práticas se distanciam dos ideais de Paulo Freire por serem práticas ligadas à “educação bancária”. Freire propunha uma educação que libertasse

os oprimidos da condição de pobreza e de inferioridade. Segundo Freire (1983, p. 27), “Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”.

Para Paulo Freire, um Método de alfabetização não pode ser elaborado longe da realidade dos educandos. Assim sendo, seu Método se constrói cada vez que vai ser utilizado, ao contrário das cartilhas e do *Manual* (1993). O Método Dom Bosco de Educação de Base, traz o saber pré-fabricado. Paulo Freire não impõe formas únicas de ensino.

De maneira esquemática, o Método Paulo Freire consiste em três momentos: primeiro, faz-se uma investigação temática que consiste em pesquisar o universo vocabular do educando e da sociedade onde este vive, para levantar as palavras e os temas centrais da sua vida. A seleção dos vocábulos acontece com duplo critério: o de natureza fonêmica e o de engajamento na realidade local, regional e nacional.

Segundo Brandão (2002), “[...] o que se descobre com o levantamento vocabular não são homens objetos, nem é uma realidade ‘neutra’. São os pensamentos – linguagens das pessoas. São falas que a seu modo, desvelam o mundo”.

Nesse sentido, Freire (1979, p. 73), aponta que “[...] esta investigação dá resultados muito ricos para a equipe de educadores, não só pelas relações que trava, mas pela exuberância da linguagem do povo, às vezes insuspeita”.

Em um segundo momento do Método Paulo Freire, acontecem a codificação e a decodificação dos temas, em que educando e educador, juntos, buscam o seu significado social, tomando consciência do mundo vivido. E, em um terceiro momento, ocorre a problematização das situações sistematizadas. É por meio da problematização que educando e educador buscam superar uma primeira visão mágica do mundo e passam a pensar uma visão crítica, partindo para a transformação do contexto vivido.

Já o *Manual* (1993), utiliza uma série de palavras-chave que foram escolhidas, primeiramente, pelo seu valor fonético, isto é, por sua pronúncia, em detrimento da realidade dos alunos. Ensinam-se apenas 27 sílabas básicas aos educandos.

Segundo Beisiegel (2011, p. 19),

[...] entre 1962 e março de 1964, o método Paulo Freire foi adotado por quase todos os movimentos envolvidos na prática de educação popular no país. Por suas características de aparente simplicidade, pela clara realização nas práticas cotidianas de tudo aquilo que defendia na teoria, e, sobretudo, pela defesa da necessidade da conscientização, o método surgia como resposta à procura de um instrumento adequado de atuação para os diferentes agrupamentos envolvidos na busca de construção de uma sociedade mais justa no país.

No *Manual Dom Bosco* não se faz o levantamento do universo vocabular de cada localidade ou região, por constituir uma tarefa onerosa e demorada; mas, (1993, p. 12), “enfocam-se as necessidades básicas do homem, que são universais e, portanto, são de máximo interesse de cada aluno: alimentação, moradia, trabalho, saúde, lazer, etc”. Esses interesses são apresentados segundo o *Manual do Professor* (1993) como situações-problema de forma a provocar o diálogo envolvendo educandos e educadores. É importante frisar que a aula por ser prescrita e racionalizada, basta que o professor siga o *Manual*, que traz os temas a serem dialogados com os alunos, as questões a serem abordadas e os exercícios a serem desenvolvidos, como se demonstrou acima.

Na escolha das palavras-chave do Método Dom Bosco, analisou-se também a maior ou menor frequência com que as sílabas aparecem em nossa linguagem corrente. As palavras-chave foram escolhidas também pelo seu valor figurativo, isto é, pelo seu desenho. A representação gráfica das palavras em estudo nasce de um desenho, chamado no *Manual* de “gerador”, o qual chega para o professor já definido. Enquanto no Método Paulo Freire trabalha-se com as fichas de cultura, no *Manual Dom Bosco*, utiliza-se o desenho gerador que é a representação gráfica das sílabas em estudo, e que não muda de região para região. Tanto Paulo Freire quanto os autores do *Manual* (1993) fazem uso da palavra geradora, só que o grande diferencial está na maneira como essas palavras foram escolhidas e como foram contextualizadas. No *Manual* (1993), elas estão prescritas e, na visão de Paulo Freire elas devem ser pesquisadas nos grupos sociais em que as aulas de alfabetização devem acontecer.

Conforme Freire (2011, p. 24),

O círculo de cultura – no método Paulo Freire re-vive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano. Em diálogo circular, Inter subjetivando-se mais a mais, vai assumindo, criticamente o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo e em colaboração, re-elaboram o mundo, e, ao reconstruí-lo, percebem-se de que, embora construído também por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por eles, esse mundo não os humaniza. As mãos que os fazem não são as que o dominam. Destinado a libertá-los como sujeitos, escravizando-os como objetos. Reflexivamente retomam o movimento da consciência que os constitui sujeito, desbordando a estreiteza das situações vividas resumem o impulso dialético da totalização histórica.

Nos círculos de cultura todos ensinam e todos aprendem através de diálogos com um animador de debates que orienta o trabalho da equipe. Os círculos de cultura produzem modos próprios, novos, solidários e coletivos de pensar. Criam-se situações nas quais são colocadas as palavras geradoras em formas de desenhos, de pinturas ou de fotografias que surgiram de

situações ligadas à vivência dos educandos. Para Freire (2011, p.25), “alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora de cultura”.

Freire (2003, p.19) aponta, ainda, que

[...] inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica do ba-be-bi-bo-bu, dos La-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas das letras. Ensino em cujo processo alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente ‘vazias’ dos alfabetizandos. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito.

Dessa forma, fica nítido o foco no aluno e no tempo necessário para esse aprendizado de “leitura de mundo” que, certamente, não pode ser realizado em 30 ou 40 horas, como prevê o Manual do Método Dom Bosco.

Ainda nesse sentido, Freire (2011, p. 29), coloca que:

[...] o método Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político do pedagógico, mas também não põe inimizade entre educação e política. Distingue-as, sim, mas na unidade do mesmo movimento em que o homem se historiza e busca reencontrar-se, isto é busca ser livre. Não tem a ingenuidade de supor que a educação, só ela, decidirá os rumos da história, mas tem, contudo, as coragens suficientes para afirmar que a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano sejam estruturais, superestruturais ou interestruturais, contradições que impelem o homem a ir adiante. As contradições conscientizadas não lhe dão mais descanso, tornam insuportável a acomodação. Um método pedagógico de conscientização alcança as últimas fronteiras do humano. E como o homem sempre se excede, o método também o acompanha. É “a educação como prática de liberdade”.

Essa liberdade é dada pela criação dos próprios indivíduos em grupo. Ao contrário, no Método Dom Bosco, a visão de mundo e os valores a ela associados são dados pelo catolicismo. Segundo Gadotti (2000, p. 103), “depois de Paulo Freire, a alfabetização deixou de ser apenas ler e escrever para ser aprender a ler e escrever para pensar o mundo”.

Entre o Método Paulo Freire e o *Manual Dom Bosco*, existe um distanciamento, pois Paulo Freire não vê a alfabetização como uma técnica embasada em uma teoria do conhecimento, mas como um fazer social e político em que o homem aprende por meio da própria ação sobre o mundo.

Enquanto o *Manual Dom Bosco* traz as prescrições para o desenvolvimento das aulas, racionalizando o conteúdo a ser desenvolvido e o número de aulas a ser ministrado, o método Paulo Freire aponta que a educação deve permitir uma leitura crítica do mundo.

A aula chega pronta para ser desenvolvida pelo alfabetizador. Segundo os autores do *Manual*, basta seguir o exemplo. Assim, a educação é tomada numa perspectiva ingênua em que o educando é entendido como aquele depositário vazio do conhecimento. A educação é vista como transferência de um conhecimento finito. Pinto (1986, p. 61), salienta que:

[...] no campo da educação – como em todos os demais, a consciência ingênua é sempre nociva, pois engendra as mais equivocadas idéias, que se traduzem em ações e juízos que não coincidem com a essência do processo real, que não são verdadeiras. Não pode levar a completa rápida solução de problemas que considera, e somente se torna uma fonte de equívocos, de desperdício de recursos, de intentos frustrados.

Conforme Gadotti (1985, p. 89), “[...] para criar é necessário, mudar, perturbar, modificar a ordem existente. Fazer progredir alguém significa modificá-lo. Por isso a educação é um ato de desobediência e de desordem. Desordem em relação a uma ordem dada”. Em uma concepção crítica da educação, como bem afirma Pinto (1986, p. 63),

[...] o adulto analfabeto é em verdade um homem culto, no sentido objetivo (não idealista) do conceito da cultura, posto que, se não fosse assim não poderia sobreviver. Sua instrução formal (alfabetização, escolarização) tem que se fazer sempre partindo da base cultural que possui e que reflita o estado de desconhecimento (material e cultural) da sociedade a que pertence.

Para o *Manual Dom Bosco*, a ordem é dada pela ótica católica: “Cada um no seu lugar”. No mundo, segundo a ótica católica, todas as pessoas têm um lugar que foi o determinado por Deus. Deus quer que seja assim e não de outra maneira. Cabe ao homem refletir os propósitos de Deus para a sua vida. Segundo Freire (1996, p. 72), “[...] a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo alfabetizador”.

Segundo Pinto (1986, p.86),

O problema do método é capital na educação de jovens e adultos. Nesta fase é um problema muito mais difícil que na instrução infantil, porque se trata de instruir pessoas já dotadas de uma consciência formada – ainda que quase sempre ingênua – com hábitos de vida e situações de trabalho que não podem ser arbitrariamente modificados.

Um dos pressupostos desse método, segundo Brandão (1985, p.10), “[...] é a ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho.” Os homens se educam na relação um com o outro, juntos. Assim sendo, o saber dos alunos não é negado. É necessário permitir ao outro, criar, colocar a palavra.

Isto implica dizer que Paulo Freire não se coloca a favor de uma prática pedagógica prescrita, pois enfatiza em seus escritos que a educação deve libertar os sujeitos e não reproduzir uma prática social dominante. Paulo Freire critica o currículo existente por meio do conceito de educação bancária;

Na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo o qual esta se encontra sempre no outro. O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processo de busca. (FREIRE, 2011, p. 81)

No trabalho com o método Paulo Freire, o currículo vai sendo construído por meio de um diálogo que possibilita a compreensão do para quem está sendo construído esse currículo, levando em consideração a cultura, a subjetividade e a identidade do grupo social.

O currículo baseado na teoria pós-crítica dá voz aos excluídos de um sistema padronizado. Segundo Silva (1999, p. 148), o currículo “[...] é uma questão de saber, poder e identidade”. Para Goodson (2007, p. 243),

[...] o currículo foi basicamente inventado como um conceito para dirigir e controlar o credenciamento dos professores e sua potencial liberdade nas salas de aula. Ao longo dos anos, a aliança entre prescrição e poder foi cuidadosamente fomentada, de forma que o currículo se tornou um mecanismo de reprodução das relações de poder existentes na sociedade.

O currículo deve ser entendido como um processo, que envolve múltiplas relações, abertas ou tácitas, em diversos âmbitos que vão da prescrição à ação, das decisões administrativas às práticas pedagógicas. Para compreendê-lo e implementá-lo de modo a transformar o ensino, é preciso refletir sobre grandes questões como a cultura, a identidade, o saber, a subjetividade, o gênero etc.

Nessa direção, Freire (1996, p. 29), argumenta que

[...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que - fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade.

Nesse sentido, ensinar significa permitir que os sujeitos interfiram na realidade em que estão inseridos, de modo que se tornem sujeitos ativos da própria história

4 MEMÓRIAS

Este capítulo tem por objetivo abordar as memórias dos sujeitos envolvidos com o Projeto Machado Alfabetizado e com o Método Dom Bosco. A partir das narrativas desses sujeitos, foi possível responder às seguintes questões: como professores e alunos conheceram o Método Dom Bosco de Educação de Base? O que é alfabetização para os sujeitos envolvidos na pesquisa? Que mudanças eles puderam perceber durante o desenvolvimento desse Projeto? E ainda quais as expectativas desses sujeitos em relação ao curso de alfabetização.

Nessa perspectiva, foi possível a constituição de fontes históricas por meio da exploração da oralidade. Segundo Silva (2009, p. 9) “Fontes históricas são: documentos, registros e vestígios, são termos que definem tudo aquilo produzido pela humanidade. É a herança material e imaterial deixada pelos antepassados a qual serve de base para a construção do conhecimento”.

Assim, para o autor, as fontes históricas são registros, documentos produzidos pela humanidade.

Sem dúvida, esse é um trabalho minucioso de memória, delicado, em que os sujeitos narraram suas lembranças. Cabe ao historiador saber compreender e não julgar, como afirma Bloch (2001) em sua obra *Apologia da História*, ou, *O ofício de historiador*. Segundo Portelli (1997c, p. 16),

A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais.

A história oral muda a forma de escrever a história. Ela empurra o narrador para dentro da história que está sendo contada. Segundo Nóvoa (2007, p. 117),

[...] cada história de vida, cada percurso, cada processo de formação é único. Tentar elaborar conclusões generalizáveis é absurdo. Como refere Dominicé (1985): “Neste caso, a verdade não cabe a generalização. Existe uma singularidade de cada história de vida, que não permite que se considere como verdadeira toda a generalização que não tenha em conta essa singularidade”. Assim ler o geral a partir de uma singularidade radical exige um esforço que se quer profundo.

A partir dessas reflexões, trabalhou-se o passado a partir de narrativas de professores e de alunos que participaram do Projeto Machado Alfabetizado na cidade de Machado MG. Foram elaboradas entrevistas semiestruturadas. Utilizou-se a metodologia da História Oral que apresenta o depoimento, o ouvir as múltiplas narrativas, no intuito de contribuir para a pesquisa. Procurou-se trabalhar com os textos resultantes mantendo-os quase em sua totalidade a fim de respeitar, ao máximo possível, a construção da narrativa durante a entrevista e explorar a trajetória desses sujeitos. Assim, será apresentada primeiro a textualização das entrevistas²³ para, em seguida, proceder à análise.

4.1 As professoras

A entrevista com a professora Beatriz Augusta, 49 anos, foi realizada em sua residência na cidade de Machado (MG), no dia 27 de outubro de 2011 e teve duração de 24 minutos. Católica, a professora vem de uma família de oito filhos, sendo ela a caçula.

Meus pais sempre trabalharam na lavoura de café. Boa parte de minha infância vivi na zona rural da cidade de Machado, em um bairro chamado Córrego do Rosário. A escola que eu estudava ficava distante da minha casa, todo trajeto era feito a pé então a gente tinha que levantar muito cedo.

²³ -Todos os sujeitos entrevistados nesta pesquisa estão aqui apresentados com nomes fictícios.

Para chegar à escola, era necessário atravessar uma rodovia e como no bairro havia mais crianças estudando, cada semana era um pai que se encarregava desta tarefa. Estudei nesta escola até o quarto ano e logo em seguida meu pai resolveu vender o pedaço de terra onde nós vivíamos e viemos viver na cidade.

Chegando na cidade, fiquei afastada da escola por dois anos por falta de adaptação e por ser acanhada. Na zona rural, eu só conhecia aquela turma que estudava comigo então sentia falta deles. Só voltei à estudar dois anos depois, no antigo grupo escolar Iraceminha, hoje escola Estadual Iracema Rodrigues por incentivo da minha primeira professora, Ana Luiza Santos, foi ela quem me incentivou a voltar para a escola. O Iraceminha funcionava onde é hoje o quartel, lá fiz novos amigos e segui meus estudos até a 8ª série. No ano seguinte, fui estudar na escola de Comércio, no curso técnico em contabilidade. Cheguei a iniciar o curso superior de contabilidade por já trabalhar em um escritório. Desisti do curso de contabilidade e prestei vestibular para o curso de letras, pois no meu íntimo, eu queria mesmo era ser professora.

No curso de letras, encontrei uma professora chamada Zélia Batista e ela me incentivou a fazer o curso de magistério que eu tanto desejava e que não fui fazer antes por ter que trabalhar. Este curso só era oferecido no colégio Imaculada Conceição e no período da manhã.

Na turma em que eu estudava, todas as pessoas tinha feito este curso menos eu. Terminei o curso de Magistério na Escola Estadual Iracema Rodrigues porque o Colégio Imaculada Conceição havia interrompido suas atividades para passar por uma reforma.

Assim que iniciei o curso de letras, surgiu minha primeira experiência. Era uma turma de 7ª série, daí para frente não parei nunca mais. Quando eu iniciei meu trabalho na educação eu pegava o que sobrava. Aquelas salas difíceis que as professoras efetivas não queriam. Dava aula para criança, para adolescente e assim fui aprendendo. Para a minha vida foi um desafio, um aprendizado.

Tive muitas experiências que me fizeram crescer. Trabalhei na escola especial, em classes de alfabetização, nas séries finais do ensino fundamental e médio, em programas de aceleração da aprendizagem, no projeto Machado Alfabetizado, no programa Brasil Alfabetizado e todas estas experiências me fizeram crescer como pessoa. Na realidade, o que eu queria mesmo era ser professora.

Sou apaixonada pelo que faço. Gosto muito mesmo e trabalhar com alfabetização não é fácil, e eu sempre trabalhei com muito prazer. A minha experiência com a Alfabetização de Adultos foi rápida, dois anos. Trabalhei com o Método Dom Bosco, que foi trazido para a cidade pela secretaria Municipal de Educação. Conheci o Método Dom Bosco através da prefeitura municipal de Machado, em um curso ministrado pelas professoras Brisa e Geralda, da fundação São João Bosco, na verdade foi um treinamento para alfabetizar jovens e adultos. A alfabetização acontecia a partir de uma metodologia que usava a palavra chave, por exemplo, pa da panela que era discutido no contexto do adulto. Chá de chave. Eu achava interessante contextualizar a palavra chave, eu puxava deles e assim eles iam relatando acontecimentos do cotidiano. Como cada aluno tinha uma profissão era possível debater com eles fatos do cotidiano. Somente após estas discussões eu trabalhava a palavra geradora.

Alfabetização para mim vai muito além de codificar e decodificar letras. Alfabetizar é mostrar para o outro o valor das coisas, é discutir direitos e deveres, pois o adulto já é letrado.

Durante o período que trabalhei no Projeto Machado Alfabetizado, percebi

mudanças significativas no comportamento dos alunos. No início do projeto, os alunos se mostravam muito tímidos, retraídos, quietos e com o passar do tempo estes foram se soltando. Além de aprenderem a ler e a escrever, estes ainda adquiriram autoconfiança e independência e hoje são capazes de realizar tarefas simples que antes dependiam de terceiros como: ler uma carta, escrever um bilhete, fazer leitura de contas. O projeto trouxe, sim, mudanças para a vida das pessoas e estas mudanças foram conceituais e comportamentais. Os alunos deste projeto tornaram-se independentes e autoconfiantes.

A entrevista com a professora Ana Maria Silva, 51 anos de idade, foi realizada em sua residência, às 14 horas, na praça Rui Barbosa nº 47, na cidade de Machado (MG), no dia 15 de outubro de 2011, e teve duração de 47 minutos. Católica, a professora é a quinta filha de um casal de onze filhos.

Meu nome é Ana Maria Silva, sou católica, nascida e criada na cidade de Machado MG. Sou a quinta filha de José da Cruz Silva e Anésia Aureliano Silva. Meu pai é carteiro aposentado, mas sempre trabalhou como pedreiro nas horas vagas para reforçar o orçamento e fazer as despesas de casa. Minha mãe era lavadeira. Lavava roupas de muitas famílias da cidade. Éramos muito pobres e ainda hoje tenho lembranças do tempo em que nós buscávamos palha para encher os colchões pra gente dormir. Minha mãe era zelosa, limpa e tinha muita preocupação com nossa educação.

No curso primário, estudei na Escola Estadual Gabriel Odorico, logo em seguida fui estudar no Colégio Imaculada Conceição, colégio católico que está na cidade desde 1912. Estudei também no colégio La Salle, hoje Escola Estadual Iracema Rodrigues. O Colégio Imaculada Conceição só atendia ao público feminino e o La Salle ao público masculino. No La Salle, comecei a estudar quando este colégio já atendia homens e mulheres.

Do colégio La Salle, tenho lembrança do irmão Germano, um gaúcho que tinha suas origens na Alemanha. A disciplina era rígida tanto no La Salle quanto no Imaculada. Tenho lembranças ainda dos uniformes usados nestas escolas. Era um para cada momento. Nestes, colégios a ordem, a disciplina era tudo.

Como eu era pobre, era difícil para meus pais me manter nesta escola, pois tudo era pago, os livros, estes a gente comprava usado, a gente apagava o livro do colega e escrevia de novo. Era uma luta, um sofrimento, pois nem sempre meu pai estava em dia com a mensalidade, muitas vezes fui tirada da sala de aula por falta de pagamento. Minhas amigas, como sabiam da situação, logo que viam a madre Benita que era a responsável por esta questão logo gritam: esconde Kátia.

Deixei o colégio na 8ª série, pois precisava muito trabalhar para ajudar em casa e ainda comprar as coisas que eu gostava. Quando a gente é mocinha, a gente quer comprar coisas que os pais não podem comprar, ainda mais na minha situação. Trabalhei de empregada doméstica na casa de uma senhora chamada dona Cláudia. Foi sofrido, pois nesta casa a patroa separava o meu taller. Trabalhei também na fábrica de papelão e nesta época eu só tinha 14 anos, era a mais nova da turma. Quando a fábrica de papelão fechou e eu fiquei desempregada aí então eu fui fazer bloquinho para plantar café para um senhor chamado Tião Martinho. Neste trabalho, eu tinha que levar o que eu ia comer então minha mãe fazia para mim uma garrafinha desta de guaraná com café, às vezes bolo, às vezes batata assada. E foi assim:

Em uma tarde, voltando para casa minha irmã ouviu dizer que estava chegando na cidade a Capemi e que esta empresa estava selecionando pessoas para trabalhar em uma creche, O Lar Fabiano de Cristo, então fui até o hotel Colinas e dei meu nome para trabalhar de qualquer coisa. No dia seguinte, fui chamada, limpei o prédio inteiro, arrumei aquele espaço todinho para receber as crianças e fui contratada como auxiliar da professora e lá fiquei onze anos e oito meses no Lar Fabiano de Cristo. Trabalhar no Lar Fabiano me faz enxergar muita coisa. Eu trabalhava com criança, mas não era habilitada ainda. Então fui estudar em Poço Fundo, cidade vizinha que oferecia o curso de Magistério no período noturno. No Lar Fabiano, eu alfabetizava as crianças naquela cartilha “Casinha Feliz”, planejava as atividades de colagem, recorte, desenho livre. Ter trabalhado nesta instituição foi muito bom para mim, foi uma experiência e tanto. O Lar Fabiano é uma instituição espírita e que além de atender as crianças oferecendo pré-escola, na época em que trabalhei lá atendia também as famílias destas crianças. Era uma filosofia de trabalho bem diferente. Todas as atividades eram relacionadas com o bem estar da comunidade. Todas as atividades eram organizadas de acordo com aquela filosofia. Existia naquela instituição a preocupação com a espiritualidade do outro.

Quando deixei o Lar Fabiano, fui trabalhar na APAE, em um período eu era alfabetizadora e em outro eu trabalhava na oficina pedagógica. Depois de alguns anos, deixei a APAE e fui trabalhar na escola rural no bairro do Centro, era uma escola isolada, e logo a prefeitura municipalizou estas escolas, então eu fui trabalhar onde trabalho até hoje na Escola Municipal Clovis Araújo Dias. Já fui diretora desta escola e hoje sou professora. Trabalhei também com a Alfabetização de Jovens e Adultos, em um projeto da prefeitura chamado Machado Alfabetizado que tinha como objetivo alfabetizar jovens e adultos, através do Método Dom Bosco de Educação de Base. Para trabalhar com este método, a prefeitura ofereceu um curso de capacitação para todas as professoras que fariam parte deste projeto. Esta capacitação foi ministrada pelas professoras Brisa e Geralda, técnicas da Funjobi.

Tive muitas experiências na área da educação. Vi muita coisa mudar e isto foi muito importante para a minha vida. Eu tenho certeza que a minha vida mudou e mudou não somente pelo fato de eu ter frequentado a escola, mas pela minha força de vontade de vencer as barreiras sociais e econômicas.

Trabalho com o que eu gosto. Gosto de alfabetizar, de estar com as pessoas e quando fui trabalhar com Jovens e Adultos no Projeto Machado Alfabetizado gostei muito, pois eu trabalhava muito a oralidade e acabava conhecendo o jeito de cada aluno e assim a gente ia criando vínculos. Em todas as aulas, a gente contava muita história. Falávamos muito da vida, dos anseios e das necessidades do homem, o diálogo nas aulas era à base de todo o trabalho. Era justamente através do diálogo que eu ia contextualizando a palavra-chave e fazendo estudo das sílabas, mas para mim alfabetização não era somente leitura e escrita. Ler e escrever são muito importantes, mas ler o mundo, os direitos, os deveres, o valor da saca de café, as contas a pagar, as placas de trânsito, as bulas de remédio é alfabetização. Os adultos quando voltam para a sala de aula já são letrados. Muitos destes adultos não frequentaram a escola na idade própria por terem que trabalhar para ajudar no sustento da família ou até mesmo por terem que ficar em casa para cuidar dos irmãos menores.

No decorrer deste projeto, pude perceber mudanças tanto cognitivas quanto comportamentais.

A entrevista com a professora Aparecida Helena foi realizada em sua residência, na rua Dom Hugo nº 87, na cidade de Machado (MG), no dia às 17 horas e teve duração de 27 minutos. Católica, a professora tem 44 anos, vem de uma família de seis filhos e é a filha caçula.

Bom! Minha vida foi difícil meus pais eram muito carentes, sou a caçula de seis filhos. Minha mãe era do lar, só cuidava dos filhos e meu pai era serralheiro. Tenho dificuldade em lembrar-me da minha infância. Não lembro quase nada. Uma das poucas lembranças que me acompanha é a da minha mãe indo para a escola todas as noites. Ela estudava na 2ª série no Mobral. Eu e meus irmãos ficávamos esperando-a voltar. Eu ficava triste quando minha mãe saía para estudar. Meus irmãos me agradavam muito. No tempo do frio, era bom, nós pegávamos os banquinhos e ficávamos em volta do fogão a lenha nos aquecendo e fazendo pipoca esperando-a voltar. Era uma risada só. Eu tinha vontade de ir à escola com ela, mas ela nunca levava, pois se me levasse tinha que levar minha irmã também.

Comecei a estudar com sete anos na Escola Estadual Gabriel Odorico. Eu gostava tanto de ir para a escola nesta época que acabava indo sempre bem adiantado. A aula iniciava ao meio dia e meia e eu ia onze e meia para ser a primeira da fila. Quando terminava a aula, eu chorava de tristeza e vivia perguntando para a minha mãe se voltaria no dia seguinte para a escola. Meus irmãos riam de mim e diziam que eu era puxa-saco da professora. A Dona Maria José Lopes era a minha professora e, como ela precisou ir embora, eu tive que me acostumar com a outra professora, a dona Neuza.

A fase mais triste da minha vida foi quando eu passei para a quarta série, eu já estava com onze anos e o meu pai faleceu. Quando perdi meu pai, fiquei agressiva por achar que as professoras tinham culpa da morte dele. Com a morte do meu pai, comecei a ficar isolada dos amigos em um canto.

Com 11 anos, tive que começar a trabalhar para ajudar nas despesas de casa. Fracassei na escola e começaram a chegar as repetências. Quatro anos depois, minha mãe morreu e deixei de trabalhar para cuidar da casa, eu lavava, passava, cozinhava, nem tinha tamanho e já estava no fogão. Eu estudava de manhã e antes de sair para a escola deixava o almoço pronto, pois todos na casa trabalhavam. Quando eu chegava da escola, era aquela tristeza. Minha irmã queimava a comida todos os dias.

Fiquei muito tempo sem comer sardinha, pois na minha casa todos os dias a mistura era sardinha. Quando passei para o colegial, fui estudar no período noturno na Escola Estadual Iracema Rodrigues, como eu tinha medo de voltar para casa, queria muito parar de estudar, como algumas colegas, como meus irmãos não deixaram, iniciei então o curso técnico em contabilidade por ser a única opção oferecida naquela escola. Eu gostaria de fazer Magistério no Colégio Imaculada Conceição, mas como eu não podia deixar de trabalhar acabei no curso de contabilidade mesmo. Só depois de alguns anos desempregada fui fazer o curso que desejava na cidade vizinha de Alfenas. Cheguei a fazer vestibular para o curso de Ciências Contábeis como não passei, no ano seguinte, comecei o curso de Estudos Sociais e acho que fiz a escolha certa.

Meu primeiro emprego foi na Vedima, uma concessionária de carros da Toyota. Permaneci neste emprego quatro anos. Trabalhei no escritório de uma oficina e fui demitida, pois os patrões não podiam pagar o meu salário. Logo em seguida, fui trabalhar em um escritório de contabilidade e assim

fui indo de escritório em escritório. Hoje trabalho no Lar Fabiano de Cristo que é uma instituição espírita com sede no Rio de Janeiro. Iniciei nesta instituição como auxiliar de classe, fui também professora e hoje sou supervisora pedagógica.

Apesar de ter passado por todas estas experiências, algumas até frustrantes, trabalhei também com Alfabetização de Adultos em um projeto chamando Machado Alfabetizado, que foi uma iniciativa da prefeitura municipal de Machado. Para trabalhar neste projeto, passei por um curso ministrado pelas professoras Brisa e Geralda, da Funjobi. Neste curso conheci o Manual do Professor (1993), o Método Dom Bosco de Educação de Base. Este “Manual” trazia as prescrições de como as aulas deveriam ser desenvolvidas. Achei o Manual interessante por incentivar o trabalho com a oralidade, para logo em seguida passar para escrevê-la. Eu sempre utilizei outros métodos junto com o Dom Bosco por acreditar que alfabetização não é só leitura e escrita. É conhecimento de mundo, é mudança de comportamento, não é apenas codificar e decodificar, é abrir horizontes, é encontrar saídas, é desenvolver novas formas de compreensão. Então alfabetização para mim é compreensão de mundo. Não é ficar entre quatro paredes, é ir além das prescrições do método.

Percebi mudanças significativas nos alunos durante o desenvolvimento deste projeto. Apesar do cansaço do trabalho diário, eles tinham uma força de vontade muito grande e era o que os movia. Durante o desenvolvimento deste projeto, foi possível notar que eles vibravam com a descoberta de novas palavras. Muitos alunos relataram em sala de aula a alegria de conseguir assinar o próprio nome, de não precisar mais colocar o dedo na tinta para carimbar as suas impressões digitais. Com certeza, o projeto Machado Alfabetizado trouxe mudanças na vida de quem participou das atividades propostas. Eu, enquanto professora destes alunos, sei que a mudança aconteceu e pode ser percebida até mesmo no modo de falar destes alunos que antes eram tímidos.

A entrevista com a professora Helenice Pereira foi realizada em sua residência, na rua Lourenço Gonçalves de Lima nº 72, Jardim Bela Vista, na cidade de Machado (MG), às 14 horas, e teve duração de 20 minutos. Religião – Católica. Idade: 38 anos.

Meu nome é Helenice Pereira, tenho 38 anos, sou órfã. Perdi minha mãe bem criança, e quem me criaram foram as minhas tias Sônia e Solange que trabalham em casas de família. Tive pouco contato com a minha mãe, mas muito carinho, muita força das minhas tias. Sou solteira e tenho um filho que acabou de nascer e é um bebê lindo. Para o meu filho, quero dar todo amor que recebo das minhas tias. Eu cresci junto delas.

A minha infância foi muito boa, eu gostava muito de correr na rua com meus colegas. Gostava também de estudar. A primeira escola que estudei foi a Escola Estadual Dom Pedro I, desde o prezinho Pluminha Azul até a quarta série. Assim que terminei a quarta série, fui estudar na Escola Estadual Iracema Rodrigues, onde permaneci até terminar o ensino médio, esta escola oferecia somente dois cursos: Contabilidade e Magistério. As pessoas mais ricas saíam da cidade para estudar farmácia, medicina, enfermagem, odontologia, engenharia e outros. Por não ter dinheiro para estudar fora e nem para pagar outro curso, acabei no Magistério como a maioria das meninas da minha idade.

Muitas vezes tive vontade de estudar no período noturno e trabalhar durante o dia, mas a cidade não oferecia o curso de Magistério no noturno. Quando terminei o segundo grau demorei a arrumar emprego fixo, então fazia bicos, cada dia trabalhava em um lugar. O curso superior que escolhi fazer foi Ciências Biológicas e assim o tempo foi passando. Somente no ano de 1995 é que consegui emprego fixo, foi quando comecei a trabalhar no projeto Machado Alfabetizado e esta foi a minha primeira experiência na área da Educação de Jovens e Adultos. Esta primeira turma estudava na Escola Municipal Comendador Lindolfo de Souza Dias. Neste momento, eu comecei a ajudar as minhas tias, pois até então eu era desempregada.

Hoje trabalho na zona rural, sou efetiva na prefeitura Municipal de Machado. Tenho minha casa, meu sustento e acho que encontrei, sim o caminho e quero que meu filho seja muito feliz. Quero ser amiga e companheira dele.

Então eu fico pensando o que seria de mim se eu não tivesse estudado, se eu não tivesse me tornado professora. Eu e minhas tias passamos por tantas coisas juntas. É difícil lembrar essas histórias da vida, mas isto faz com que a gente a cada dia que passa dê mais valor às coisas. Muitas coisas que as minhas amigas tinham, eu não tinha. Calça nova, blusa nova, coisas materiais. O que eu tinha era o que as minhas tias ganhavam das patroas. Hoje tenho consciência das coisas e sei que tudo que tenho é fruto de muito trabalho.

Agradeço a Deus tudo o que ele me deu e tem dado. Iniciei como já disse meu trabalho na área da educação alfabetizando Jovens e Adultos no ano de 1995, em um projeto chamado Machado Alfabetizado. Primeiro fiz um treinamento para conhecer a metodologia que deveria ser utilizada neste projeto de alfabetização com as professoras Brisa e Geralda oferecido pela prefeitura da cidade e logo em seguida fui a trabalhar. Era tudo novo para mim e todo meu trabalho com o “Manual” do Professor, o Método Dom Bosco de Educação de Base, partia de uma conversa descontraída e otimista com os alunos. Falávamos muito a respeito da importância do estudo e das mudanças que o estudo poderia acarretar na vida deles e eu usava sim o Manual do Professor (1993), o Método Dom Bosco de Educação de Base, mas fazia uso de outros métodos também. Eu tinha que chamar atenção do meu aluno para que ele voltasse no dia seguinte. Alfabetizar é uma tarefa difícil. Em se tratando de adultos, trata-se de respeitar suas sabedorias e suas limitações.

O adulto quando chega à sala de aula já é letrado, só não conhece aquele o saber que chamamos de saber escolarizado. O projeto Machado Alfabetizado provocou mudanças na vida deste grupo de alunos e é possível perceber isto se compararmos o início das aulas com o encerramento. Quando iniciamos as aulas, os alunos eram retraídos, quase não falavam nada e hoje o que eu posso dizer é que a sala de aula tornou-se para eles um espaço de convivência. Um lugar onde eles contam suas histórias de vida traz a tona sua cultura, sua religião, desabafa.

A sala de aula durante os meses em que funcionou este projeto serviu de espaço para a troca de saberes e é justamente esta troca de saberes que enriquece esta experiência com a alfabetização de jovens e adultos.

A entrevista com a professora Virgínia Moura foi realizada em sua residência, rua Silviano Brandão nº 297, na cidade de Machado (MG), no dia 27 de novembro de 2011, às 15

horas e teve duração de 19 minutos. Católica, a professora tem 60 anos de idade, primeira filha de um casal de seis filhos.

Sou natural do distrito de Douradinho, sou católica, e sempre morei na zona rural. Sou filha de lavradores e iniciei meus estudos quando completei 7 anos de idade sem passar pela pré-escola, hoje tenho 60 anos, então na minha época, nem se falava em pré.

Era muito difícil frequentar escola quando eu era criança, pois a escola mais próxima ficava 16 quilômetros distantes da minha casa na cidade de Cordislândia, então eu tinha que passar a semana toda na casa da minha avó e retornar para casa no final de semana. Morei em Cordislândia até terminar a o antigo quarto ano e logo em seguida passei a morar na cidade de Machado para terminar meus estudos. Estudei no Colégio Imaculada Conceição, até terminar o curso de Magistério. Como a cidade não oferecia vaga para todas as pessoas que se formavam, voltei a morar em Cordislândia para trabalhar e só voltava para Machado nos finais de semana para frequentar as aulas na Faculdade. Sou formada em Ciências Biológicas e Pedagogia. Como toda professora, nunca deixei de estudar. Assim que terminei a graduação, passei para o curso de pós-graduação.

Tenho uma vasta experiência como alfabetizadora. Trabalhei também de 5ª a 8ª série como professora de ciências no ensino fundamental. Quando a aposentadoria chegou, fui trabalhar com alfabetização de jovens e adultos no Projeto Machado Alfabetizado e assim iniciei uma nova jornada. Aprendi a trabalhar com o Manual do Professor (1993), o Método Dom Bosco de Educação de Base, em um curso que aconteceu no salão paroquial da cidade com as professoras Brisa e Geralda da Funjobi da cidade de Belo Horizonte. Trabalhava com o Manual Dom Bosco, mas sempre lançava mão de outros materiais que conhecia, pois nenhum “Manual” é cem por cento. Como na sala de aula a diversidade de alunos é muito grande, eu tentava sempre atendê-los da melhor maneira.

Eu senti no primeiro dia de aula que meus alunos ainda eram um embrião que precisavam de muitas conversas, livros e mais livros para que pudessem descobrir o mundo que ainda não conheciam que é o mundo da leitura. Com o passar dos tempos, esta sensação foi melhorando, os alunos foram ficando fortes e seguros de si. As mudanças foram acontecendo no decorrer das aulas e hoje eu sinto que estes são pessoas mais autônomas, mais seguras e que não tem mais aquela vergonha de falar. Hoje eles saem vão fazer suas compras, assinam seus documentos não necessitam mais de carimbar as digitais. Então a alfabetização mudou, sim, a vida destas pessoas.

O primeiro ponto a ser analisado nessas entrevistas é a trajetória dos sujeitos desta pesquisa até se tornarem professoras. O segundo ponto é a relação das professoras com o *Manual do Professor* (1993), do Método Dom Bosco de Educação de Base. Finalmente, o terceiro ponto é a concepção de alfabetização dos professores usuários do Projeto Machado Alfabetizado.

Analisando a trajetória de vida das professoras entrevistadas, foi possível perceber que as professoras Ana Maria Silva, Elenice Pereira e Virgínia Moura se tornaram professoras por falta de opção, pois na cidade só existiam três possibilidades de cursos no Ensino Médio:

contabilidade, magistério e técnico agrícola. Então, quem optasse por outra profissão tinha que deixar a cidade. Já as professoras Elenice Pereira e Beatriz Augusta sempre quiseram ser professoras. Percebe-se que o ser professora para essas pessoas é uma construção histórica e que traz a marca da sua formação social e cultural. São pessoas de classe média baixa e que se realizaram na sua profissão, dentro das condições sociais que lhes eram postas à época naquela cidade. Se pensarmos o que as levou ao magistério, logo chegaremos à resposta de que, no horizonte de possibilidades que se apresentava a elas, ligado à sua condição de origem, um caminho era esse, naturalizado em suas falas.

Aparecida Helena- Sempre quis ser professora. Só faltava uma oportunidade e esta oportunidade chegou. Mas eu sempre fui à luta. Mas você tem que querer e buscar seus objetivos. Várias vezes eu tive oportunidade para trabalhar no escritório e eu não era feliz no que estava fazendo e você só faz um trabalho perfeito quando você gosta e quando está feliz. No entanto, hoje eu estou no Lar Fabiano de Cristo. Faz treze anos que eu estou lá e faço o meu trabalho da melhor maneira. Eu sempre falo para as meninas que enquanto eu estiver aqui eu visto a camisa da instituição. A Instituição Lar Fabiano de Cristo é uma obra de caridade né, ela faz muita caridade, ela não trabalha só a criança, mas a família que passa pelo lar.

Aparecida Helena ficou órfã muito cedo e sempre quis ser professora o que faltava era dinheiro para conseguir realizar seu desejo. A professora Elenice Pereira não gostava do curso de contabilidade, mas também não tinha dinheiro para frequentar outro, então foi para o magistério:

Elenice Pereira: Embora minhas tias fossem boas para mim, elas também são pobres. Eu precisava muito de terminar o segundo grau para começar a trabalhar. Aí eu fui fazer curso de magistério como todas as meninas da minha idade faziam. Eu não gostava muito de contabilidade, mas antes de terminar o curso muita coisa aconteceu muitas vezes eu tive vontade de estudar à noite para poder trabalhar, porque a cidade pequena não oferece serviço de meio período e eu não tinha dinheiro eu era sustentada pelas minhas tias e era difícil para mim e para elas, mas nunca fui estudar no período noturno.

Segundo Arroyo (2000, p. 125), “[...] em nossa história de pouco mais de um século de consolidação da instrução pública a maioria das professoras e professores tem como origem as classes populares e as camadas médias baixas”. Da mesma forma, notou-se que a escolha dessas professoras tem a ver com a sua condição social.

-Dalila: Então o seu desejo na verdade era ser professora, mesmo?

-Beatriz Augusta: Era ser professora de corpo e alma só o corpo não bastava, a alma tinha que estar inserida também, se não valia a pena. Então assim vivi realidades diferentes, trabalhei em escola especial também e em cada uma você tem um novo aprendizado. Depois eu casei tive as minhas filhas e foi outra experiência inesquecível na minha vida.

Para a professora Ana Maria Silva e para a professora Elenice Pereira, ser professora significa garantia de um emprego melhor, e consequentemente, estabilidade financeira, mesmo com os baixos salários.

Ana Maria Silva: Eu sempre quis ser professora, então fui estudar lá em Poço Fundo porque a aula era durante a noite e dava para trabalhar durante o dia.

Elenice Pereira: É então eu fico pensando o que seria de mim se eu não tivesse ido à escola, a fase que eu passei. Se eu não fosse uma professora. O salário não é bom não, o salário é baixo. A valorização é muito pouco, mas mesmo assim é o que me sustenta. O salário do professor, embora baixo seja um salário glorificado porque eu me sustento, continuo com a minha tia, ajudo-a e consegui comprar a minha própria casa. Pensando em tudo que eu já passei e que passo até hoje, penso e se não tivesse sido dessa maneira talvez eu não desse tanto valor ao meu emprego, bendito aquele que sai da sua cama, que levanta cedinho e tem aonde ir e tem um lugar pra entrar pra trabalhar. A gente chega à escola e vê as crianças com aquela cara tão alegrinha e então o que dá animo pra gente poder continuar com a missão que a gente escolheu para fazer. E hoje quando converso com algumas amigas que trabalham em outros serviços e chego à conclusão de que o que eu queria mesmo é ser professora. Porque eu acho que a profissão de professora não é profissão é uma missão.

Ainda segundo a professora Elenice Pereira, o magistério, além de ser uma profissão, é ainda uma missão, feita de amor e de dedicação. Talvez a professora Elenice Pereira veja o magistério mais como sacerdócio do que como ofício.

Em resposta ao segundo ponto da análise das entrevistadas, ao discorrer sobre o trabalho com o *Manual Dom Bosco de Educação de Base*, as professoras apresentam em suas narrativas que achavam interessante a palavra geradora com a qual trabalhavam no contexto do aluno. Nota-se no discurso dessas educadoras que elas aderiram às propostas do *Manual*, mas também se propuseram a trabalhar na perspectiva do letramento. Isso fica claro quando as professoras definem alfabetização como sendo algo além de codificar e decodificar letras.

Segundo a professora Beatriz Augusta, “[...] quem está na educação de jovens e adultos não trabalha só a leitura e a escrita, porque ele já tem sua vivência de mundo, já é letrado”. Observa-se também na narrativa da professora Virgínia Moura que a alfabetização é um processo que não se completa nunca, alfabetização, para ela, vai além de habilidades adquiridas na leitura e a escrita:

Virgínia Moura: Alfabetização para mim é oportunidade única que o aluno tem na vida, seja lá em que tempo for idade pequena propicia a ser alfabetizado, adulto, 60, 80 anos. Alfabetização é um deslumbrar de tudo. É interagir com o outro, é falar, é trocar experiência. É ir muito além da leitura e da escrita.

Como afirma a professora, os alunos aprendem uns com os outros na interação diária. Nesse sentido, para os autores Rios e Libâneo (2009, p. 31), “[...] a aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando os indivíduos interagem com outras pessoas”.

Para a professora Aparecida Helena, a alfabetização é mudança de comportamento, leitura de mundo, abertura de novas formas de compreensão, e não somente codificação e decodificação. Ela propicia fazer leitura dos códigos sociais, como ler conta de água e de luz, placas de sinalização, é estar em contato com o mudo já que as palavras estão no mundo. Segundo Kleiman (1995, p. 38), “Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever, aprender a ler e a escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e decodificar a língua falada; apropriar-se da escrita é tornar a escrita ‘própria’, ou seja, é assumi-la como sua ‘propriedade’”.

Assim, aprender a ler para a professora Aparecida Helena significa a transformação do indivíduo. A leitura, para ela, leva o indivíduo a outra condição, cognitiva social e cultural. O que segundo Tfouni, (2004, p. 38), denomina-se letramento.

O que se nota, portanto, é o fato de o letramento poder atuar indiretamente, e influenciar até mesmo culturas e indivíduos que não dominam a escrita. Esse movimento mostra que o letramento é um processo mais amplo que a alfabetização, porém intimamente relacionada com a existência e influência de um código escrito. Assim, culturas ou indivíduos, agráfos ou iletrados, são somente os pertencentes a uma sociedade que não possui, nem sofre a influência, mesmo que indireta, de um sistema de escrita.

De acordo com as professoras Ana Maria Silva e Elenice Pereira, também a alfabetização vai muito além da codificação e da decodificação da língua escrita, alfabetização é interação, é leitura de mundo, é respeitar a sabedoria do outro. Alfabetizar é ensinar a leitura e a escrita, mas na perspectiva do letramento.

Nessa perspectiva, Kleiman (1995, p. 39), assegura que

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo

letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Analisando as narrativas das professoras Beatriz Augusta, Ana Maria Silva, Aparecida Helena, Elenice Pereira e Virgínia Moura, conclui-se que, apesar de terem sido treinadas para trabalhar com o *Manual Dom Bosco de Educação de Base*, elas, além do proposto por ele, lançaram mão de outros materiais como jogos, textos diversificados, letras de músicas para desenvolver esse trabalho, por não acreditarem na alfabetização como uma ação de ensinar a ler e a escrever somente.

Suas percepções são de que o Projeto Machado Alfabetizado gerou mudanças conceituais e atitudinais e de que os alunos se apropriaram da leitura e escrita como aponta Kleiman na citação acima. Os alunos conseguiram expressar suas ideias, ler, escrever, incorporaram valores, normas, hábitos e se socializaram.

Assim, conforme as narrativas das professoras e como apontam os autores, o homem é um ser de relações e é nas relações – pessoais, interpessoais, corpóreas, intercorpóreas - com o outro que ele aprende.

As professoras entrevistadas deixaram claro em suas narrativas que tiveram contato com o *Manual do Professor* do Método Dom Bosco de Educação de Base por meio de um curso oferecido pela Prefeitura Municipal de Machado que teve como professoras as técnicas da Funjob Brisa e Geralda.

Segundo os relatos acima fica claro que as professoras entrevistadas acabaram abraçando a profissão e, ao rememorarem, apresentam suas trajetórias como aquelas de pessoas realizadas.

4.2 Os alunos

Esta seção se inicia com a entrevista realizada, no dia 10 de novembro de 2011, com a aluna Mirtes Vieira, ex-aluna do Projeto Machado Alfabetizado, hoje com 49 anos. A entrevista aconteceu em sua residência, na praça Rui Barbosa nº 74, Centro, cidade de Machado (MG), às 16 horas. Duração da entrevista: 23 minutos. Religião: Católica.

Sou Mirtes Vieira, a quarta filha de uma família de doze filhos, seis homens e seis mulheres todos nascidos na cidade de Machado. Aos sete anos comecei a estudar e estudei direitinho até a segunda série e meu pai resolveu mudar-se para a roça, pois na cidade não tinha trabalho nem para ele nem para a minha mãe. Lá fazia muito frio e a gente passava muita necessidade, fome mesmo. Eu e meus irmãos íamos para a escola de pé no chão mesmo naquele frio tremendo. Quando chegava a colheita do café, o meu pai falava que era melhor a gente trabalhar, e então a gente ia para a colheita do café. Eu sempre parava de estudar para trabalhar e ajudar meus pais. Eu sinto muito não ter estudado e isso dói muito.

Com doze anos, eu vim para a cidade e comecei a trabalhar como empregada doméstica em uma casa onde eu trabalhava e dormia. Neste emprego, a patroa não gostava que eu saísse de casa e ficava sempre implicando comigo. Eu sofri muito durante minha vida.

Quando cheguei da roça para morar na cidade, eu sequer sabia que antigamente os índios viviam pelados, no dia que vi uma foto de um índio pelado, rasguei a folha da revista e levei para a minha irmã ver. Na minha casa, a gente nem via televisão, nós nunca tínhamos tido televisão na vida. . Eu não sabia olhar no relógio, não conhecia ferro elétrico e fui aprender estas coisas na casa das minhas patroas, pois eu sempre trabalhei como empregada doméstica. Eu ficava observando tudo o que acontecia e assim fui aprendendo a lidar com as pessoas, só que eu nunca entendi porque a minha patroa tinha nojo de mim. Ela separava o meu copo, o meu garfo, o prato que eu ia usar e ainda dizia que eu só podia almoçar depois que todos saíssem da mesa. Foi uma vida bem sofrida.

Quando completei dezoito anos, conheci meu marido, casei tive quatro filhos: Jamaica, Robson, Rodrigo e Cristian. Acho muito bonito e importante as crianças estudarem. Eu não estudei por não poder. Eu sempre falo para as crianças que se eu tivesse o estudo que eles têm ninguém ia me segurar.

Só pude voltar a estudar depois de casada e quem me convidou para voltar para a escola foi uma amiga que também tinha deixado de estudar para trabalhar. Ela estudava na Escola Estadual Dom Pedro I e quando ficou sabendo que eu não sabia ler me convidou para ir a escola. Voltei a estudar para ajudar meus filhos na hora do dever e também porque eu queria muito ler a bíblia nas reuniões do catecumenato e da renovação carismática. Ter ido para a escola trouxe, sim, mudanças para a minha vida. Antes eu não sabia ler coisas simples no supermercado e hoje eu sei fazer tudo sozinha. Já perdi um emprego na fábrica de tênis por não saber preencher uma ficha e hoje se precisar preencher esta ficha eu já sei.

Hoje sou mais aberta, converso com as pessoas na rua, na igreja, no meu serviço, sou mais assim... E a escola me ajudou a ser assim. Eu tinha uma relação boa com a professora e com os colegas. Eu gostava muito de ir à escola. Só não gostava de fazer contas porque achava muito difícil. Tinha noite que eu cochilava na escola, mas não deixava de ir.

Eu sempre acreditei que a escola poderia mudar a minha vida. Só não estudei antes porque não tinha condição mesmo. Era uma vida de muito trabalho. E o meu grande sonho era ser veterinária, cuidar dos bichos. Eu acho muito bonito, a pessoa pegar um caderno, um livro, uma Bíblia, e ler sem gaguejar. Eu vejo meus filhos lendo eu acho lindo. Me dói não saber ler igual. Eu falo na igreja assim que eu tenho vontade de ser pregadora, mas eu sei ler pouco. Eu tinha vontade de ter estudado mesmo tinha vontade de ser veterinária. Ser veterinária pra cuidar de bicho, eu amo bicho.

Entrevista realizada, no dia 10 de novembro de 2011, com o aluno João Pedro, ex-aluno do Projeto Machado Alfabetizado, hoje com 47 anos. A entrevista aconteceu em sua residência, na rua Coronel Azarias nº 526, Centro, cidade de Machado (MG), às 17 horas. Duração da entrevista: 18 minutos. Religião: Evangélica.

Meu nome é João Pedro, sou filho de Divina Paulino e tenho mais dois irmãos. Minha mãe cata papelão na rua para reciclar e assim ganha um dinheiro. Já morei em algumas fazendas aqui na cidade de Machado e hoje moro com minha família na cidade. A vida inteira sempre trabalhei pra qui... pra li. Quando eu era pequeno nas fazendas eu até brincava muito, só que depois a vida foi se complicando e foi preciso começar a ajudar em casa. Na roça nós trabalhávamos todos na enxada para comprar comida, calçado e roupa.

Na roça, eu estudei um pouco em uma escolinha que ficava longe da minha casa e depois do almoço eu ia trabalhar na roça. Quando vim morar na cidade, comecei a estudar na Escola Estadual Comendador Lindolfo de Souza Dias e fiquei estudando lá até o antigo 2º ano. Fiquei um tempo sem estudar só trabalhando para levar dinheiro para casa. Naquele tempo, criança ainda podia ir para o café, passados alguns anos já mocinho passei a trabalhar na construção civil. A minha vontade era arrumar um serviço melhor em um supermercado, em uma loja, mas como eu não tinha estudo era difícil demais.

E eu só voltei a estudar já adulto na Escola Estadual Padre José de Souza Ribeiro com a professora Meire, porque o pastor da minha igreja falou que era importante saber ler, para ler a palavra de Deus e para poder compreender melhor as coisas.

Sempre achei que a alfabetização mudaria a minha vida. É como o pastor mesmo diz lá na igreja. Você está mais ativo.

A escola é lugar bom, conheci muita pessoa boa que estuda, trabalha e incentiva a gente. Eu acho que hoje eu converso melhor com o povo sem ficar acanhado como antigamente.

Entrevista realizada com a senhora Sônia Oliveira, ex-aluna do Projeto Machado Alfabetizado, hoje com 83 anos. A entrevista aconteceu na sua residência, na rua Airton Rodrigues Leite nº 526, centro da cidade de Machado (MG), às 10 horas Duração da entrevista: 29 minutos. Religião: Católica.

A minha vida foi de muito trabalho, muito sacrifício, mas eu nunca descreditei da vida. Quando criança, nunca entrei em nenhuma escola trabalhava de segunda a sábado e domingo limpava a casa e ajudava minha mãe.

Sônia Oliveira é o meu nome, sou lá do tempo antigo e posso dizer que a minha vida foi muito difícil, fui nascida e criada na roça. Minha mãe era daquelas italianas que só obedeciam ao marido. Desde criança não tive infância, só trabalho pesado na roça. Não tive carinho de pai e nem de mãe. Eles não tinham compreensão das coisas e era só enxada... Enxada. Eu, para negócio de roça. sou uma beleza, sei tudo, mas para outras coisas, na verdade, eu não sabia nada. Hoje eu vejo os meus netos e fico pensando...

Eu era muito ignorante, nem na escola eu ia, brinquedo eu nem sabia que existia.

Quando casei, em vez da vida melhorar, piorou ainda mais. Meu marido era muito ruim e só fazia o que o pai dele queria. Trabalhava para o pai dele sem receber nada e nós vivíamos na miséria, pois ele não recebia dinheiro e eu trabalhava sozinha no pedacinho de terra que era nosso. Naquela época, a mulher tinha que ter filhos logo e eu, como demorei em ter filho, a família do meu marido falava que meu pai tinha passado filha doente para frente. Depois de seis anos de casamento, tive uma filha que nasceu doente e faleceu onze anos depois. Passados alguns anos, nasceu a minha segunda filha a Margarida que vive comigo até hoje.

Já a minha filha Margarida, apesar de todo sofrimento na roça, com o pai dela muito ruim, muito seguro estudou e hoje é professora porque eu não queria que ela tivesse a vida que eu tive. Vim conhecer a escola quando eu mudei para a cidade já com 76 anos, velha de tudo. Um dia, eu estava ouvindo rádio e tinha uma mulher falando que todas as pessoas podiam frequentar a escola não importava a idade, foi aí que eu comecei a ir para a escola. No rádio, a professora Maria José falava muito de alfabetização e o que eu queria era ler, ler bastante para ler o livro do padre Leo, ler a bíblia, saber das coisas. Eu só pensava que alfabetização era uma coisa boa.

Eu ia todas as noites para aula com muita satisfação, era tudo muito bom, pois eu nunca tinha ido a uma escola antes. E eu só pensava em aprender... Aprender...

Ter frequentado a escola foi muito bom para mim, pois sempre tive vontade. A escola foi um bom lugar. Minha mãe nunca me colocou na escola era só no trabalho.

Só fui à escola agora como estou falando para você. Gosto das minhas professoras Virgínia Moura, Vilma, Fátima e Elenice Pereira e a sopa da Vilma era boa demais. Ter frequentado a escola foi um experiência muito boa em minha vida mesmo com uma idade avançada. Já a minha filha Margarida teve chance de estudar. As pessoas que vão para a escola sabem ler, escrever, falar, tratar melhor as pessoas, entendem melhor a vida. Sofrem bem menos.

Os mesmos pontos buscados nas entrevistas com as professoras também os foram com os alunos, ou seja, a trajetória dessas pessoas até se tornarem alunos do Projeto Machado Alfabetizado, o que eles pensam sobre alfabetização e como analisam sua participação nesse projeto.

Observando a história de vida dessas pessoas selecionadas para esta pesquisa, concluiu-se que esses alunos não tiveram a chance de frequentar os bancos escolares na idade própria, devido à necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família, no entanto, o desejo de estar na escola sempre prevaleceu. Para esses alunos, o saber escolarizado tem um valor inestimável, pois se colocam como pessoas ignorantes por terem pouco domínio da leitura e da escrita. Os entrevistados não enxergam, em momento algum, suas vivências, seus saberes como aprendizagem, mas assumem que mudaram de posicionamento a partir do momento que passaram a frequentar as aulas.

Mirtes Vieira diz que hoje é mais ativa, consegue falar em público e dar sua opinião sobre as coisas. Ainda afirma que, se tivesse o estudo que seus filhos têm, ninguém a seguraria.

Já segundo João Pedro, o estar na escola, se relacionar com os outros colegas, fez dele uma pessoa mais ativa e mais sociável. Conforme sua percepção, estar na escola faz com que as pessoas compreendam melhor as coisas. Elas passam a ter mais conhecimento, passam a conhecer os seus direitos e os seus deveres.

Teve um tempo, aí foi preciso eu pará de estuda, pra ajudá minha família, aí depois o tempo passou, aí depois eu peguei e voltei pra escola Padre José, estudando com a Meire, ela foi minha professora, ela falava assim das importância que tem na escola, pra gente prendê conhecê os deveres e os direito da gente, a, agora, na minha vida a escola é importante, a escola é muito importante pra mim, porque traiz, no, novas, novos conhecimento, a gente compreende as coisa miô, e, e é bom também pra qualifica pro trabalho. (informação verbal)²⁴

Para Sônia Oliveira, quem não frequenta a escola é ignorante. “É ruim não saber das coisas. É ruim não saber ler e escrever, pessoa ignorante é ruim demais. É cumu falo pa Fernanda. Eu só quiria aprendê. Matemática era mai miô, fazia na hora, leitura era difícil”. Maria Antonieta se coloca como sendo uma pessoa ignorante.

A minha vida criatura, é, na, na, no, no, puca de se o tempo antigo, ne, minha vida era muito difíci, muito difíci, pai não dava amor, mãe não dava carinho, ne, num tinha assim cumprimento, ne, só enxada, só trabalhar, só na roça. Eu pra, pa, negó de roça eu sei de tudo, sei de tudo, já mexi com tudo. Maisi, otas coisa eu num sabia nada, sabe? Meu pai num ensino a costura, num ensino a fazê nada em casa, mulher, né. Não tinha preferência de mulher e de home, nois era a mais velha, tudo na enxada e tudo de boca calada, né, ninguém respondia, ninguém reclamava, ninguém falava q tasse c fome, ninguém falasse q tasse c uma dor, se tivesse, num calado, né, e so obedecê, né, que tinha q obedecê ali. E, a mi, e a u, mi, e, e, a gi, e, e, infância não tinha, é só, ce nem sabia disso, só, que precisava de brincar, que precisava de, de amor, de carinho, precisava de cumprimento, precisa que nem hoje assim, a gente fala que precisa tratar das criança, puque isso que la, nói tinha nada disso la, noi num tinha nada disso, ne, num tinha, nói só era só trabaiá, e eis, e eis trabraiava tamem, braba, num tinha nada e num recramava tamém, tanão, num recramava, e só era acosturado ali, o. Brinquedo naum tinha de espécie alguma, nem sabia que existia brinquedo no mundo, nem podia cunversa, é anssim, falaa, de brinquedo, ma também num sabia. Dalila: A senhora nem sabia que existia? Nem sabia que existia, ansim muito ingnoranti, ne, num fui na iscola, puque tinha q trabaiá, tinha q levantá cedo e i pa enxada, e ter do sol, e entra de segunda a sábado, e, e,

²⁴ Entrevista realizada com o aluno do Projeto Machado Alfabetizado, João Pedro, em sua residência na cidade de Machado (MG), no dia 20/11/2011.

depois chega dia de domingo, ne, faa, a gee, a gente fazia queijo, tira leite né, e corta u, lá no mato, corta a bassora p barrê casa, ne, e a mãe brava tamém, aah num tive infância não. E, e fico nessa memo aí, só, só obedecendo.(informação verbal)²⁵

Os sujeitos expressam claramente em que medida a aprendizagem da leitura e da escrita influi em suas vidas. Apesar da supervalorização do conhecimento escolar se expressar em alguns momentos por meio de ideias vagas e difusas, isso se apresenta com mais clareza quando os sujeitos abordam suas concepções de alfabetização. Para eles, alfabetização é aprender a ler, a escrever e a fazer contas, mas também inclui saber posicionar-se em momentos distintos.

A aluna Mirtes Vieira disse que antes não conseguia preencher uma ficha para arrumar emprego em uma fábrica de calçado e que hoje já é capaz. Afirma, ainda, que hoje lê a Bíblia em voz alta no catecumenato, coisa que não fazia antes de voltar a estudar.

Eu pensava assim, agora eu vou pra escola, agora eu posso ler a bíblia posso ensinar dever pras crianças, posso parar de chamar os fio da Ana os fios do vizinho pra ensinar meus fios fazer o dever, aquilo devia porque eu não sabia insina pra lhes às veis ales falavam ,mãe ensina eu fazer o dever, muita vezes ia na Kátia pra ensina ele fazer, o Robi muitas vezes a Kátia ensinava, agora eu posso. Agora eu posso insiná o Chistian daí eu prendi os estudos, da agora. Faço as contas aprendi um pouco pra ensina o Chistian, ai eu fiquei mais contente di estuda lá no projeto à noite.

O aluno João Pedro falou que alfabetização é conhecimento, é saber ler, é escrever carta e é interpretar músicas que ouve.

Eu pensava lê, escreve. Escrevê carta eu quiria, Dalila. Tenho amigo longe que mora lá no Paraná. Você sabe qui é longe. I eles manda recado eu queria manda recado preles. Hoje já sei mandá do meu jeito. Falo na igreja se sabe. Eu num falavu, num lia muito as Bibla que eu gosto, agora nossa Deus tô leno bem, falo po pastor que beleza sei lê a bibla. E antes de eu ir pra escola, teato, música, essas coisa, eu quase não ia, agora eu participo tamém de música, de teato, e os professor, lá dá purtunidade pa gente tamém, pra gente inlá a indo lá fazer pralesta, uma apresentação, de vez em quando a gente anda aí pa cidade tamém, veno alguma coisa, aveiz pede pra gente fazer um trabaio de filmage, essas coisa, falar, das festas que tem na nossa cidade, daquilo que tem, e daquilo que a gente gostaria que tivesse, então isso é muito bom, porque é um trabalho que a gente faz em conjunto, é muito bom a gente, fazer esse trabaio em conjunto.

²⁵ Entrevista realizada com a aluna do Projeto Machado Alfabetizado, Sônia Oliveira, em sua residência na cidade de Machado (MG), no dia 26/11/2011.

A aluna Sônia Oliveira disse que alfabetização é uma coisa boa e que a única coisa que ela queria era aprender a ler e a escrever, ler a Bíblia e o livro do padre Leo.

Eu, só pensu em aprendê leitura direitinho. Pessoa ingnoranti é muito ruim dimais. Eu só quiria aprendê. Matemática era mais mió, fazia na hora, leitura era difícil. Eu quase não entendia as coisa na cabeça. Eu rezava pá Deus ajudá eu aprendê bem. [...] Eu tenho um livro ai inté do padre Leo lá, e eu começava a rezá, sabe, aí rezano daqui dali, passava na Igreja, pedia pá Deus me ajuda, puque eu achava difíci, mas ai eu fui e aprendi um pouco sim lê o livro do padre Leo e a bibla. Dalila: A senhora acha que a alfabetização poderia mudar a sua vida? Eu acho que sim, eu acho que sim. Ai eu poderia ser... ter mai estudo, é o que eu falei pa Fernanda. A pessoa sofre menos, puque a pessoa sendo muito ignorante,a pessoa sofre muito. Sofre puque eu sofri muito. Puque assim eu não tive instrução de nada. Só sei da inxada, da inxada que eu ti falei, né, inxada eu sei de tudo.

O terceiro ponto a ser analisado está relacionado às mudanças que a alfabetização²⁶ provocou na vida dos alunos selecionados para a pesquisa. Analisando as repostas deles concluiu-se que houve mudanças conceituais, procedimentais e atitudinais na vida dessas pessoas.

As mudanças conceituais puderam ser notadas na medida em que os alunos mostraram capacidades de operar com símbolos, imagens, ideias e representações; as mudanças procedimentais, na medida em que se apropriaram de técnicas relacionadas à aquisição da leitura e da escrita; e atitudinais, na medida em que mudarem de postura, ao incorporarem novos valores, normas e hábitos relacionados à socialização e ao trabalho escolar.

Apesar do tom católico que limita as mudanças e a compreensão de mundo desses sujeitos, por meio dessas narrativas, foi possível perceber que a alfabetização realmente provoca mudanças significativas na vida das pessoas. No caso desses adultos, como narram as professoras, as mudanças aconteceram e foram percebidas durante o desenvolvimento do Projeto Machado Alfabetizado. Eles revelam em suas narrativas que aprenderam a ler e a escrever e ainda se tornaram pessoas mais ativas e comunicativas, capazes de resolver

²⁶“Existem duas formas segundo as quais comumente se entende alfabetização: ou como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como processo de representação de objetivos diversos, de naturezas diferentes. O mal entendido que deve estar na base da primeira perspectiva é que a alfabetização é algo que chega ao fim, e pode, portanto, ser descrita sob a forma de objetivos instrucionais. Como processo que é, no entanto,, parece-me antes que o que caracteriza a alfabetização é a sua incompletude, e que a descrição dos objetivos a serem atingidos deve-se a uma necessidade de controle mais da escolarização do que da alfabetização. De fato a alfabetização está intimamente ligada à instrução formal e às práticas escolares, e é muito difícil lidar com essas variáveis separadamente. Por esse motivo, muitas vezes se descreve o processo de alfabetização como se ele fosse idêntico aos objetivos que a escola se propõe enquanto lugar onde se alfabetiza” (TFOUNI, 2004, p. 15).

situações simples do cotidiano como fazer compras sem auxílio de terceiros, pagar contas, preencher uma ficha para candidatar-se ao um emprego e ler a Bíblia.

A aluna Mirtes Vieira narra que aprendeu a ler e a escrever e que hoje já é capaz de preencher sua inscrição para pleitear um trabalho, coisa que antes não era capaz de fazer. Segundo Mirtes, ela perdeu o emprego na fábrica justamente por não saber preencher a ficha com seus dados pessoais para poder passar pelo processo de seleção.

Um dia eu ia arrumar serviço na fábrica de tênis, lá em baixo. Ai a moça falô assim: cê que preencher essa ficha, ai eu não pude preencher porque eu não sabia. Não sabia fazer conta de dividir. Então agora eu falei, em qualquer lugar eu apresento, e quando tiver papel pra assinar eu já sei. Quem não sabe Lê é muito triste, só Deus que sabe o que a gente passa. Até hoje, assim, assino meu nome, eu nunca vou mudar sempre vai ser assim né, uma letra feia.

O aluno João Pedro narra que seu desejo era escrever carta para seus amigos que moram no Paraná e ler a Bíblia e que hoje ele já consegue fazer isso.

Escreve carta eu quiria Dalila. Tenho amigo longe que mora lá no Paraná. Cê sabe qui é longe. I eles manda recado, Eu quiria manda recado preles. Hoje já sei manda do meu jeito. Falo na Igreja cê sabe. Eu num falava, num lia a Bibla que eu gosto, agora nossa Deus tô leno bem. Falo po pastor que beleza sei lê a bibla. I antes de eu i pa escola eu não lia.

A aluna Sônia de Oliveira, em suas narrativas, afirma que também conseguiu aprender a ler e a escrever apesar da idade já avançada.

Eu aprindi lê e eu quiria, tenho um livro do padre Leo, sabe, Dalila, e melhor nisso. Sei fazê compra direitinho, cunheço as nota de dinheiro, prata, tudo. É o qui eu quiria. Ver no relógio eu só sabia naquele outro sem ponteiro. Hoje sei um montão de coisa. Foi bão, lá na roça não tinha nada, nem cumida direito. Nunca tive escola nem nada.

Portanto frequentar a escola para esses alunos significa aprimorar seus conhecimentos, aprender e ensinar coisas novas, melhorar a qualidade de vida, a autonomia e, principalmente, a autoestima. Embora isso não signifique refletir sobre sua condição social e sobre possibilidades de mudanças na sociedade e no *status quo*. A convivência intergeracional propiciada e a frequência às aulas de alfabetização fazem com que a escola passe a ser reconhecida como um espaço de encontro, de sociabilidade, de convivência com outras faixas

etárias construindo uma esfera de amizade ativa e favorecendo, então, a construção de uma identidade (católica e não questionadora) e de laços afetivos entre gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se com esta pesquisa que o *Manual do Professor* (1993), do Método Dom Bo de Educação de Base, elaborado, na década de 1960, por padres da Congregação Salesiana e uma freira, tinha como objetivo alfabetizar jovens e adultos, na perspectiva do catolicismo, utilizando um método que prescrevia e racionalizava a prática pedagógica de alfabetizadores que com ele trabalhavam.

É importante ressaltar que, dentre os movimentos lançados com o objetivo de divulgar a cultura popular e erradicar o analfabetismo, somente o Movimento de Educação de Base (MEB) era ligado diretamente à Igreja Católica. Assim como o *Manual do Professor* (1993) do Método Dom Bosco de Educação de Base, outras iniciativas para alfabetizar jovens e adultos surgiram no mesmo período: Os Centros Populares de Cultura (PCPs); os Movimento de Cultura Popular (MCPs); o Movimento de Educação de Base (MEB, fundado em 1961, pela Confederação dos Bispos do Brasil – CNBB); o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL); a Fundação Educar (Fundação Nacional de Jovens e Adultos, fundada em 1985, no governo de José Sarney); o Mova (Movimento de Educação de Jovens e Adultos criado em 1989, por Paulo Freire no governo de Luiza Erondina); o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC, fundado no ano de 1990 no governo de Fernando Collor de Mello); O Plano Nacional de Educação para todos (1993, fundado no governo Itamar Franco), o Programa Alfabetização Solidária (1997, fundado no governo Fernando Henrique); o Programa Brasil Alfabetizado (Fundado em 2003, no governo de Luíz Inácio Lula da Silva).

É importante afirmar que, dentre os movimentos que se empenharam para a erradicação do analfabetismo no Brasil, tiveram sucesso os que estavam ligados ao pensamento de Paulo Freire, o qual acreditava na Educação como “Prática de liberdade”. Para ele, a educação deve libertar os cidadãos. Deve fazer deles seres capazes de repensar e reconstruir suas vidas, a partir de uma reflexão crítica da sociedade em que vivem. É importante também compreender que, dentre os movimentos citados nesta pesquisa, o Mobral e a Cruzada da Ação Básica são movimentos que seguiram posições contrárias às ideias de Paulo Freire por estarem ligados a uma prática pedagógica que não permite a construção dos sujeitos como seres capazes de participar da construção de uma sociedade mais justa. Partiam de uma prática pedagógica denominada por Paulo Freire de “Educação Bancária”.

O Método Dom Bosco, embora tivesse alguns pontos em comum com o Método Paulo Freire, indica uma prática pedagógica prescrita, enquanto esse enfatiza a educação como

libertação dos sujeitos e não reprodução de uma prática social dominante, aquele oferece uma prática pedagógica prescrita e racionalizada, pronta para ser aplicada, o universo vocabular já aparece prescrito no método.

O objeto desta pesquisa, o *Manual* (1993), foi criado no seio da Igreja Católica e que, assim como os demais movimentos citados nesta pesquisa, também tinha como premissa alfabetizar jovens e adultos, só que tendo como pano de fundo a evangelização.

Analisando as narrativas de alunos e professores que participaram do Projeto Machado Alfabetizado, concluiu-se que professores e alunos tiveram boa relação com o Método Dom Bosco de Educação de Base, ou seja, os alunos narraram que conseguiram atingir seus objetivos, pois aprenderam, sim, a ler e a escrever e a fazer contas. E que frequentar as aulas de alfabetização trouxe mudanças significativas para as suas vidas. Nas narrativas dos alunos entrevistados, ficou claro também, que a alfabetização para eles significou ler e escrever. As pessoas que não sabem ler e escrever, no entendimento desses alunos são pessoas ignorantes. Percebe-se que esses valorizam muito o saber escolarizado.

Já as narrativas das professoras deixam claro que, apesar de terem sido treinadas para trabalhar com o *Manual do Professor* (1993) do método Dom Bosco de Educação de Base, lançaram mão de outros materiais para alfabetizar além das prescrições do *Manual* (1993). Disseram que gostavam de contextualizar a palavra geradora, dialogar com os alunos. E, quanto à concepção de alfabetização, logo narraram que alfabetização, para elas vai além da leitura do código linguístico, ou seja, ler significa ler o mundo. Isso significa que alfabetização para essas professoras significa saber lidar com situações simples do cotidiano. Conclui-se que a alfabetização para elas acontece na perspectiva do letramento. Ler significa ler o mundo e não somente ler palavras vazias. Investigar os processos do aprender é importante para compreendermos como homens e mulheres se organizam na vida. Seu modo de ser e estar no mundo.

Ter desenvolvido esta pesquisa foi um desafio para mim, visto que trabalhei como alfabetizadora no Projeto Machado Alfabetizado. Assim como as professoras que narraram suas histórias, eu também fui preparada para reproduzir as aulas prescritas no *Manual* (1993). Foi difícil separar o objeto de pesquisa da história vivida com ele. O desafio foi desgarrar de minha história como alfabetizadora de jovens e adultos e assumir a postura de pesquisadora. Aquela que analisa a história, mas não julga. Só depois de assumir a posição de pesquisadora, pude compreender as palavras de Choppin (2002): “Os livros didáticos não são apenas instrumentos pedagógicos: são produtos de grupos sociais que procuram, por intermédio deles, perpetuar suas identidades, seus valores, suas tradições, suas culturas”.

É importante ressaltar que o conteúdo do *Manual*, reflete a ideologia de Dom Bosco que é educar orientando para Cristo, visando formar bons cristãos e honestos cidadãos. Desenvolver uma educação baseada na razão, na religião e na *amaravolezza*. O *Manual* está muito ligado à minha história de vida, à minha relação com alunos e professores que tiveram contato com o método. Esta pesquisa tem muita ligação com o meu percurso, com a minha história. Assim como já pontuamos os no início dessa dissertação, Ariès mostra que a história é inseparável do historiador ao destacar a importância de sua infância nas suas escolhas de pesquisa. Quando fala de sua mãe e da de um irmão em um campo de batalha no final da guerra, das providências a serem tomadas para o traslado do corpo, o historiador mostra que o sujeito, é quem faz a história.

REFERÊNCIAS

ADLER, Mortimer; VAN DOREN, Charles. **A arte de ler**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ALVARENGA, Maria Soares de. **A Política dos outros na produção de sentidos sobre a formação de professores de jovens e adultos**. Educação em foco: Juiz de Fora, v.16, n. 2, p.11-38, set. 2011/fev. 2016.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

AULETE, Francisco Júlio de *Caldas*. Cartilha Nacional: methodolegographico para aprender simultaneamente a ler, escrever, ortographar e desenhar. In: BOTO, Carlota. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 493-511, set./dez. 2004.

AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco no Brasil**. Barbacena: Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, 2000. v. 1.

_____. **A obra de Dom Bosco no Brasil**. Barbacena: Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, 2002. v. 2.

BARROS, Lélío de. **Alfabetização de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: Instituto EuvaldoLodi, 1995. 40 p.

BARROS, Lélío de; ALMEIDA, Tiago de; MAYRINK, Anna Maria. **Lendo a vida – 2: Supletivo para adultos**. Centro SDB de Educação de Base. Belo Horizonte, 1971.

BAYCE, R. **Evolucion de laplanificación global y laplanificación educacional em el Brasil: modelos de relación entre ellos**. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (Iuperj), 1976.

BEISIEGEL, Celso de Rui. Paulo Freire. In: FÁVERO, Osmar (Org.). **MEB- Movimento de Educação de Base Primeiros Tempos 1961-1966**. Portugal. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/meb_historico.pdf>. Acesso em: 19 out. 2011.

BITTAR, Mariluce. **Política de Educação na região de Mato Grosso e a influência da congregação**. Disponível em: <<http://www.brasa.org/sitemason/files/aXqIzm/Bittar%20Mariluce%20.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2010.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T. A. Editor, 1998.

BOTO, Carlota. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 493-511, set./dez. 2004.

_____. Civilizar a infância na Renascença: estratégia de distinção de classe – II. In: LAUAND, Jean et al. **Filosofia e educação: estudos 12**. São Paulo: Factash, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Educação Popular**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense. 1985.

_____. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Nova Cultural. Brasiliense, 1985.

BAYCE, R. **Evolucion de laplanificación global y laplanificación educacional em el Brasil: modelos de relación entre ellos**. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (Iuperj), 1976. In: CARVALHO, Marlene. **Primeiras Letras Alfabetização de Jovens e Adultos em Espaços Populares**, 2009.

CHERVEL, Andre. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Porto Alegre: Teoria & Educação, 1990. v. 2, p. 177- 229.

CHOPPIN, Alain . História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa** – Revista da Faculdade de Educação da USP. São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 30, n. 3, p. 564-565, set./dez. 2004.

_____. O Historiador e o livro escolar. **Revista História da Educação**. Pelotas: UFPel, n. 11, abr. 2002.

COMENIUS, Iohannis Amos .**Didactica Magna**. Versão para eBook eBooksBrasil.com Fundação CalousteGulbekian, 2001. p. 464 – 477.

DAMAS, Luiz Antônio Hunould. **A preventividade na educação salesiana**. São Paulo: Editora UCB, 2004.

_____. A preventividade na educação salesiana. In: ENGUITA, Mariano Fernandes. **Trabalho, escola e ideologia: Marx e a crítica da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ENCÍCLICA *Rerum Novarum*. Disponível em: <www.jurassicos.com.br/leao_XIII/rerum_novarum.html>. Acesso em: 19 out. 2011.

ENGUITA, Mariano Fernandes. **Trabalho, escola e ideologia: Marx e a crítica da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 9. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2001.

FÁVERO, Osmar (Org.). **MEB- Movimento de Educação de Base Primeiros Tempos 1961-1966**. Portugal. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/meb_historico.pdf>. Acesso em: 19 out. 2011.

FILHO, Lourenço. **Coleção Educadores do MEC: Introdução**. Recife: 2010. p. 13-18.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Coleção Educação e Comunicação, v. 1).

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Educação e Comunicação, v. 1).

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: Introdução à Pedagogia do conflito**. 6.ed. Porto Alegre: Cortez, 1985.

_____. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Magistério – 2º grau. Série formação do professor).

GOODSON, Ivor. **Currículo, Narrativa e o Futuro Social**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 35, maio/ago. 2007.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Aval. Pol. Publ. Ed.** Rio de Janeiro, v. 14, p. 27-37, jan./mar. 2006.

JÚNIOR, Paulo Ghiraldelli. **História da Educação – Coleção Magistério: 2º grau. Série formação do professor**. Ed. Cortez, São Paulo 1991.

KLEIMAN, Angela B. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 525-539. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges.

LOPES, Eliane M. O aprendiz de feiticeiro e o mestre historiador: quem faz a história. In: STEPHANOU, Maria.; BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 19-31.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação – da Antiguidade aos atuais dias**. In: BITTAR, Mariluce. **Política de Educação na região de Mato Grosso e a influencia da congregação Salesiana** Disponível em:

<http://www.brasa.org/_sitemason/files/aXqIzm/Bittar%20Mariluce%20.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2010.

MONARCHA, Carlos. **Laurenço Filho**. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Massangana, 2010.

MOURA, Pe. Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil: passado, presente e futuro**. São Paulo: Associação Nacional de Mantenedoras de Escolas Católicas do Brasil – Loyola, 2000.

NÓVOA, António et. al. **Vidas de Professores**: Coleção ciências da educação. 2. ed. Porto-Portugal: Porto, 2007.

OLIVEIRA, Valéria Rodrigues de. **Solidariedade e ação social da igreja católica no enfrentamento da questão social**: um estudo a partir da referência de encíclicas papais. São Luís – MA: s/n, ago. 2005.

PAIVA, Vanilda. **História da Educação Popular no Brasil**: educação popular e educação de adultos. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

PEREIRA, Jacqueline Mary Monteiro. **A Escola do Riso e do Esquecimento**: Idosos na Educação de Jovens e Adultos. Juiz de Fora: Editora Educação Foco, v. 16, n. 2, p. 11-38, set. 2011/ fev. 2012.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 4. ed. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1986. (Coleção educação contemporânea).

PORTELLI, Alessandro. Formas e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 14, p. 7-24, 1997a.

_____. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 14, p. 25-39, 1997b.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 14, p. 13-50, 1997c.

QUERIDO, Débora Maria Marcondes. 2011. **A implantação do Sistema preventivo em São Paulo**: a especificidade de sua aplicação no liceu Coração de Jesus. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação USP, São Paulo, 2011. *Apud* BRAIDO, Pierre. **Coisas ditas**. 1. Reimp. da 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RIOS, Zoé; LIBÂNIO, Márcia. **Da escola para casa**: Alfabetização. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Noções de História da Educação**. 12 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. 388 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156 p.

SILVA, Kalina Wanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 128 p.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 47).

VALDEMARIN, Vera Tereza; Campos Daniela Gonçalves do Santos. **Concepções didáticas e Métodos de Ensino**. 1. ed. Araraquara/SP: Paiéia, 2007.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educar para transformar: Educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base**. Petrópolis: Vozes, 1984.

FONTES

ALMEIDA, Tiago de; BARROS, Lélío de. **Método Dom Bosco (s.d.b): de educação de base –Manual do Monitor**. 4. ed. Rio de Janeiro: s/n, 1971.

ALMEIDA, Tiago de. *et al.* **Método Dom Bosco de Educação de Base: Alfabetização de Jovens e adultos – Manual do Professor**. 8. ed. Belo Horizonte: Inspetoria São João Bosco, 2001.

_____. **Método Dom Bosco de Educação de Base: Alfabetização de Jovens e adultos – Manual do Professor**. 5. ed. Belo Horizonte: s/n, 1993.

_____. **Método Dom Bosco de Educação de Base: Alfabetização de Jovens e adultos – Manual do Professor**. 6. ed. Belo Horizonte: s/n, 1996.

ALMEIDA, Tiago de; BARROS, Lélío de; MAYRINK, Anna Maria. **Lendo a Vida**. Rio de Janeiro: Sono - Viso do Brasil, 1971.

BARROS, Lélío de. **Alfabetização de Jovens e Adultos – Manual do Orientador de Alfabetização**. Rio de Janeiro: Instituto EuvaldoLodi, 1995.

BARROS, Lélío de; ALMEIDA, de Tiago e MYRINK, Anna Maria. **Lendo a vida: Supletivo para adultos**. Belo Horizonte – MG: Centro SDB de Educação de Base, 1971. v. 2.

JORNAL FOLHA MACHADENSE. Machado: Grafica Editora Machadense, n. 224, 25/02/2009.

INSPETORIA SALESIANA DE SÃO PAULO. **Sistema Preventivo e Direitos Humanos**.. São Paulo: Pastoral Juvenil Salesiana da Inspetoria Salesiana de São Paulo, 2009. (Coleção Protagonista).

ANEXOS

ANEXO I - Memorial

Meu nome é Dalila da Cruz Silva. O meu contato com a escola teve início muito cedo, sou a décima primeira filha de José da Cruz Silva e Anésia Aureliano Silva, um casal, que apesar de toda dificuldade financeira, fez com que todos os seus filhos tivessem chance de estudar. Como meus pais não tiveram chance de estudar na idade própria, pois começaram a trabalhar ainda crianças para ajudar no sustento da família, eles sempre foram muito preocupados com a formação dos filhos. Meu pai é carteiro aposentado e conseguiu terminar, no período noturno, o 4º ano ginasial, antiga oitava série. Já minha mãe terminou o quarto ano (quarta série primária), no período noturno, na Escola Estadual Gabriel Odorico na EJA (Educação de Jovens e Adultos), pois ela achava importante saber ler e escrever para resolver os problemas do dia a dia. Sempre morei na mesma casa, que fica de frente para uma pracinha, e do outro lado da rua moravam minha avó e minha tia. Tenho boas recordações daquele espaço, tudo era muito simples, mas muito acolhedor. Gostava muito de subir nas jabuticabeiras, correr atrás dos patos, das galinhas, escutar moda de viola que era a música ouvida pelo meu avô. Tenho lembrança de uma música que dizia assim: “ Moreninha linda do meu bem querer”. Um lugar muito especial onde passei toda a minha infância e juventude. Até hoje me recordo dos vizinhos mais antigos, dos meus amigos de infância, das brincadeiras na rua, do barranco onde eu costumava sentar em um papelão e escorregar na grama, dos ensaios para o carnaval, dos sábados que eu ia ao clube da historinha, dos momentos em que via os adultos confeccionando suas fantasias para os desfiles, dos gritos de carnaval embalados pela banda do Nenê no Clube Recreativo, me recordo do quanto era divertido ir para a escola sempre de turma, pois, éramos muitas crianças com idades aproximadas e estudávamos no mesmo local.

A primeira escola, onde estudei, está localizada na zona rural da cidade e eu nem tinha idade para frequentá-la. Eu ia para a escola por vontade própria, pois nem matriculada eu era, gostava de ir junto com a minha irmã, toda manhã, de Kombi, era uma Kombi, branca que levava os professores para as escolas da zona rural, e, com isso, acabei sendo alfabetizada muito cedo. Essa escola se localizava no bairro Trezentos e atendia também alunos dos bairros vizinhos. Era cercada de arame farpado, o que impedia que as vacas que pastavam por

ali entrassem naquele espaço. O recreio acontecia nos arredores das salas de aula sob olhar atento das professoras. Essa escola atendia alunos do 1º ao 4º ano e contava com duas professoras que trabalhavam em turmas multisseriadas. Uma professora trabalhava com a alfabetização e a outra com os 2º, 3º e 4ºanos. A cartilha utilizada para a alfabetização era *Caminho Suave*. A minha professora se chamava Terezinha, ela era leiga (professora prática como costumam falar na minha região) o que não impediu que eu fosse alfabetizada. A sala de aula tinha a seguinte disposição: as carteiras, uma para cada dois alunos,diferente do como é hoje, ficavam umas atrás da outras, o mobiliário era diferente do que é utilizado hoje, era uma carteira para cada dois alunos, existia até o lugar certinho para se colocar o lápis e as salas de aula tinham dois quadros para atender as necessidades dos alunos. De um lado ficavam os alunos mais adiantados e de outro os atrasados como se dizia naquela época por volta de 1979. Este tipo de escola era muito comum na região. Com a municipalização da educação em 1994, esse modelo de escola acabou, dando lugar às escolas nucleadas, com construções modernas, com pátios amplos, biblioteca e até salas de informática.

Quando deixei a escola rural fui estudar na Escola Estadual Gabriel Odorico, onde cursei os 1º, 2º, 3º e 4º anos. As 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries, cursei no Colégio Imaculada Conceição, escola tradicional, que durante um período de sua história só atendia ao público feminino, as alunas eram internas. Essa escola desenvolve seus trabalhos baseados em uma filosofia religiosa. No ano de 1988, esse colégio teve suas atividades interrompidas por conta de uma grande reforma, o que fez com que todos os alunos fossem transferidos para a Escola Estadual Iracema Rodrigues, antigo Colégio La Salle, escola fundada e administrada durante décadas pelos irmãos Lassalistas. Eles desenvolviam, também, seus ensinamentos embasados em uma filosofia religiosa. A atmosfera religiosa pode ser percebida, olhando os vitrais das janelas e pela imagem de uma santa que permanece até hoje no centro da escadaria que dá direto no corredor de acesso às salas de aula. Esse colégio durante um período também funcionava em regime de internato e atendia somente ao público masculino de várias partes do país. Sua construção é em forma de U e de uma janela desta escola é possível avistar todo o pátio. Terminei o segundo grau na Escola Estadual Iracema Rodrigues, onde terminei o curso de magistério (Normal de nível médio), onde hoje sou professora. Fiz minha primeira graduação em Letras, na Fundação Educacional de Machado, entre os anos de 1995 e 1997. No ano de 2006, graduei-me em Pedagogia. Meu primeiro emprego foi em uma creche (creche Sinai) onde trabalhava meio período, ajudando as crianças a fazerem os deveres de casa. Neste momento eu ainda era estudante do curso normal e esta foi a minha primeira experiência como docente. Nos anos seguintes, trabalhei na Educação Infantil, séries iniciais do ensino

fundamental, na Escola Especial onde permaneci por onze anos, e fui muito feliz apesar de todas as dificuldades do cotidiano. Na Educação de Jovens e Adultos (EJA) trabalhei como professora alfabetizadora entre os anos de 1994 e 2004, e logo em seguida como coordenadora pedagógica da EJA. Do ano de 2005 até 2008, como professora do projeto Escola em Tempo Integral da Escola Estadual Iracema Rodrigues. Nos anos de 2007, 2008 e 2009, professora do projeto PAV- Acelerar para Vencer que tem como objetivo atender alunos fora da faixa etária e com déficit de aprendizagem. Professora da disciplina de Metodologia para Educação Especial nos anos de 2009, 2010 e 2011.

Meu primeiro contato com o material analisado, Método Dom Bosco de Educação de Base, aconteceu no ano de 1994, momento em que a Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) tinha como Secretária de Educação, naquela gestão, a Professora Maria José Gonçalves, a qual fez uma mobilização para lançar uma grande campanha com o objetivo de alfabetizar jovens e adultos. Naquela época, o movimento recebeu o nome de Machado Alfabetizado. Ainda tenho lembrança do primeiro dia de aula, éramos duas monitoras por turma, e a minha companheira, que dividia a turma comigo, chamava-se Helaine Cristina Nogueira (da minha dificuldade em desenhar o tatu no quadro tema da primeira aula). A aula inaugural; a dificuldade que tínhamos que enfrentar para alocar alunos indo de casa em casa para fazer os cadastros, era uma correria porque toda casa tinha cachorro; a preparação para a formatura da primeira turma, foram grandes acontecimentos na minha vida. Nunca tinha visto antes uma mobilização tão grande. Recordo-me ainda do treinamento que recebemos das professoras da Fundação São João Bosco para a Infância (Funjobi), localizada na cidade de Belo Horizonte. Elas repetiam com idealismo as palavras de Paulo freire e isso nos fazia refletir sobre a importância da leitura para jovens e adultos que não tiveram chance de estudar na idade própria. Brisa era o nome dessa professora, era uma pessoa muito serena e discorria sobre o tema com os olhos marejados. Costumava declamar um verso que nunca esqueci. “Sonho que se sonha só é só um sonho. Sonho que se sonha junto é realidade”.

A formação Inicial e Continuada acontecia nos finais de semana. Os temas estudados eram referentes às aulas a serem desenvolvidas passo a passo segundo o manual do professor. Na Formação Inicial, a professora explicava como o monitor deveria conduzir seu trabalho e na Formação Continuada, os monitores como éramos chamados, fazíamos uma troca de experiências. Esse projeto funcionou entre os anos de 1994 e 1999. A partir dos anos de 1999, esse programa foi reorganizado e passou a se chamar Suplência Municipal Padre José de Souza, pois, o programa Machado Alfabetizado só trabalhava a alfabetização. Percebeu-se, então, a necessidade de criar uma escola de suplência para dar continuidade ao processo.

ANEXO II – Tabela com distribuição das turmas de alfabetização por bairros e tempo de duração da aula.

Nº	SUPERVISOR	MONITOR	Nº ALUNOS	Nº TURMAS	ENDEREÇO DA SALA DE AULA	HORÁRIO ATENDIMENTO	DIAS DA SEMANA	OBS:
20	Eliziana e Lúcia	Marluce Silvana	36	1	Barrurinho	7:00-9:00	5°, 6° e 7°	
18	"	Mônica	29	1	Canãã (Lampinho)	7:00-9:00	2°, 3° e 4°	Não compareceram todos
16	"	Adriana B. Luciana	27	1	Popoama (S. Antônio)	7:00-9:00	5°, 6° e 7°	N compareceram todos
14	"	Bernanda e Maria Nussa	25	1	Curimim (Parque exp.)	6:30-8:30	2°, 3° e 4°	

Nº	SUPERVISOR	MONITOR	Nº ALUNOS	Nº TURMAS	ENDEREÇO DA SALA DE AULA	HORÁRIO ATENDIMENTO	DIAS DA SEMANA	OBS:
21	Lúcia e Eliziana	Mônica	15	1	Maanaim	7:00-9:00	5°, 6° e 7°	
13	"	Marluce e Carla	40	1	S. Reis	7:00-9:00	2°, 3° e 4°	

ANEXO III – Ficha de acompanhamento do supervisor.

(Fundação São João Bosco Para A Infância.)
 Projeto Holístico da Esperança
 RELATÓRIO DE SUPERVISÃO

Supervisor Responsável: Eliziana Ap. dos Santos - Lúcia Keelma Campos Dias

Data: 18/4/95 Duração da supervisão: 40 minutos

Local: Fundação

Professor(es)/Monitor(es): Adriana e Silvana

FUNDAÇÃO SÃO JORGE BOSSO PARA A INFÂNCIA		
Projeto Holístico da Esperança		
RELATÓRIO DE SUPERVISÃO		
Supervisor Responsável:	Olivia Ap. dos Santos - Lucia Helena Campos Dias	
Data:	20/4/95	Duração da supervisão: 40 minutos
Local:	Barreirinho	
Professor(es)/Monitor(es):	Marluce Silvana	
Número de Alunos		
Matriculados:	38	Presentes: 36 Frequência média: 36
Observação sobre evasão:	Não tem evasão	

ANEXO IV – Ficha individual do aluno. Curso Básico da Leitura e da Escrita

Curso Básico da Leitura e Escrita 1ª etapa

Ficha individual do aluno

Nome do aluno: _____

APROVEITAMENTO

Registro dos progressos e dificuldades do aluno

Conteúdos curriculares	Português	
	Matemática	
	Cidadania	

Monitor.

ANEXO V – Atribuições do supervisor - PAJAMBO

ATRIBUIÇÕES DO SUPERVISOR - PAJAMBO

- . Participar de reuniões de capacitação e/ou de reciclagem, sempre que for convocado pela FUNJOBI.
- . Planejar, com antecedência, as atividades mensais observando:
 - a - Avaliação das atividades (programadas para serem executadas no mês anterior, registrando as atividades prioritárias, dentro do mês;
 - b - A elaboração de um cronograma de visitas às classes do Projeto em funcionamento;
 - c - O local comum a todos os interessados, do arquivo desse planejamento, para facilitar o seu manuseio.
- * Visitar 2 vezes por semana as classes do PAJAMBO para detectar os pontos a serem trabalhados.
- . Atender, em tempo *hábil*, as solicitações da coordenação/PAJ.
- . Orientar de forma direta e constante, os professores e as demais pessoas envolvidas no Projeto/PAJAMBO.
- * Manter a coordenação PAJAMBO informada quanto ao andamento das aulas, quinzenalmente.
- * Realizar treinamento e/ou reciclagens ou reuniões pedagógicas (andragógicas) com os professores do Projeto em funcionamento, mensalmente.
- . Manter uma pasta organizada e atualizada, possibilitando o acesso às informações necessárias, por outras pessoas, a qualquer momento.
- . Cuidar da conservação dos instrumentais recebidos da FUNJOBI.
- * Elaborar, semanalmente, o relatório mensal das atividades desenvolvidas durante o mês e conservá-lo na Pasta PAJAMBO.
- . Promover leituras, pesquisas que envolvam o conteúdo de educação e do Programa para sua auto-capacitação.
- . Mobilização constante para formação de novas turmas e sustentação das classes.
- . Atentar para a produtividade/acompanhamento.

finais
A palavra supervisão é formada pelos vocábulos super (sobre) e visã (ação de ver), indicando uma atitude de olhar com mais clareza uma ação qualquer, pode-se dizer que significa " olhar de cima " dando uma idéia de visão global.

Supervisão é um serviço técnico de caráter especializado através do qual se orienta um sistema, processa ou programa para atingir os seus fins (MOBRAL).

A Supervisão é parte integrante da estrutura da organização para a qual está a serviço. A prática da Supervisão envolve tomada de decisão que se relaciona diretamente à identificação de problemas, levantamento de possíveis alternativas de solução e escolha daquela (s) mais viável (is) de operacionalização.

A supervisão dinamiza a organização buscando sua melhoria e, maior produtividade em termos qualitativos e quantitativos; ela é um processo educativo porque através dela não só ensinamos mas também aprendemos. Proporciona uma aprendizagem mútua entre as pessoas envolvidas, dada a relação de troca existente.

Através da supervisão mantém-se aberto um canal de comunicação que dá condição à instituição de conhecer em que medida o trabalho se realiza de acordo com os seus princípios e com as necessidades das pessoas e população com as quais atua.

Através da supervisão há realimentação de todo o processo.

Forma de atuação:

Democrática: orientação contínua às pessoas responsáveis pelo desenvolvimento da ação - todos têm direito à supervisão e necessitam dela;

Cooperativa: trabalho em equipe envolvendo pessoas e grupos da população.

Deve-se fundamentar-se num profundo respeito às diferenças individuais:

Preventiva e Corretiva: visualização dos desvios ou pontos de estrangulamento que possam prejudicar o atingimento dos objetivos;

Derivada de uma situação real e não imposta.

Flexível: atendimento às necessidades individuais e grupais.

Cooperativa, planejada e sistematizada.

Investigadora, sempre um diagnóstico como ponto de partida.

Os sujeitos da supervisão (Supervisor e Supervisionados) trabalham juntos numa linha de diálogo, enriquecimento mútuo e crescimento profissional e é nesse relacionamento que está contida a dimensão educativa do trabalho de Supervisão.

O supervisor deverá ser um observador constante e participante, um avaliador e realimentador do processo educativo. Mergulhador constante na execução da ação com a finalidade de corrigi-la através da capacitação dos elementos executivos e das principais funções inerentes ao seu trabalho: planejamento, acompanhamento e avaliação.

O acompanhamento é o próprio cerne da Supervisão; isto porque acompanhar é observar e observar uma ação é zelar por ela.

O acompanhamento pode ser direto ou indireto.

No acompanhamento direto essa relação supervisora-supervisionado se dá face, e a forma mais efetiva. O acompanhamento indireto se processa através de instrumentais apropriados (relatórios) e informações.

A supervisão deverá ser:

Contínua e progressiva - Não esperar que ocorram casos graves para solucioná-las.

Organizada e planejada com antecedência.

Ter caráter profissional, evitando interferência na vida particular.

Liderança bem organizada, evitando favoritismo entre os membros do grupo.

Os supervisores devem conhecer o mais profundamente possível seu supervisionados; So prometer aquilo que pode cumprir, aceitar opiniões e manter-se atualizado.

Bibliografia:

Ana Maria Smul - Supervisão e Currículo

EDUCAR - Supervisão. (Alguns pontos para refletir)

Documentos e apostilas diversas.

Encontro Supervisores - FUNJOBI - Agosto /94

ANEXO VI – Cronograma de visitas às salas de alfabetização PAJAMBO

FUNDAÇÃO SÃO JOÃO BOSCO PARA A INFANCIA
Cronograma de visitas às salas de alfabetização - PAJAMBO

RESPONSÁVEL: M^{te} Olímpia MUNICÍPIO: Março e Abril ANO: 1995

Nº	NOME DO ALFABETIZADOR	ENDEREÇO DA SALA DE AULA	HOR. FUNC.	DIAS SEM.	1 ^o Sem		2 ^o Sem	
					V.P.	V.R.	V.P.	V.R.
1	<u>Alma M. Helena</u>	<u>Rua Belo Horizonte</u>	<u>18.30 às 20.30</u>	<u>X</u>	<u>X</u>			
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20								

OBSERVAÇÕES:

ANEXO VII – Relatório de Supervisão

Projeto Holístico da Esperança		1
RELATÓRIO DE SUPERVISÃO		
Supervisor Responsável:	_____	
Data:	Duração da supervisão	_____
Local:	_____	
Professor(es)/Monitor(es):	_____	
Número de Alunos		
Matriculados:	Presentes:	Frequência média: _____
Observação sobre evasão:	_____	

Plano de aula - Observação:	_____	

Relatório da visita		
1 - Objetivo:	_____	

2 - Avaliação:	_____	

3 - Sugestões dadas ao(s) professor(es)/monitor(es):	_____	

Relato Horizonte de _____ de _____ de 199 _____

**FUNDAÇÃO SÃO JOÃO BOSCO PARA A
INFÂNCIA -**
PAJAMBO — Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos
pelo Método Dom Bosco de Educação de Base.

Diagnóstico do processo de alfabetização

Nome do (a) monitor (a): _____
 Monitor componente da dupla: _____
Endereço da Sala: _____

Número de alunos da turma:	Mascul.	Fem.	Total
	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Média estimada da idade dos alunos:	<input type="text"/>		
Número de alunos desistentes:	<input type="text"/>		
Indique os motivos da desistência: _____			

Número de dias letivos por semana: **Quais?** _____
 Número de horas por dia letivo: **Data do início das aulas:** ____/____/____

Como a dupla de monitores desenvolveu o trabalho quanto a:

- 1- Planejamento das aulas: _____
- 2- Seu desenvolvimento na sala: _____
- 3- Ao tema da conversa: _____
- 4- Avaliação dos alunos: _____
- 5- Atendimento individualizado dos alunos mais lentos: _____

Relate as dificuldades encontradas no início dos trabalhos (do ponto de vista do monitor e dos alunos)

Monitor	Alunos

DATA ____/____/____

